

REVISTA DO ENSINO

(2.ª FASE)



DEPARTAMENTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
— — — ESTADO DE ALAGOAS — — —

Vol. I^o — 2^o SEMESTRE — Ns 3 e 4

— 1952 —

REVISTA DO ENSINO

(2.^ª FASE)



DEPARTAMENTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
ESTADO DE ALAGOAS

Vol. III — 2.^º SEMESTRE — Ns 3 e 4

— 1952 —

REVISTA DO ENSINO

RUA BARÃO DE ALAGOAS N. 441

MACEIÓ — ALAGOAS

Diretor:

PROF. IB GATTO FALCÃO

Secretários:

IVAN MALTA GATTO

Redatores:

PROF. ABELARDO DUARTE

PROF. DOMINGOS DE ARAUJO LIMA

PROF.^a MARIA DOROTHÉA CARNEIRO

PROF.^a MARIA HERMINIA LINS ROSA OTTICICA

PROF. ODORICO MACIEL

PROF. THÉO BRANDÃO

PROF. SEBASTIÃO DA HORA

PROF.^a FERNANDINA MALTA DE SOUZA

PROF. PADRE HUMBERTO DE ARAUJO CAVALCANTI



A Revista não endossa os conceitos emitidos em artigos
assinados e materia transcrita

REVISTA DO ENSINO

SUMÁRIO

	Pag.
Editorial	5
A Língua, o Povo e os Escritores — Abelardo Duarte	7
O Centro de interêsse — uma necessidade para a nossa escola (conclusão) — Maria Dorothea Carneiro	34
Fantoches como atividade escolar — Maria Herminia Oiticica	44
Dos Testes Pedagógicos — Georgete de Castro	49
“A página do Professor” — Secção de Pesquisas Educacionais	55
Leitura e Linguagem no Curso Primário	
I. N. E. P.	59
Social	105

CASA ESCOLAR

Se a grandeza de um povo se mede pelo grau de sua educação, verdade é que, tanto mais progride o setor da Educação quanto mais este povo se encontra desenvolvido.

Começa de se realizar nas terras das Alagoas uma reestruturação de base, atingido em plenitude os problemas de nossa terra.

É isto, resultado magnífico da ação operante e eficaz de um Governo, que não se preocupa, apenas com os trabalhos estritamente administrativos, mas que alarga o raio de sua operosidade, dedicando-se à recuperação de elemento humano no setor mais importante e de maior repercussão, o setor educativo.

De há muito que precisávamos de uma obra de vulto, algo que viesse perfeitamente corresponder às exigências educativas de nosso Estado. E eis que este sonho vai se tornar realidade. E eis que após dias de preocupação do tempo, surge à nossa vista não como uma utopia nem como um sonho bonito, sem dúvida, porém irrealizável, mas como uma realidade palpitante que salta à vista de todos e que é uma prova evidente do trabalho de homens que sabem o que querem e realizam o que desejam, o "Centro Educacional". Não há quem não conheça a necessidade urgente de uma ampliação e de uma maior adaptação dos nossos edifícios escolares às exigências modernas no terreno da Educação.

Graças a entendimentos com o I. N. E. P. e a cooperação inestimável do eminente Professor Anísio Teixeira, em breves dias dar-se-á início à construção do Centro Educacional de Maceió.

Obra gigantesca pela beleza do planejamento arquitetônico confiado ao notável arquiteto baiano Diógenes Rebouças e segurança de sua concepção pedagógica e superior sentido cultural esta iniciativa representará um divisor de águas na história educacional de Alagoas e será documento da capacidade realizadora de um Governo voltado para as realidades mais profundas da cultura de um povo.

Vamos proporcionar aos nossos jovens adolescentes ambiente studável de estudo e trabalho acorde com as modernas conquistas da ciência educacional e o índice cultural de nossa civilização.

Compreenderá o Centro Educacional um conjunto de vários edifícios e construções distribuídos em vários núcleos a saber:

a) — NÚCLEO ADMINISTRATIVO — compreendendo: Administração, Restaurante e Serviços Gerais;

b) — NÚCLEO DE ENSINO — compreendendo: Escola Normal, Escola de Aplicação e Escola Secundária (Ginásio e Colégio) e Escola Profissional;

c) — NÚCLEO DE ARTE E TRABALHOS MANUAIS — compreendendo: Pavilhão de Música e de Artes Plásticas e Oficinas de Trabalhos Manuais;

d) — NÚCLEO CULTURAL — compreendendo: Biblioteca, Auditório e Teatro, Parques e Jardins;

e) — NÚCLEO ESPORTIVO — compreendendo: Ginásio coberto, Serviço Médico e Biométrico, Campo e Pistas de Atletismo e Competições e Anexos.

Na mesma zona será também localizado o edifício do Colégio Estadual, dentro das mais modernas normas pedagógicas e arquitetônicas.

Terá assim o centenário Liceu Alagoano solucionado o crucial problema de prédio condigno e ambiente propício ao desenvolvimento intelectual dos nossos jovens.

Resta que os professores pelo trabalho, pela pesquisa, pelo estudo continuem a obra. E, se assim acontecer, o Centro Educacional além de um motivo de beleza arquitetônica será uma colmeia de trabalho em prol da cultura da terra.

A LÍNGUA, O POVO E OS ESCRITORES

ABELARDO DUARTE

“A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros;
Vinha pela bôca do povo, na língua errada do povo,
Língua certa do povo,
Porque êle é que fala gostoso o português do Brasil”.

Manuel Bandeira

INTRODUÇÃO

Não se faria preciso, para ser coerente e sincero, que vos dissesse, de início, da minha admiração por esta Casa. Quero afirmar-vos com isso que as apreciações justas ou injustas sôbre esta ilustre companhia não modificaram o conceito que dela posuo. Costumo não dar ouvidos aos que se desmandam em negá-la ou aos que se excedem em elogiá-la. Entretanto, não a julgo um tabu ou coisa inviolável, numa república de letras, mas também e com maiores razões não a considero uma instituição à altura de qualquer crítico improvisado. Permiti que vos fale com essa franqueza, pois já conheceis de sobra o meu juízo sôbre vós e sôbre esta Academia.

Aspirei à glória acadêmica, que recebo como o maior prêmio de minhas atividades nos domínios das letras, não para mudar de rumo na vida literária. Pretendo ser aqui, literariamente falando, o que sempre fui lá fóra. Não vos decepcionará, pois, este discurso sem preocupações nem rebuscamentos de linguagem e de fórmula. Não quis parecer-vos diferente do que sou na realidade: policiando-me a mim mesmo, aboli intencionalmente todo o possível formalismo de linguagem, todo o refinamento de estilo, todo o artificialismo da frase ôca e empolada, pois deles habitualmente não me sirvo para exprimir o que penso. E para

que aparecer enfeitado-em-arco este
literário sou mesmo amigo da linguagem simples e sem requinte?
Com a consciência plena do seu valor e da perenidade da sua
obra, escreveu um dos gênios da humanidade — Horácio, o poeta
das Sátiras e Epístolas, nas suas Odes:—*Exegi monumentum aere
perennius*. Construiu-a o poeta com o ideal da eternidade, desa-
fiando os tempos, julgando-a mais duradoura do que o bronze.

Escritor honorário, que escritor de ofício não sou, pobre de-
mim, não me apresento com outras credenciais senão com aque-
las que vós já benévolamente julgastes. Escrevo por escrever,
como quem traz no sangue o germe de um mal incurável e here-
ditário, desses que zombam da terapêutica científica e das meizi-
nhas do povo. Profissional da medicina, busco justificar as mi-
nhas atividades e incursões no campo da literatura como uma de-
corrência natural do trato com essa ciência e justifico-as ainda
mais, lembrando-vos as palavras de A. de Almeida Prado: “en-
trelaça-se a medicina com tantos e tão importantes aspectos da
vida gregária, que lhe seria impossível isolar-se no círculo li-
mitado de suas funções puramente curativas”.

E não estou só nesta casa. Mandais ao meu encontro o ilus-
tre acadêmico e meu prezado confrade Theo Brandão, oficial do
mesmo ofício, médico como eu. Agradeço-vos a lembrança dessa
escolha, que mais me aproxima de Theo Brandão a quem já me
ligam afinidades de espírito no campo das ciências médicas e nos
estudos das ciências sociais, a que nos entregamos nos lazeres pro-
fissionais. Considero, pois uma honra excelsa esta que me con-
cedeis, senhores acadêmicos, de sentar-me entre vós!

A culminância deste lugar não chega porém, a turvar-me a
autocrítica nem a imortalidade literária me obnubila a consciên-
cia. Ao contrário do poeta latino, bem sei pesar a minha desvalia.
E os meus minguados esforços de escritor sei sopesar. Quero por
isso agradecer-vos a generosidade com que acolhestes o meu pe-
dido, sufragando-me o nome com a mais leal munificência.

NUMES TUTELARES

Se é exato que venho suceder a um filólogo, não contraio com
isso, perante esta casa, a obrigação de cultivar a opulenta ciência
da linguagem e de seguir, muito menos, o mesmo caminho, neste
particular trilhado pelo meu ilustre antecessor.

Com grande honra e desvanecimento, passo a ocupar nesta
Academia a vaga de Auryno Maciel. Profundo sabedor dos fa-
tos do nosso idioma, manejador seguro do vernáculo, professor e
humanista, historiador percuciente, tribuno cuja palavra encan-
tava pela segurança das idéias, apuro e equilíbrio jornalista com-

soube ser.

Um dos quarenta fundadores da Academia Alagoana de Letras, colocou Auryno Maciel sob o patronato de José Alexandre Passos, a quem chamou de Pai da Filologia alagoana, a sua cadeira, que tomou o número 5. A escolha deixa logo visível a sua predileção pela Linguística. Revela a sua indisfarçável vocação de vernaculista, indo buscar o grande, mas esquecido nome de José Alexandre Passos para escudar-se heráldicamente nas tertúlias acadêmicas. Dois nomes, que evidentemente representam uma tradição de saber filológico. E' com pesar, senhores acadêmicos, mas sinceramente que vos digo: vejo quebrar-se agora, na sucessão desta cadeira, tão notável transmissão de valores e conhecimentos linguísticos. Mas, não há mal que tal aconteça. São necessárias as diferenças entre os homens, como os seus pendores, as suas inclinações, as suas culturas, são mesmos necessárias até as diferenças físicas e mentais. Não quero com isso trazer para aqui graves problemas antropológicos, genéticos e sociológicos discutidos e agitados nestes últimos tempos para justificar, com a diversidade humana, a minha presença, pois, em verdade, não venho substituir a Auryno Maciel.

Do patrono desta cadeira o próprio Auryno Maciel traçou rapidamente, porém, de maneira magistral o perfil ilustre nestes períodos, que valem por uma síntese biográfica: "Não tendo logrado o gênio, o pai da filologia alagoana foi, todavia, dos melhores sabedores dos altos e baixos segredos da gramática do seu tempo. Gramática divinatória, de adivinhação, de palpite; mas era a que se fazia em Portugal e na França ainda muito tempo depois de se haver fundado a gramática ciência histórica. Afóra os clássicos de nossa língua, celebrados até a sua época, e de cuja linguagem se forraram as suas teorias, Passos tinha na sua vária biblioteca todos os gramáticos e lógicos portugueses e as maiores autoridades da filologia e da lógica francesa de então. Lá estava "La Logique" de Penelle, "La Logique" de Port Royal, "La Grammaire generale et raisonnée" da mesma célebre abadia, "La Grammaire des Grammaires" de Girault-Duvivier, que lhe deu modelo para o seu Dicionário gramatical, por muitos títulos superior ao de Felisberto de Carvalho, que já nasceu atrazadissimo; lá estava também o "Dictionnaire Grammatical", de Bettinger e Raymond, cujos passos seguiu igualmente com grande discernimento e proveito para a nossa literatura, sem esquecer o maior mestre da gramática francesa da época H. J. Chavée, com sua "Lexilologie indo-européenne..."

Se o velho alagoano José Alexandre Passos passou por ser um dos maiores mestres do vernáculo, pelos seus aprofundados

gramaticais do seu tempo, não menos o foi Auryno Maciel. Do primeiro, pode-se dizer que se tratava de um verdadeiro gramático no sentido mais amplo do termo; do segundo, mais cerebral, não há exagero em afirmar-se que não foi apenas filólogo, porém esteta e filólogo ao mesmo tempo.

Dois puros e firmes cultores do vernáculo dão, a esta cadeira que a vossa benevolência me entregou, uma aurifulgência incommum. Entretanto, impõe-se-me uma espécie de profissão-de-fé ou confissão linguística. Quero sagredar-vos ao ouvido mais ou menos isto: abomino o carrancismo gramatical. Não é a mesma coisa, porém, que vos dizer que endosso a desordem, a anarquia gramatical e compartilho do abastardamento do idioma. E longe de mim vir aqui pregar idéias que se chocam com os princípios conservadores desta Academia. Sou, sim, contra os que desdenham a contribuição do povo, a sua linguagem rica, móbil, viva, "língua errada do povo, língua certa do povo", como diz Manuel Bandeira, nas mutações da língua, que afinal é e não pode deixar de ser uma obra cultural. Sou, sim, contra os que ignoram ou fingem ignorar o gênio, o destino das línguas e subestimam a força irrepremissível, progressista e fatal dos contatos culturais, o papel do povo na renovação e revitalização da língua. Sou, afinal, contra os que vivendo neste século renegam o sociologismo linguístico.

Felizmente, senhores acadêmicos, estes dois nomes que aureolam de luz a cadeira n. 5, seus nomes totelares, não foram exemplos de fanatismo linguístico. Lavraram, como bons artistas, compreensivos e justos, moderados e conscientes, cada qual a seu modo e dentro do seu tempo, o terreno que todos nos empenhamos em vêr sempre bem cultivado para gáudio dos cultores do vernáculo e grandeza do patrimônio cultural que a língua representa. Sobretudo, o último, o nosso grande Auryno. Vivendo em outra época muito afastada da primeira, conservou êste zelo idiomático, mas não usou o lenço vermelhão de rapé nem pôs os óculos na ponta do nariz, como não teve as rabugices dos catadores de pronomes — esses cata-pronomes que tanto mal têm feito à nossa literatura, manietando-a nos seus movimentos expontâneos e naturais e ferindo-a nas manifestações da sua força original e criadora com seus golpes baixos e mesquinhos.

Auryno não foi um servo da gramática, prestando-lhe obediência cega e muito menos um intransigente espírito conservador. Basta que vos acrescente — o que é ainda uma maneira de provar a sua independência nestes assuntos —, era um filólogo lido em Dauzat e nos melhores autores contemporâneos em sua especialização. A sua inteligência, era um filólogo lido nessas fontes de est...

na contemplação dos modelos clássicos. Seguiu a corrente do pensamento renovador no terreno da ciência da linguagem, sem ser um iconoclasta.

A LÍNGUA PORTUGUESA E O POVO

Todos sabemos como ela nasceu, espúria, humilde, produto da corrupção do baixo latim falado pelo povo nos vastos domínios do Império Romano ou segundo Luiz de Camões,

“...língua na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a latina”

Foi desse latim vulgar, latim rústico, latim alterado e acrescido de novos elementos, que se individualizou o nosso idioma no século XII. Da mesma forma, tiveram origem espúria as outras línguas novi-latinas. Sob influências as mais diversas, o antigo idioma lusitano veio, porém no curso dos tempos, padecendo de novas alterações e acréscimos, através principalmente de fenômenos fonéticos e morfológicos, até chegar à situação atual de língua quase perfeita. A ação da corrente popular nunca cessou. Prosseguiu sempre. Passada a fase quinhentista, na qual os escritores portugueses se esforçaram em procurar as fontes maternas latinas, os cânones clássicos da lingua-máter, de que resultou uma forçada e excessiva latinização, nos séculos seguintes a língua perdeu um pouco da sua pureza adquirida, quase diria da sua força original, mas em compensação ganhou em simplicidade e conquistou o que é inegável, mais mobilidade, mais clareza, mais ductilidade, mais sonoridade. Reagiram porém, contra isso os escritores portuguêses e brasileiros, fiéis às raízes do idioma, nos séculos XIX e XX. Mas, não puderam — nem era possível — fazer sustar o movimento de libertação.

O surto renascentista, atingindo em cheio a literatura portuguesa, no século XVI, vai influir também na língua. Sua influência ocorre, porém, com os escritores latinizantes, num recuo ao casticismo. Na chamada idade de ouro clássica, surgem como modelos de vernaculidade Luiz de Camões, na poesia, João de Barros, na prosa, e Gil Vicente, no teatro, afóra os que seguiram o mesmo gosto arcáico no escrever. Na apreciação desse mundo denso que o humanismo e o renascimento fizeram brotar em Portugal, cabe sem dúvida um lugar à parte à poesia camoneana, não apenas a contida nessa obra de gênio, que é o poema épico oceanino — os “Lusíadas” —, epopéia de uma raça, canto de

um passado de glórias e lutas, poema em que se lê:
“... O peito ilustre lusitano
A quem Netuno e Marte obedeceram”.

mas, também, aos “Autos” onde o poeta condensou a mais viva
florescência da linguagem do povo, embora os escritores dessa
época, com a preocupação latinizante, criassem barreiras à
mutação linguística.

Mas, qual tem sido o destino da língua portuguesa no tempo
e no espaço? Ela não parou nem podia parar. Seria contra todas
as regras naturais.

Veio vindo por aí afóra e irá pelos séculos além. Veio vindo
com a plêiade de escritores do século XVII, de que se destacam
Francisco Rodrigues Lobo, Fr. Luís de Sousa, Pe. António Viei-
ra, Pe. Manuel Bernardes, Francisco Manuel de Melo, Diogo de
Paiva de Andrade Sobrinho e outros; com o grupo do século
XVIII, onde avultam os nomes de Matias Aires Ramos da Silva
Eça, autor das “Reflexões sôbre a Vaidade dos Homens”, Manuel
Maria du Bocage, Sebastião da Rocha Pitta, Basílio da Gama,
Pe. António Pereira de Figueiredo, autor da tradução da Bíblia
Sagrada, Tomaz António de Gonzaga. No século XIX, a língua
portuguesa contou com vultos do porte de Almeida Garret, Ale-
xandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Feliciano de Castilho,
Odorico Mendes, Machado de Assis, Latino Coelho, Eça de Quei-
roz, Ramalho Ortigão, Francisco de Castro e vários outros. To-
mou então maior plasticidade e apresentou-se sumamente enri-
quecida, se bem que não se possa dizer que todos esses escritores ti-
vessem atingido a um mesmo padrão da chamada pureza idiomá-
tica. No nosso século, nesse afã, enfileiram-se nomes e construto-
res como os de Ruy Barbosa, Carneiro Ribeiro, Carlos de Laet,
Leite de Vasconcelos, Carolina Michaelis, José Oiticica, Dom Silvé-
rio Pimenta, Laudelino Freire, Mário Barreto, Virgílio de Lemos,
Cândido de Figueiredo, Epifânio Dias, João Ribeiro, e muitos ou-
tros, e ainda o grupo que se vem dedicando à geografia linguísti-
ca, ao estudo dos nossos falares regionais, a que aludirei mais
adiante, e continuam no seu zelo pela manutenção da língua li-
terária ou erudita, ou a vivificam com a contribuição popular.

Sofreu inegavelmente a língua a influência dos que a mane-
jaram nesses séculos, sobretudo os monásticos. Já salientara com
admirável senso crítico Fidelino de Figueiredo que a prosa atin-
ge “perfeições supremas”

imaginação dorme"... A prosa modifica-se depois e reflete-se, todavia, sobre a língua quando, mesmo tratada por escritores monásticos ou místicos, do porte de um Pe. Antônio Vieira, tomam estes contáto com a realidade que os cerca. É o que Fidelino de Figueiredo nos salienta: "Só homens, que viveram intensamente a vida da ação, vitalizaram a sua prosa com inquietações salutares, como o Pe. Antônio Vieira, grande negação política obcecada de política, como D. Francisco Manuel de Melo, um realista e um modernista, em pleno século XVII". Mais uma vez se constata que o escritor não pode viver divorciado da vida mesma. Sua prosa e a sua linguagem têm, por um imperativo natural, de sofrer as mutações do choque das culturas. Não esqueçamos esse élo e não ocultemos por vaidade ou afetação que as línguas são produtos sociais, sujeitas, pois, às mutações. A própria língua portuguesa é um resultado disto.

"A língua representa a tradição do pensamento nos domínios de uma expressão geográfica, define-a magistralmente Clementino Fraga: "é a fatalidade dinâmica de intercâmbio da vida gregária em determinada região, sob o mesmo céu, num clima de civilização e cultura".

Seria impossível que a língua portuguesa permanecesse aqui imutável, paralizada. Tem-se afirmado que duas forças intervêm, decisivamente, na formação da língua: a que flui, natural, da boca do povo e a que dimana, artificial, da fonte erudita.

Trazido para outro ambiente físico e social, para um contáto cultural novo e estranho, o português, embora mantendo uma estrutura básica comum, não poderia fugir ou resistir ao choque cultural e social porque a "língua, longe de ser um organismo, é um produto social, disse o filólogo Serafim da Silva Neto, é uma atividade do espírito humano. Não é, assim, independente da vontade do homem, porque o homem não é uma folha sêca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega".

O povo intervem, pois nas modificações da língua. E é justamente essa contribuição simples e móvel que me parece interessante ressaltar. Contribuição que Machado de Assiz, mestre da língua, afirmou ser das mais genuínas quando, falando, certa vez, na Academia Brasileira, disse que caberia a esta defender a língua "daquilo que não venha das fontes legítimas — o povo e os escritores". Machado de Assiz colocou-o em primeiro lugar, deu-lhe a primazia na construção da língua, reparai bem!

Há sem dúvida a língua culta, literária, que nos compete zelar e renovar, trazendo-lhe a contribuição do povo. Nessa escolha é que reside toda a sabedoria dos que a devem preservar dos abusos, dos excessos, dos prejuizos. Nem a beleza literária está apenas nas expressões eruditas e conservadoras. Eliminar sem pre-

juízo da estética da língua, a literária ou erudita a plasticidade de um idioma vivo, mobil, e o que se deve fazer. Negar-lhe a contribuição do povo, impedir-lhe o contato cultural seria irrisório, se não fosse absurdo e estulto. Seria dar-lhe um brilho de caixão mortuário.

Muitos dos que hoje renegam alguns vocábulos que se vão incorporando à língua — galicismos, por exemplo, perfeitamente admissíveis — estão esquecidos das palavras verdadeiramente sensatas de J. Verissimo: "Os nossos galicismos de hoje serão purismos amanhã, como são hoje os dos nossos avós".

E o povo neste ponto é sapientíssimo: trata desde logo, ao adotar o vocábulo exótico, de tirar-lhe a feição, a marca original. Não espera pelos gramáticos e filólogos. Estes chegam sempre tarde e só para atrapalhar.

Joaquim Ribeiro, na "Estética da Língua Portuguesa", mostrou que "as formas clássicas da língua portuguesa são, de regra, solenes e enfáticas, quando não pesadas e obscuras. Os nossos autores clássicos, talvez por pouco ventilaram idéias, caíram lamentavelmente em fraseologias por vezes redundantes e excessivas. A ausência das idéias talvez neles provocasse o exagero de palavras...

"A literatura clássica da língua portuguesa possui, disse ainda, todos os estigmas das letras, que afloram sem a luz vivificante da liberdade de pensamento..."

Quero ainda valer-me da autoridade incontestada de Joaquim Ribeiro para, citando-o mais uma vez, defender a contribuição popular na renovação da língua: "Entre nós há uma malquerença desarrazoada contra a linguagem popular.

A forja linguística do povo não é tão desprezível assim. Dela tem saído muito instrumento aproveitável.

Além disso, quem conhece o destino dos vocábulos, que estão sempre numa contínua transformação fonética e semântica, sabe quão precária será a atitude de uma abominação nesse sentido. Vocábulo plebeu, tórpe até, amanhã adquire significado novo e se impõe na cidade aristocrática das letras".

A LÍNGUA E OS ESCRITORES

Dando uma conceituação própria, dele, à nacionalidade de uma literatura, assinalou Fidelino de Figueiredo: "A nacionalidade literária tem, pois dois alicerces essenciais, a pátria e a língua, e um escopo comum dominador, a emoção de arte". A pátria dá a matéria, com sua unidade moral, seus problemas internos e de relação, sua inquietude; a língua dá a forma, o instrumento de

Dentro neste conceito admirável, "teríamos que o ambiente próprio para uma literatura nacional principia aqui na Independência que ao lusitanismo originário vem sobrepôr um americanismo adquirido no quadro geográfico novo, para que transpusera a civilização portuguesa nos três séculos anteriores. Uma verdadeira Idade Média, forjadora de diferenciações nacionais. Tudo que está antes é uma introdução histórica e um departamento colonial da literatura portuguesa, um dos seus vários departamentos extravagantes em relação ao cenário central ou metropolitano, o africano, o asiático, o marítimo etc. Tudo o que vem depois é brasileiro, na medida que expressa um esforço de definição e conquista do espírito nacional pela assimilação da terra, da sua potência diferenciadora sobre o homem, e dos seus problemas novos, americanos e já não europeus. "Eis a realidade, dita sem rebugos e falsas apreciações.

Aquele instrumento de expressão de que nos falou Fidelino de Figueiredo, a língua, havia de diferenciar-se no novo quadro físico e social, para que fôra transportada, teria de sofrer os efeitos da "transculturação" para usar de uma expressão da Antropologia Cultural. A língua, com a criação da nossa verdadeira literatura, após a Independência, havia de receber, como recebeu também o influxo dessa renovação. Conservando-se a graça, a simplicidade, a elegância, da forma vernacular, há um afastamento das formas decalcadas, copiadas, forçadas dos clássicos lusos, um boleio novo no uso da língua por parte dos nossos escritos. Não se pode negar isso.

E não é sem propósito que Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) pergunta: "A língua é dos filólogos e gramáticos ou dos escritores?"

Incumbe-se o escritor e pensador magnífico, que êle é, de nos dar a resposta em termos perfeitos e claros: "E", em primeiro lugar, mas instintivamente, do povo. Em seguida, o menos que se poderá dizer, é que pertence conscientemente, com igual direito, a uns e outros, — os primeiros porque a defendem e consolidam; os outros porque a glorificam e impellem".

Evidentemente, "não é possível conceber a literatura sem forma, isto é, sem língua. Negar, portanto, aos escritores autonomia, ou pelo menos autoridade nesse domínio, é negar a própria literatura, logo a função mais nobre da língua e que mais enriquece a própria filologia".

Por isso considera-se Euclides da Cunha "o mais nacional dos escritores brasileiros, o mais perduradamente nacional", pela sua linguagem e pelo seu estilo, ambos trazendo uma acentuada marca de originalidade, uma maneira forte e expressiva de dizer as coisas, qualquer sentido novo no domínio das palavras e

flagrante indocilidade do meio e são a própria exaltação, afinal, da natureza dos trópicos.

O SOCIOLOGISMO LINGÜÍSTICO

Serafim da Silva Neto, a quem venho citando neste discurso, observa que "o desejo de fugir-se da expressão plebéia leva a não pequenos exageros que, não raro, se traduzem num modo de falar artificial e ridículo. Nasce então este fenômeno: o "purista". Os gramáticos — à falta de um critério rigoroso e uniforme passam a condenar arbitrariamente palavras e maneiras de dizer, cujo emprego, aliás, se pode admitir com boas razões". Nasce o purista, e nasce muitas vezes débilzinho e prematuro. Essa fuga à realidade é simplesmente condenável e inaturavel.

Há vocábulos na linguagem popular cuja força de expressão não se pode contestar. E quando se precisa muitas vezes de uma palavra mais incisiva ou expressiva ou de um termo mais vigoroso ou à justa, é na fala do povo, é na linguagem plebéia, que se busca.

O exemplo de Ruy Barbosa é frisante quando disse no seu verbo candente: "Esta bandalheira que outro nome não tem, porque, para tais falcatruas, as designações literárias já não servem..."

Na sua magnífica obra "A Língua do Nordeste", Mário Marroquim assinalou a situação de angústia em que nós, brasileiros, nos encontramos em relação aos cânones gramaticais, quando afirmou que "presos à gramática "portuguesa", somos vítimas de uma desintegração dolorosa de nós mesmos". Não conheço nada mais verdadeiro e expressivo.

Porém, da desobediência a esses cânones da língua culta, dessa libertação, já se incumbiram "os modernos escritores brasileiros que interpretam as cousas do Brasil" e que assim agem, explicou muito bem Mário Marroquim, "por ser essa a maneira de evitar a dissociação entre a sua obra e eles mesmos", vale dizer esse conflito entre o criador e a sua criatura.

De certo, a cultura da língua deve ser uma imposição da própria dignidade acadêmica, tradicionalmente conservadora. E nem venho pregar o contrário, mas, daí não se infere que da língua façamos um tabu. Não temamos pelo destino da língua portuguesa no nosso país. Ela já atingiu um período decisivo de renovação que não afetará porém, nem conspurcará a beleza idiomática. Vivemos um novo ciclo histórico-social e não podemos, decerto, apegar-nos, em matéria de filologia às concepções "gramaticais".

língua petrificada, quando são outras as tendências dos estudos linguísticos modernos, outro o clima espiritual e social em que vivemos, outras as circunstâncias mesológicas. Não vou venho falar aqui de língua brasileira e língua portuguesa, detestável querela aos quados renessa, com maior ou menor intensidade, pelos filólogos daqui e do outro lado do Atlântico. Não discuto — antes a aceito — a unidade da língua portuguesa. A renovação vocabular e tantas outras modificações (idiotismos, hybridismos, modismos etc.), introduzidas no português do Brasil estabelecem diferenças entre a língua falada aqui e em Portugal, porém, mantêm a unidade, o vínculo comum genealógico. Isto é um fato incontestável.

O evolucionismo foi o grande cavalo de batalha dos que apregoavam e ainda apregôam a tese da chamada língua brasileira. Essa doutrina cedeu, porém, à luz de novos e ponderáveis argumentos. Ao evolucionismo linguístico sucedeu o sociologismo linguístico. Não se compreende mais hoje, em face dos conhecimentos linguísticos, o anacronismo que tentava explicar pela evolução biológica as mutações da língua. Tal modo de ver ficou para trás. Estamos diante de argumentos novos e insofismáveis, de um novo método — o sociológico — aplicado à ciência da linguagem, de qual Meillet se sagrou o maior corifeu.

Não vou ao extremo de dizer que já construímos uma língua. Seria avançar demais. E não houve mesmo isso, porém, que as nossas tendências dialetológicas, as modificações da linguagem sob alguns aspectos e maximé, quanto à renovação vocabular e à sintaxe, expressam uma transformação em marcha, não podemos ocultar, embora essa mesma transformação não seja tamanha, que possa permitir, como conceituou Tristão de Athayde, já a redução de novos fatos a um sistema completo e geral. Não podemos prescindir do fator tempo".

Talvez mesmo, quando dermos conta de nós, através de um estudo mais amplo dos nossos falares regionais, quando recolhermos os nossos dialetos característicos, como fizeram os nossos ilustres companheiros Mário Marroquim com "A Língua do Nordeste" e Paulino Santiago com "Do nosso vocabulário popular" e outros, como Amadeu Amaral com "O Dialeto calpira", Joaquim G. de Campos J. com "O Dialeto riograndense", Antenor Nascentes com "O linguajar carioca", José A. Teixeira com "O falar mineiro" e com "Linguagem de Goiás", Ademar Vidal com "O subdialeto do Nordeste", Dante de Laytano com "Notas de linguagem sul-riograndense", Gastão Vieira com "Subsídio para estudo da língua nacional no Pará"; Rodolfo Garcia com "Dicionário de Brasileira"; Vicente

Paulo com "Vocabulário de Paulo"; Totonio Ribeiro — com "Vocabulário em uso no Ceará"; A. A. Pereira Coruja — com "Vocabulário em uso em Alagoas"; Braz da Costa Rubim — com "Vocabulário brasileiro"; Raimundo Magalhães — com "Vocabulário popular"; Ermelino A. Leão — com "Dicionário de Brasileirismos do Paraná"; Silveira Romeiro — com "Brasileirismos"; Luiz Carlos de Moraes — com "Vocabulário sul-riograndense"; Beaurepaire Rohan — com "Dicionário de Vocabulário Brasileiro" e outros, já podemos afirmar a existência de maiores e mais profundas alterações regionais, maiores incidências dialetológicas, maiores modificações de natureza fonética, morfológica e sintática.

Teremos então uma língua portuguesa, um idioma nacional, fundamentalmente modificado, expurgado das formas obsoletas, retorcidas, castigadas. Teremos então um idioma enriquecido das tonalidades novas com que o vem colorindo a fala do povo, que é quem faz a língua, queiram ou não os puristas. Eis a verdade.

"Renovada, rejuvenescida, disse Xavier Marques, mas sem perder a tradição geneológica, cultivemo-la, essa língua nobre, que não obstante já é um dialeto. É a que falamos, em toda a parte culta do país, com o dialetismo ou brasileirismo inevitável, resultante de influências a que vivemos todos submetidos".

Fóra desses estudos propriamente dedicados aos falares regionais, falares característicos também encontrados e estudados em Portugal a dialeção do português no Brasil, que Xavier Marques chamou de "fenômeno brasileiro" e vai em franca marcha evolutiva, encontramos na literatura regionalista brasileira obras que registram à farta, com riqueza, sob a forma de diálogos, poesia, etc. os nossos modismos, as nossas peculiaridades dialetais, as nossas formas originais de expressão, um rico vocabulário, de que vêm a pélo citar especialmente as obras de J. Simões Lopes — "Contos gauchescos e lendas do sul"; de Múcio Teixeira — "Os Gauchos"; de José Américo de Almeida — "A Bagaceira"; de José Lins do Rêgo — "O menino de engenho" e os seus demais romances do ciclo da cana de açúcar; de Leonardo Mota — "Violeiros do Norte" e "Cantadores"; de Luis da Câmara Cascudo — "Vaquerros e Cantadores"; de Theo Brandão — "Folclore de Alagoas"; de Cornélio Pires — "Quem conta um conto"; de Valdomiro Silveira — "Cabôelos"; de Raquel de Queiroz — "O..."; de meira Tejo — "Brejos e Carras..."; de Entretanto...

digamos assim — são próprios de determinada câmbio
todas as províncias”.

A LITERATURA E A LÍNGUA

A batalha vem sendo travada, em muitas frentes, e de longa data. O Romantismo foi o primeiro a quebrar o encanto da obediência tácita ao classicismo português. A plêide dos Românticos brasileiros, com José de Alencar à frente, começou a plasmar, a criar uma forma nova de escrever, o nosso dialeto literário, desinvençando-se das peias e amarras do classicismo bolorento. Foi, efetivamente, Alencar com a publicação do “Guarani”, seu romance de estréia, em 1857, o legítimo precursor da reação nacionalista no campo linguístico e literário. Introduzindo especificamente modificações na forma vocabular e sintática, como na temática, embora o índio que pintou não seja o de Rondon ou de Roquete Pinto (com licença do poeta Jorge de Lima), mais parecendo “uma espécie de europeu besuntado de urucu, num misto de Chateaubriand e Aymard, vindo mesmo à baila o nome de Méry”, como o acharam de fixar os seus contemporâneos Joaquim Nabuco, Silvio Romero e Franklin Távora, no comentário incisivo de Agripino Grieco, quebrou José de Alencar inegavelmente as amarras.

Os vernaculistas daqui e do lado de lá protestaram e espernearam. As nossas potestades em matéria de filologia viviam ainda apegadas, como ostras, à sintaxe lusa, e não podiam suportar tal reação. Com o parnasianismo houve uma como contra-reação, mas a dialeção prosseguiu em termos cada vez mais fortes. Nenhuma força pôde detê-la. Dou um grande salto para chegar ao modernismo e aludir à sua repercussão sobre a língua literária. Estamos todos lembrados como surgiu, abrupto, o movimento em 1929, com Mário de Andrade, sua figura central e exponencial. Definiu-o bem Tristão de Athayde: “Foi contra tudo que representasse uma tradição, um passado, uma permanência. Foi acima de tudo uma insurreição. Veio contra. Veio brusco. Veio violento e desabusado. Veio criando barreiras e repudiando movimentos anteriores”.

Não podia deixar de atingir o padrão idiomático um movimento assim caracteristicamente insurrecional. E teve o seu filólogo o seu grande filólogo que foi mestre João Ribeiro. Na “Língua Nacional”, obra em que fez a defesa da independência da língua falada no Brasil, João Ribeiro proclamou em alta voz: “Não podemos sem mentira e sem mutilação perniciosa sacrificar a consciência das nossas próprias expressões. Corrigí-las pode ser um abuso que afete e comprometa a sensibilidade imanente a

todas elas. O nosso espírito que os dita". Eis uma grande verdade — e não uma hesitação — que muita gente boa, embora convencida, não teve o tempo de dizer com receio de ferir melindres.

A sombra, porém, dessa revolução literária, do Modernismo, implantou-se a desordem sintática. Houve propositalmente o abuso, e como todo o excesso condenável, passando-se a iniciar o período com o pronome oblíquo somente para irritar, e a escrever a oração inteira com letra minúscula e sem pontuação. A virtude está no meio termo, não "a virtude medíocre do meio-termo", que tanto abespinhava o nosso Auryno, que a ela se referiu dessa maneira no seu "Gonçalves Ledo, O Homem da Independência", mas o ponto equidistante dos extremos, que os latinos tão bem fixaram no dito sábio — *in medio consisti virtus*: precisamos ser compreensivos, apenas, dando à língua literária a força vivificante dos novos contatos culturais. Urge nutri-la desse sangue oxigenado, como se transfundíssemos o nosso próprio sangue na língua que falamos. E ela, esta "Última flor do Lácio inculca e bela", remoçará eternamente na graça das novas formas, nos modismos peculiares e na maleabilidade dos falares do povo, eliminando as derradeiras arestas do classicismo coimbrão. Perder inteiramente o contato com ela, tomar rumo diverso, seria renegar às próprias origens. Mas, nós a queremos apenas remoçada, rejuvenescida, "atual", se assim é possível dizer. O velho idioma dos antepassados toma, na obra dos nossos novos romancistas e poetas, dos sociólogos e pensadores modernos (não confundir com "modernistas") — modeladores da língua literária que surge liberta das peias que começaram a ser cortadas com a reação romântica, uma plasticidade e um acento originais. O êrro dos nossos enfatuados gramáticos e puristas era só quererem tomar contacto com os textos clássicos, esquecidos do que diz Dauzat com a sua imensa autoridade: Se a língua literária não quizer petrificar-se não poderá deixar de manter relações com a língua do povo. Êste é que a ela-

"A língua não é obra dos autores, clássicos ou espúrios. É obra do povo. É um produto cultural", avança Joaquim Ribeiro. E não devemos mesmo, neste ponto, esquecer a lição magnífica de Saussure: "o rio da língua corre sem cessar"...

Não independe da vontade dos homens, como insinuavam os fervorosos adeptos do evolucionismo, o futuro das línguas. A sorte. Deles dependem...

brasileira um verdadeiro colapso, imbróglio e purantismo e de aviltamento.

A CULTURA E A LÍNGUA

Certamente, há como afirmou Xavier Marques uma "consciência do passado" e é esta que nos faz, como homens de pensamento, manter a língua literária. Porém, essa "consciência do passado" não significa em absoluto uma imposição tácita, cega, obstinada, aos moldes clássicos ou pelo menos deve ser assim compreendida. Seria um esforço vão, o tentarmos hoje a volta a um português monástico e precioso do século XVI ou um português fossilizado de "todolos", "nanjas" e "sôbrêstes". Afinal, as instituições, como a vossa, de índole conservadora e de função zeladora, não podem alheiar-se do que se passa em volta. As mutações são inevitáveis. A língua literária há-de sofrer essa ação, mesmo porque a língua é "uma atividade do espírito humano". Não se deseja o abastardamento do idioma, a sua confusão, mas a vitalização dele através da corrente popular, através da renovação vocabular e de outros fenômenos linguísticos. Não deveis interpretar o que vos digo como uma insinuação à vossa conduta conservadora. Ela deve mesma persistir, mas que a vossa censura não chegue ao extremo de hermetismo. Resultaria petrificação ou depuração da inteligência e do espírito criador, da originalidade, da seiva que brotam da fala do povo. Que a vossa censura não se confine naquele papel que Chapelain configurara à Academia Francesa, modelo das demais: "Fazer um grande dicionário e fiscalizar a língua". De certo, não está a finalidade de vossa Academia estrangulada pelo laço chapelainiano. Ainda bem.

As mutações se processam inequivocamente em função da cultura. Se há porém um declínio, um colapso, a língua estará fatalmente ameaçada na sua integridade e na sua estrutura íntima. Só nesta hipótese. O exemplo do Latim é típico. Esboroou-se com a queda do Império Romano porque, com êle, abriu falência a cultura.

Ainda há pouco, Daniel Rops, um dos mais vigorosos escritores do mundo contemporâneo, exprimiu em termos de evidente inquietação os seus temores pelo destino da língua francesa, perigo não apenas de uma transformação pela negligência no falar, pelo abuso, pela incultura, mas na sua irradiação mundial, no seu papel de língua "diplomática", e num perigo ainda mais inquietante e mais sombrio que estes dois — o do predomínio de uma língua internacional, niveladora e apatricida.

"E, se pensarmos a que ponto uma língua é a expressão viva de uma consciência nacional, escreve Daniel Rops, da própria

Senhores acadêmicos
Tem razão Daniel Rops. Não tenhamos, porém, no caso da língua portuguesa no Brasil, apreensões pelas mutações que ela sofre e venha a sofrer, pois não há xenofobia por parte dos que a renovam e revitalizam, quero dizer não há uma preocupação exclusiva de nacionalizar a língua, de arrancar-lhe violentamente as raízes, de descaracterizá-la, mas de orientá-la de acordo com as próprias condições do ambiente físico e social, em que vive e se agita o brasileiro. Porém, pobre de nós, se se concretizar a ameaça de um predomínio total, "se a unidade do mundo se fizer um dia pela dominação absoluta de uma das massas mais pesadas e mais poderosas"! Se o rôlo compressor esmagar os nossos anseios libertários, os nossos direitos de pensar e de agir livremente!

Então, sim!, é que não poderemos dizer, como Bilac, no verso imortal, em que fez a apologia da língua portuguesa, da nossa língua, porque ela é uma só com as diferenciações inevitáveis do novo meio físico e social para que foi trazida, com as diferenciações do choque cultural, em suma:—

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
Em que da voz materna ouvi: "meu filho":
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!"

AURYNO MACIEL, O VULTO E SUA OBRA

É extrema felicidade para mim fazer o elogio de Auryno Maciel, principalmente nesta Casa que êle ajudou a construir com o verdadeiro artista, e na sucessão desta cadeira que lhe pertenceu e êle redourou com o brilho da sua cultura e da sua inteligência.

Não é preciso recorrer às subtilezas de engenho nem forçar passagens para recordar o companheiro desaparecido.

Estou diante de uma personalidade singular, cuja vida e cuja obra ainda não foram suficientemente estudadas, creio mesmo que seja esta a primeira tentativa de uma visão de conjunto sobre o homem e a sua produção intelectual. Entretanto, a respeito de Auryno, posso dizer o mesmo que Alfredo Pujol disse de Machado de Assis: O que vou talvez fazer é desbravar caminho para a sua futura glorificação.

A obra filológica e literária de Auryno Maciel requer paciente e demorado estudo. Seu estilo sêco, herdado talvez das leituras machadianas, sua crítica mordaz, seu temperamento combativo rompendo com os moldes acomodaticios na apreciação de vultos da nossa história, colocam-no evidentemente num plano que não é, bem se vê, o dos escritores vulgares ou dos que não possuem densidade espiritual, seja a "densidade metafísica", de que nos falou Tristão de Athayde, seja a preparação filosófica, ou sejam as demais qualidades que completam a personalidade do homem de letras.

Auryno Maciel assumiu, no panorama intelectual do seu tempo, a posição invejável de um escritor de idéias originais e apurado estilo e no terreno linguístico propriamente dito um cultor do idioma nacional, mas sem o ridículo do arremêdo e sem o abuso do classicismo. Escritor e filólogo, não caiu na literatice nem na gramatiquice. Sua obra é por isso digna de todo o apreço. Ele se foi há tão pouco, que não é necessário, para analisá-la, recorrer a nenhuma transposição temporal.

Modesto, construiu sem alardes. Por isto era pouco notado, talvez. Não dispunha de igrejinhas literárias nem possuía nenhuma máquina de propaganda do seu talento de escritor, como hoje anda na moda. Não era homem também para entrar nesses conlúios (e é de inteira justiça recordar esse aspecto do seu caráter). Vivendo entre livros, estava destinado a ser na vida duas coisas: escritor e professor, embora por desfastio acabasse também bacharel em direito, como toda a gente.

Humanista, tornou-se verdadeiramente um apaixonado pela cultura da língua portugüesa, a cujo ensino se dedicou desde a mocidade. Viveu caído de amores pelos encantos e amavios do vernáculo, namôre que começou muito cêdo, na idade em que ainda se anda de calças curtas e se foge instintivamente da gramática e das declinações latinas. Sua paixão filológica disciplinada, porém, pelo equilíbrio intelectual, não o levou a praticar desatinos nem desvaiamentos na ardência da juventude, como não o fez, apagado um pouco o calor desse entranhado amor, trocá-la por outros mais novos, como finalmente, na idade provecta, a sua visão e sua compreensão dos fenômenos linguísticos situaram-no até o fim num plano que não conheceu exageros e absurdos, caturrices e esperneamentos. Não teve ataques de nervos diante de um pronome "mal colocado" (ó, o tabu da colocação pronominal) nem desmaios porque o sujeito da oração estivesse oculto. Sabia que a beleza e a riqueza da língua não vivem encerradas apenas nos "tesouros" do classicismo. Era verdadeiramente um espírito lúcido e equilibrado, não um detestável caturra purista, um obsedado pelo purismo, da marca daquele Aldrovando Cantagalo que com superior iro-

obra-prima do conto brasileiro "uma das coisas que se parecem com os pronomes", e João Ribeiro considerou "uma das coisas que se parecem com as coisas ainda escritas em língua portuguesa". Nem se parecia também com aquele tipo maníaco que a mordacidade irremediável de Eça de Queiroz deixou em página inextinguível e forte. Um filólogo e um esteta. Tinha o conhecimento profundo, seguro, do português e sabia onde ir buscar toda a beleza da expressão com o sentimento de verdadeiro artista. Não era, porém, um escravo do elitismo que olha de esguelha para a língua do povo. De muitas expressões deste se serviu e nem por isso sua obra pode ser apontada de incorreções. Por isso mesmo não perecerá, pois não tem o ranço de um português passadista, sobretudo as produções literárias dos últimos tempos, quando se foi despojando da ascensão lusitana, e passando a escrever com maior liberdade.

E o que o torna alvo ainda da minha admiração é sua compreensão perfeita dos fenômenos linguísticos, como disse há pouco. Podendo ser um filólogo intransigente, um desses puristas "enraizados", como dizem os franceses, tal o peso de sua cultura, não "parou", mas assimilou os postulados novos que lhe trouxeram os Dauzat, os Meillet, para citar os dois linguístas de sua predileção. Como ainda porque não viveu o seu tempo a enxergar somente erros na linguagem dos outros.

Filho de Joaquim Vieira Maciel e de Dona Margarida da Silveira Maciel, nasceu Auryno Vieira Maciel no Município de Murici, no Estado de Alagoas, a 10 de Setembro de 1895.

Seus estudos primários foram feitos na escola do professor Castano Teixeira, na terra do seu nascimento. Estudante inteligente e curioso, deixou muitas vezes embasbacado o velho mestre-escola. Os pais meteram-no depois no colégio do professor Agnelo Barbosa, o famigerado "15 de Março", que aqui deixou memória pela austeridade, disciplina e métodos pedagógicos adotados e onde a minha meninice o foi encontrar já feito censor e professor de português das classes mais adiantadas.

Quando desse tempo a lembrança bem viva do censor Auryno. Miope e magricela, os olhos vivos, a cara sardenta, Auryno queria dar um sentido de ordem ao pandemônio que em verdade era o colégio naquele tempo, em que já começava a bruxulear até apagar-se por completo, a rígida disciplina, o duríssimo regime, os métodos de outras épocas, o que não excluía o uso, de vez em quando, da fôrula vibrada neurastênicamente nos mais indisciplinados ou nos mais peraltas pelo próprio diretor enfurecido. Era a pedagogia remanescente dos velhos tempos do professor José Prudente.

chada e do seu todo desajeitado, tornavam-se entretanto suas
as horas escorriam sem darmos por elas, atentos às suas preleções,
à sua palavra mansa e simples, raramente alterável.

Perdi depois todo o contato com Auryno, passando-me para
o velho Liceu Alagoano e êle seguindo o rumo do seu destino.

Mas, do "15 de Março", de onde segui e onde me aprontei
para o curso secundário no Liceu Alagoano, conservei algumas
reminiscências agradáveis, ao lado do pavor que me inspirou,
ao transpôr pela primeira vez a sua soleira, o antigo casarão da
rua do Açougue. Uma delas foi a irradiante simpatia que logo
prendia os que se acercavam do censor Auryno Maciel. Êle sabia
compreender aquêl mundo de personalidades diferentes, de tem-
peramentos desiguais, de inteligências diversas. E era o nosso
refúgio. Lendo hoje, passados tantos anos, a dedicatória do seu
livro "Gonçalves Ledo O Homem da Independência" — "Ao prof.
Agnelo Barbosa, grande amigo e grande mestre, igual de Sócrates
pela sabedoria e de si mesmo pela bondade" — é que se com-
preende todo o alcance do seu trabalho de catequese junto aos
alunos para desfazer a impressão má ou imperfeita do velho
Agnelo.

Outra recordação boa que me ficou para sempre foi a do Dr.
João Agnelo, o Dr. Joãosinho; mestre de francês, grande inteli-
gência e grande cultura, ajudando o pai a manter a tradição da
casa, mas deixando fugir de si as perspectivas de um grande fu-
turo, metido entre as quatro paredes do colégio, que mal dava
para a subsistência do proprietário e sua família.

Aluno aplicado, passou dentro de pouco tempo a professor.
O velho prof. Agnelo Marques Barbosa, não se enganava nas
suas escolhas. Aquele rapaz mirrado de corpo, mas tão cheio de
vivacidade espiritual, irônico, zombeteiro, se destacou entre os
do seu tempo pelos privilégios de uma cultura humanística se-
gura e equilibrada. Auryno Maciel, adolescente, havia criado o
seu arquétipo, e embrenhou-se fundamente na leitura dos auto-
res clássicos ou não. Leu todos os chamados modelos do purismo
— de Frei Luís de Sousa a Bernardes e Vieira, de Garret a Ca-
milo Castelo Branco, de Herculano a Castilho, de Camões a Gil
Vicente. Lastreou o seu espírito com a produção da literatura re-
nascentista, na poesia e na prosa; a lírica do Camões, os autos
de Gil Vicente, o estilo de João de Barros, as narrativas de via-
gens, as novelas de cavalaria. Saindo do quadro clássico foi di-
reto aos gongóricos, aos árcades. Passeou os olhos cubiçosos por
todo o panorama da literatura portuguesa e brasileira. Na an-
gústia, na sofreguidão de tudo ler e sentir, o espírito do jovem
amadureceu precocemente para as letras clássicas. Tornou-se
sua preocupação absorvente o estudo da Filologia. Queimou as

Na obra... dois períodos distintos: um de... tradicionais do idioma vernáculo, de exegese linguística; outro mais suave e mais compreensivo, em que, de posse de novos conhecimentos sobre a ciência da linguagem — novos no sentido de moderno mesmo — cultivou a literatura gramatical, sob a concepção de que ela estuda e apreende os fatos da língua. No estudo que publicou, em 1933, sobre José Alexandre Passos demonstrou-o citando autores como A. Dauzat (*Geographie Linguistique*, Paris, 1922), Meillet e J. Vendryes, autores cujas idéias são ainda vigorantes expendidas em obras como "Les langues dans L'Europe nouvelle", Paris, 1918, "Linguistique historique e linguistique generale", Paris, 1921-1936, da lavra do primeiro, e "La langage", Paris, 1921, do segundo.

Este trecho de Auryno Maciel, no estudo em apreço, mostra as qualidades mestras de seu espírito crítico à luz da ciência filológica: "O Dicionário gramatical" de João Ribeiro é sem dúvida excelente do ponto de vista filológico; mas já está hoje também o seu tanto atrasado, visto à luz das novas aquisições da gramática contemporânea. Basta notar-se o que diziam, não faz muito, A. Meillet e J. Vendryes do estado atual dos estudos de gramática comparada: "Ainda que não se tivesse dado, desde 20 anos, nenhuma revolução semelhante à que transformou a gramática comparativa entre 1872 e 1880, os princípios dessa ciência foram de tal sorte modificados que se pode considerar antiquado todo manual anterior a 1900". E a seguir, escreve no seu bom português despedido de preciosismo: "Ainda na última edição de sua obra (3ª — 1906) — refere-se a João Ribeiro — não há referência à geografia linguística, para só falar nesse artigo; entretanto, a geografia linguística, desde a publicação da obra monumental de Julio Gillievront (alude ao *Atlas linguistique da la France*" P. 1900), renouvara inteiramente, com os seus métodos e postulados, e, sobretudo, com os resultados obtidos, o estudo da linguagem".

Demonstrando o seu ponto de vista de cultor da língua, em conexão com a ciência, busca o apóio de Dauzat: "Verdadeira revolução, diz Douzat, tanta mais para notar quanto essa novel ciência, essencialmente francesa, estendendo alguns tentáculos aos países vizinhos, marca uma reação contra as doutrinas da escola alemã dos novi-gramáticos que tinham triunfado no último terço do século findo e que tiveram sua razão de ser em uma gramática demasiadamente dogmática".

afastar-se do convívio com as realidades e mutáveis da vida".

Fóra da terra natal continuou a opulentar a literatura linguística com novos trabalhos. Em Pernambuco, ingressou no magistério secundário, candidatando-se à docência da Escola Normal com a tese "Onomatopéias e Interjeições" e atingiu-a com brilho invulgar. Escreveu ainda o estudo "Leis biológicas da linguagem". Exerceu também o professorado em colégios e academias. Na Faculdade de Comércio. No Liceu Pernambucano. Na Escola Politécnica, onde lecionou a cadeira de Organização das Indústrias, Direito administrativo e Finanças. Na Escola Pinto Júnior. No Ginásio Oswaldo Cruz. Na Escola Doméstica.

Sobre as atividades de Auryno na Escola Politécnica de Pernambuco, vale como um subsídio valioso o que dele disse o seu Diretor, Dr. Luiz Paulo de Freitas numa correspondência de 18 de julho de 1951: "O saudoso professor Auryno ingressou nesta Casa, trazido por amigos dedicados, entre os quais estava o ex-diretor Dr. Jayme Oliveira. Espírito esclarecido e entusiasta, o Dr. Auryno Maciel colaborou com inteligência e dedicação no processo de reconhecimento do curso de Engenharia Industrial, enviado ao Ministério de Educação, em outubro de 1939. Tendo sido contratado para lecionar a cadeira de Organização das Indústrias, Direito Administrativo e Finanças, ainda no ano de 1939, se desincumbiu com brilhantismo no cargo. Foi também nomeado tesoureiro desta Escola durante dois anos consecutivos 1940-41, deixando bem patente o seu espírito de organização e de absoluta honestidade, no desempenho dessa função. Ainda prestou relevantes serviços à Escola Politécnica de Pernambuco, como seu procurador, quando se transferiu para a capital do país, no ano de 1943".

Nessa sua fase do Recife, entregou-se de corpo e alma ao ensino, com aquela paixão antiga e que nunca se apagou, mesmo nos momentos mais difíceis e ingratos. Ele mesmo o disse, certa vez, num documento particular: "Minha atividade se tem distribuído entre a educação e o ensino, além do fôro, pois sou advogado à margem da profissão".

Vivendo a maior parte da sua vida no ambiente morno da província natal, sem mais largos horizontes ao seu ideal de cultura, e a seguir emigrando para centros embora maiores, porém hostis, onde passou a viver, a sua obra sentiu os efeitos dessas mudanças e transições tornando-se dispersa a vária. Sua obra filológica poderia ter sido muito mais vasta, tal a soma dos seus conhecimentos. Mas, se não enriqueceu com maior número de estudos o patrimônio da filologia brasileira, excedeu-se na devoção de ensinar, que é mesmo sacerdócio e não profissão no nosso

... de referir-se a Cam... ensinar, educar,
... como Xavier...
... grande educador e filósofo...
... Porém, mestre
... idealista e entusiasta pela sua
... missão.

No "Colégio de Marvó" ensinou a língua vernácula, mas
em vez de ensinar também matemática, história e latim, nos
impedimentos eventuais do diretor.

Chão de sabedoria e de energia, Auryno Maciel despertou
em muitas inteligências e uniu ao estudo da língua, dissipando e
alargando as naturais inclinações dos jovens pelos assuntos
gramaticais.

Se a autoridade de mestre deriva do saber e da cultura, do
dever e da compreensão, ele a possuía em toda a plenitude, pois
todas essas qualidades que hoje fazem um professor e um edu-
cador completo, um perfeito mestre e disciplinador, integravam
a sua personalidade.

Sua maneira de ensinar agradava sumamente, e prendia a
atenção do aluno, possuía um flair de êxito absoluto: o espírito de
crítica que ele sabia conduzir com extrema habilidade, mostrando
e apontando os erros dos seus alunos, porém, não deixando de as-
sinalar os dos mestres, exemplificando com trechos e citações de
autores russos e gregos mar.

Também infundia no espírito dos seus alunos o gosto da pes-
quisa, que hoje, em matéria de ensino, é tão descuidada, no cor-
re-corre dos deveres múltiplos e em face da indigência das remu-
nerações incompatíveis com a dignidade do cargo, assim ames-
quinhado.

Cultor também das letras históricas, Auryno Maciel deixou
produção notável que se destaca pelo vigor e pela análise dos fa-
tos sob um critério filosófico pouco comum. Deste porte, foi seu
livro — "Gonçalves Ledo — O Homem da Independência" —
publicado, em 1923, em Maricó. Escrito ainda na sua fase de
maior inclinação nos moldes castigos, guarda alguns ressaibos das
leituras clássicas essa obra, em que retribuiu para o jornalista de
"Revista Constitucional" as glórias de precursor da Indepen-
dência do Brasil.

Encontram-se no seu "Gonçalves Ledo, O Homem da Inde-
pendência" muitos vocábulos e expressões, em verdade, fora ou de-
trás com os textos acadêmicos. Assim: "se atorgaram (pg. 10); gr-
... invariável (pg. 11); ..."

10); fautor precípua (pag. 11); figuração teatral (pag. 11); mal-lavanças (pag. 17); extrênuo e marruaz (pag. 17); metuendas celêumas (pag. 18); naquele evo (pag. 19); fiducioso (pag. 19); o apressuramento (pag. 19); semelhantes mentais da bulha filosófica (pag. 22); esmaniamentos (pag. 38); houvessemos mon-dado (pag. 126); as asperidões das pugnas (pag. 96); empolgân-cia (pag. 99); a inculcas (pag. 99); bateu o corro (pag. 111); malestreado de educação (pag. 115); as ouças (pag. 103); guião (pag. 115); bradante (pag. 108); etc.

Utilisava-se Auryno desse modo dos sincretismos tão ao gos-to dos autores clássicos. Atravessava êle, ainda, a fase de maior apego ao classicismo. O que não o impediu de largar o nosso brasileiríssimo "esbodegar" — já se esbodegou (pag. 111) e ou-tros brasileirismos com que amenizou de certo modo a sua lin-guagem. Não há dúvida sôbre o que disse o gramático Mário Barreto: "A fala popular é mina de palavras, frases e construções sintáticas variadíssimas e fonte onde há de enriquecer-se e ro-bustecer-se a linguagem literária".

Já Auryno sentira isso quando escreveu, a propósito de Gon-çalves Ledo: "o seu léxico, senão de todo estreme, era notável-mente purificado de barbarismos; e sem esse prognosticismo pe-dante que bate glossários a cata de termos obsoletos para cam-par de clássico". Justamente são essas batidas pelos dicionários a ruína de muita gente letrada. Pode-se acácianamente dizer que a marca do erudito logo se descobre, enquanto não há nada que esconda a mediocridade. E' a velha história do rei Midas e de suas orelhas de burro. Traduzir uma idéia, eis tudo; mas "cam-par de clássico" é mera solécia.

Não seguiu Auryno evidentemente a "linha justa" do clas-sicismo, embora denote o seu estilo certa tendência arcaizante, de que a citada obra e outros estudos do período de 1923 deixam perceber. Posso compará-lo talvez a João Ribeiro, cujo estilo o escritor Aurélio Buarque de Holanda disse certa vez possuir a "combinação dos tons simples e soltos com um travamento de cons-trução levemente arcáico; um jeito ao mesmo tempo antigo e moderno, requintado e familiar, que se entronca — sem sombra de imitação — na linha de Machado de Assis, e de que temos, en-tre nós, mais dois exemplos ilustres: Mário de Alencar e Tristão da Cunha".

Fez honra aos dois Institutos Históricos — o de Alagoas e o Pernambucano — a que pertenceu como sócio efetivo, escrevendo vários outros ensaios sôbre Floriano Peixoto, Pedro II, Bento Teixeira, Gregório de Matos, Gonçalves Dias e Anchieta, afóra artigos e discursos versando assuntos da nossa história, sempre com magnífica visão das obras e dos ho-

mens.
goas, em 1927, é um son-
guística numa simbiose admirável e num equilíbrio perfeito. Não
se mostrou "um historiador cacete de fatos e datas". Auryno
Maciel não podia ser e não foi mesmo pela sua formação intelec-
tual e pelo seu espírito inquieto — um repetidor de banalidades
e coisas miúdas. As atitudes desassombradas que assumiu na
análise do comportamento e atuação de certos vultos da nossa
história política — o caso de Gonçalves Ledo, por exemplo — de-
notam que êle era um escritor independente e de rara penetração
psicológica e de excelente formação filosófica.

Um dos grandes críticos brasileiros contemporâneos, pelo vi-
gor, independência e cultura, tão sóbrio e mordaz como Agri-
pino Grieco, não relutou em aludir à erudição de Auryno Ma-
ciel: — "não é erudição sumária de outiva".

Melhor elogio não lhe podia ser feito. O juízo crítico de
Agripino Grieco, que não anda distribuindo adjetivos, de mão bei-
jada, valeram por uma verdadeira consagração ao jovem provin-
ciano de então.

Há capítulos no seu livro, como o em que estuda "**Ledo-inte-
letual**", em que põe à mostra, de modo claro, farta cultura filológi-
ca: "A sua frase era cheia, sonora e bem equilibrada, às vezes afe-
tada de demasiada ênfase, percalço da época. As consonâncias
feriam-lhe as ouças, e valia-se, para evitá-las, de judiciosas ena-
lages, como neste exemplo:

— (O Congresso de Lisboa) "pelo contrário, apresenta-
ria fatos únicos na história dos homens, e **dera** uma ver-
dadeira lição de política e filosofia"

"O ouvido menos obtuso há-de louvar-se na substituição de
"daria" por "dera", evitando a consonância de **apresentaria, daria,
filosofia**".

Outro exemplo: "Os latinismos, certamente, não são menos
nefastos ao vernáculo do que os galicismos e toda a recova dos
têrmos bárbaros; entretanto usados com discreção e quando não
importam injúria ao gênio da língua, valem por documentos de
cultura clássica, como os seguintes:

— "E não diz uma fama pública?..."

Fama, no sentido de boato, notícia, consta, é arcaisante e
lembra o latim: — Fama est, que quer dizer: Conta-se, fala-se, di-
zem".

— "O partido da Ind
o seu im

E também as memórias
Daqueles Reis, que foram dilatando
A fé, o Império...

E ainda:

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império,
O Sol logo em nascendo vê primeiro...

Imperii fines, escreveu Cícero: os limites do império. O imenso tribuno queria falar do império romano; e nesse tempo, quando a espada de Júlio César havia conquistado o mundo inteiro, Roma era República".

Auryno Maciel dividiu também as suas glórias literárias com a Academia Pernambucana de Letras, que o recebeu em seu seio por aclamação unânime de seus ilustres pares, como tributo de admiração ao historiador e ao filólogo das Alagoas e em homenagem singular à nossa terra, como salientou, no seu discurso de recepção a Auryno Maciel, o acadêmico Costa Rego Jr.

Tamanha homenagem só havia sido concedida pela coirmã de Pernambuco a dois vultos de iluminados — Otavio de Freitas e Araújo Filho — Disse-lhe Costa Rego Jr. nessa saudação: "Os vossos direitos eram semelhantes e não deveis ficar no esquecimento. E' que já tinha chegado até nós o éco do vosso labor de estudioso da História e da Gramática, na vossa terra".

No Rio de Janeiro, fez parte da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, reunindo-se aos intelectuais brasileiros que não esqueceram as lições tão lúcidas do grande sociólogo, o seu sadio patriotismo, os seus sonhos e as suas utopias.

Jornalista, e não noticiariista, como hoje intencionalmente se confundem os dois officios, Auryno Maciel colaborou na imprensa das Alagoas, do Recife e do Rio, inclusive no "Correio da Manhã".

Jornais da terra, hoje desaparecidos, como "A Ronda", guardam as joias da sua cerebração ardente e da sua pena vigorosa que não conhecia eufemismos de linguagem.

Revistas literárias do nordeste e do sul acolheram seus trabalhos, vasados sempre no seu estilo e na sua linguagem de mestre.

Costa Rego Jr., na saudação a Auryno Maciel, na Academia Pernambucana de Letras, alude a uma passagem da vida de Auryno quase desconhecida: a sua atividade como amador teatral. "Se não sois teatrólogo como Samuel Campelo, como êle, ajudastes a custear, do vosso bolso, a criação de um teatro de estudantes, na vossa terra, no qual estreastes como ator, revelando gosto pelo palco e vocação para a carreira. Ouvi, a propósito, de um vosso contemporâneo, que me afirmou ter aplaudido com calor

vossa estreia, pois
principal personagem da peça
Assis, Boi, desse modo, um inielado nos segredos da arte de Hen-
to Viana, e de Joraci Camargo... Porém, não era de estranhar essa
"vocação" para o teatro. Auryno Maciel, prefaciando o livro "Ma-
cão Elétrico", de Hildebrando Lima, demonstrou conhecer o
teatro nas suas sutilezas e nos seus encantos.

Na mocidade, fez parte com Américo Maia Filho, Delorizano
Moraes, Jaime d'Altavilla, Romeu de Avelar, Edilberto Trigueiros
e outros da Escola Euclides da Cunha, que agremiava os "novos"
de então.

Já adquerira o virus da literatura.

Colaborou na revista Frou-Frou que circulou em Maceló e
nas "Vespas", periódico dos rapazes do seu tempo.

Foi jornalista e disto tinha convicção. Numa carta que en-
viou à Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Ja-
neiro, e me foi dado lêr, candidatando-se ao logar de chefe da
Secretaria que chegou a exercer, escreveu altivamente: "Redijo
com relativa facilidade, pois sou jornalista". Certamente, essa al-
tivez de provinciano inadaptado com que se apresentava, nem
sempre lhe abriu as portas à vitória. Essa altaneria de espírito,
constituiu-lhe mesmo um obstáculo ao fácil triunfo no meio me-
tropolitano.

Não usava, porém, de outras armas. O cargo de Chefe da
Secretaria da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de
Janeiro ficou vago, à espera que o seu ocupante recobrasse a
saúde, como explicou em carta o 1º Secretário dessa Associação,
senhor Carlos Antunes de Freitas:

"Esclarecemos, ainda, que, quando o finado Dr. Auryno se
licenciou para tratamento de saúde, a Diretoria desta A.E.C.
deixou vago o cargo de Chefe de Secretaria por êle tão brilhante-
mente ocupado na expectativa de poder vê-lo novamente no exer-
cício de suas funções tão depressa se restabelecesse, o que, infel-
izmente não foi possível em virtude de seu falecimento".

Essa sua última aventura na Metropole acabou-lhe de con-
sumir as derradeiras reservas de energia e quebrantou-lhe a saú-
de. Obrigado a lutar pela subsistência num meio a que não se
adaptara, por circunstâncias diversas, derivou a sua decepção par-
te um trabalho inglório e para ingratas ocupações que não condi-
ciam com a sua cultura. Pois até revisor foi, êle que tão bem ma-
nejava a pena! Mesmo assim, lutou como um forte, até se lhe es-
gotarem as forças.

Voltou à terra natal para morrer. Não
dos seus olhos se apagasse nem
vez sem rever o nar

vossa estreia, pois soube ser o principal personagem da peça "Quasi Minerva", dirigido de Assis, Sois, desse modo, um iniciado nos segredos da arte de Renato Viana, e de Joraci Camargo..." Porém, não era de estranhar essa "vecação" para o teatro. Auryno Maciel, prefaciando o livro "Macao Elétrico", de Hildebrando Lima, demonstrou conhecer o teatro nas suas sutilezas e nos seus encantos.

Na mocidade, fez parte com Américo Maia Filho, Delorizano Moraes, Jaime d'Altavila, Romeu de Avelar, Edilberto Trigueiros e outros da Escola Euclides da Cunha, que agremiava os "novos" de então.

Já adquerira o vírus da literatura.

Colaborou na revista Frou-Frou que circulou em Maceió e nas "Vespas", periódico dos rapazes do seu tempo.

Foi jornalista e disto tinha convicção. Numa carta que enviou à Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, e me foi dado lêr, candidatando-se ao lugar de chefe da Secretaria que chegou a exercer, escreveu altivamente: "Redijo com relativa facilidade, pois sou jornalista". Certamente, essa altivez de provinciano inadaptado com que se apresentava, nem sempre lhe abriu as portas à vitória. Essa altaneria de espírito, constituiu-lhe mesmo um obstáculo ao fácil triunfo no meio metropolitano.

Não usava, porém, de outras armas. O cargo de Chefe da Secretaria da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro ficou vago, à espera que o seu ocupante recobrasse a saúde, como explicou em carta o 1º Secretário dessa Associação, senhor Carlos Antunes de Freitas:

"Esclarecemos, ainda, que, quando o finado Dr. Auryno se licenciou para tratamento de saúde, a Diretoria desta A.E.C. deixou vago o cargo de Chefe de Secretaria por êle tão brilhantemente ocupado na expectativa de poder vê-lo novamente no exercício de suas funções tão depressa se restabelecesse, o que, infelizmente não foi possível em virtude de seu falecimento".

Essa sua última aventura na Metropole acabou-lhe de consumir as derradeiras reservas de energia e quebrantou-lhe a saúde. Obrigado a lutar pela subsistência num meio a que não se adaptara, por circunstâncias diversas, derivou a sua decepção para um trabalho inglório e para ingratas ocupações que não condiziam com a sua cultura. Pois até revisor foi, êle que tão bem manejava a pena! Mesmo assim, lutou como um forte, até se lhe esgotarem as forças.

Voltou à terra natal dos seus olhos.

seus sonhos, dos seus primeiros amores e dos seus desenganos de homem feito. Não chegou a abarcar, porém, com um íntimo olhar, o Mundaú saltando sobre pedras, os cajueiros e ingazeiros que suas mãos tocaram na perdida infância, um mundo afetivo que a retentiva conservava e jamais se perdera nos desvãos da memória. A contrastar com o arcabouço franzino do seu corpo, que o mal inexorável fizera secar como um pergaminho, seus olhos miudos adqueriram um brilho estranho, sob a excitação da febre que o devorava. Aquele olhar vivo traduzia todo um estado de alma que a ninguém foi dado interpretar e cujo segredo levou consigo para a noite eterna, naquele tristonho dia 24 de abril de 1950.

Machado de Assis, no cristal de sua prosa, disse nas "Memórias póstumas de Braz Cubas", referindo-se à injustiça humana: "Afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, e explicá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares".

Seria preciso que o artista admirável descesse de seu pedestal de glórias para explicar esse caso.

Auryno Maciel que podia ter sido um eleito dos deuses, não passou de uma vítima da injustiça humana. Negou-lhe o destino em vida todos os ouropéis da glória e do fastígio de que tantos zóilos desfrutam, fazendo-o andar, como um judeu errante, em busca de uma felicidade inatingível. Ele, quase como um adivinho, escreveu no capítulo "Contrastes e confrontos" do seu livro sobre Gonçalves Ledo: "Mas, desconsola pensar que até os gregos, um dia, exilaram Arestides, por já estarem cansados de ouvir chamar-lhe o justo, e que o mundo inteiro sempre dá a mão esquerda a Job e a direita a Sardanapalo".

Senhores Acadêmicos, não quero penetrar no segredo desse destino nem tento decifrá-lo. Deveis, devemos todos dar a Auryno Maciel aquilo que lhe foi negado ou esquecido pelos contemporâneos — a glória do maior estilista da nossa terra, a glória do maior ciente do nosso idioma na nossa pobre província.

O CENTRO DE INTERESSE — UMA NECESSIDADE PARA A NOSSA ESCOLA

MARIA DOTHEA CARNEIRO

(Conclusão)

Prosseguindo com a nossa palestra sôbre o Centro de interesse, recordamos hoje um capítulo de atividade escolar, vivido dentro das normas sugeridas pelo grande educador belga. Não que tenhamos seguido "tutti quanti" os processos Decroly em todas as suas gradações, nem seria possível essa rigidez sem prejuizo da naturalidade e espontaneidade na apresentação dos assuntos. O que realizamos em verdade, foi uma experiência feliz da globalização das disciplinas, em encadeamento natural e motivado, sem a preocupação da seqüência dos passos formais, mas tanto quanto possível, dentro daquela ordenação agradável que tão bem caracteriza o método.

Quanto a essa questão de método, — abramos aqui um parêntese — as opiniões entre os educadores divergem e enquanto para uns o método é considerado indispensável mentor do processo educativo, para outros — e estes caem ingênuamente nos extremos da sua autonomia — "o melhor método consiste em não ter método algum". A êstes, certamente, não serviriam os centros de interesse, de práticas tão organizadas e cujo desenvolvimento enseja uma exposição de matéria tão agradável e oportunamente distribuída.

Dir-se-ia que nada é excessivo, nada é deficiente nesse programa dado sem esforço, sem artificialismo, sem imposições, nessa conversa colorida que os alunos mantêm com o professor, desejosos daqueles conhecimentos que a sua própria curiosidade exigiu.

E, se entendermos como método — "a adaptação tão perfeita quanto possível dos meios da ação educativa aos fins visados" — chamamos em Decroly a mais ampla realização dos nossos objetivos.

A disciplina, sem dúvida o mais inquietante problema para o educador de hoje, que não a admite como sinônimo de passividade, é uma preocupação inexistente.

desses programas.
interessada desaparece tal preocupação

Antes de mais nada convém lembrar que seguir este ou aquele processo de ensino na escola atual, não importa forçosamente em criar máquinas educativas que se proponham produzir material "standard", calculado, premeditado e dotado das características com que sonhamos. Não, e nisso está justamente a excelência do método: na flexibilidade que permite amoldar-se às exigências do momento e à fisionomia ambiente. Do contrário, o que obteríamos, seria mais uma forma de artificialismo, criada para afastar as duas personalidades — a da crinaça, a do educando, interpondo-lhes essa fronteira que leva a incompatibilizá-las e a prejudicar uma em benefício da outra.

São palavras de Decroley: — "A flexibilidade e a iniciativa no manejo dos problemas são necessárias ao verdadeiro método".

Foi numa escola do extremo nordeste que tivemos oportunidade de grandes realizações, com um centro de interesse na 5ª classe — a alimentação do homem.

O assunto não foi dado sem motivação nem oportunidade: a região, pelo seu fadário climático, atravessava angustiosa crise de produtos alimentares, agravada ainda a situação com a circunstância de estar vivendo os últimos dias da guerra.

As crianças começaram pela expressão. De seus conhecimentos anteriores, sabiam que tudo quanto pudessem obter para a sua subsistência pertencia aos reinos da natureza. Por isso desenharam pequenos modelos de animais, plantas, etc., e com eles compuseram pequenos cartazes, com legendas informativas, dados pela professora, da classificação dos alimentos obtidos daqueles seres. O centro, projetado para funcionar por um mês, prolongou-se por todo o semestre, sem que essa dilatação produzisse a menor fadiga ou aborrecimento da parte dos alunos. Feitos os cartazes, em seguida classificaram-se os alimentos necessários ao homem, incluindo: a água, o ar e os sais minerais. Foi mais razoável levar às crianças como conceito de alimento, — o conjunto das substâncias indispensáveis à vida, — uma vez que ainda não possuíam rudimentos de química que lhes permitissem entender como alimento — tudo aquilo capaz de ser assimilado pelo organismo.

Só a simples classificação em: glucídios, protídios, lipídios, etc., levou a diferenciar o homem dos outros animais — um animal racional, dotado de cérebro pensante, o que lhe confere um lugar de prioridade na escala animal e o predispõe a um sistema de nutrição bem mais complexo.

O passo da observação ocorreu necessariamente.

Para provar que o homem carecia de alimentação variada,

foi feito o exame de outros animais, em gravuras.

Ter-se-ia passado daí, facilmente, por analogia, ao estudo do esqueleto, mas as crianças estavam vivamente interessadas nos processos de plantio e fenômenos de germinação e então detiveram-se em outros pontos de ciências naturais que versavam sobre o assunto.

Veio o estudo de terrenos adequados à cultura dos cereais, leguminosas e gramíneas para explicar os glucídios. Percorreram-se todos os climas do país — a geografia física — e dividiu-se o território em zonas produtoras — um capítulo de geografia econômica. Toda a planície amazônica, com a sua exuberância e fertilidade foi estudada, em comparação com o nordeste árido, de vegetação característica, e o sul temperado, onde se desenvolveram as primeiras plantações de cana de açúcar. A latitude deveria vir para explicar a diversidade de climas. Não seria possível fazê-lo sem recorrer à forma e representação da Terra, círculos, zonas. A história para relatar os primeiros passos no progresso econômico, com o cultivo da cana, nas capitanias de São Vicente e Pernambuco. Surgiram naturalmente os fenômenos das chuvas, a influência da proximidade do continente negro no clima nordestino, assunto de interesse indiscutível para a região; as florestas e montanhas desempenhando um papel na distribuição das chuvas, o que tornou oportuno, naquela aridez longínqua, de paisagens periodicamente combustas, salientar a importância da água na vida do ser vivo.

Finalizando a palestra sobre os glucídios, vieram as primeiras noções de digestão, tubo digestivo e assimilação: novamente o estudo dos dentes, realçada a sua função, como órgãos de valor inestimável no fenômeno digestivo; a importância da mastigação para o funcionamento do estômago e para permitir a impregnação pela saliva, do bôlo alimentar cuja digestão principia na boca com os feculentos; a noção de caloria; os hidrocarbonados como indispensáveis à reparação das nossas perdas diárias; a necessidade do açúcar na dieta infantil para compensar as baixas de energia nessa fase dinâmica da vida e manter a razão de equilíbrio; os alimentos mais ricos em glucídios: — trigo, milho, açúcar, arroz, aveia; a significação da palavra assimilação: — tornarem-se as substâncias iguais àquelas de que se compõe o organismo, etc.

A maneira de apresentar o assunto — a mais simples possível, evitando a todo custo a terminologia científica — uma vez que o objetivo da classe era apenas despertar o interesse das crianças — mas o de proporcionar-lhes uma compreensão clara e correta dos fenômenos da natureza.

Na segunda categoria de alimentos — os lipídios, encontrados assimiláveis nas gorduras, nos óleos animais e vegetais, depois de explicada a sua riqueza em calorias, novamente o assunto das diferenças climáticas foi focado, mas desta vez o clima influenciando sobre o ser humano. A associação pode conduzir ao estudo comparativo de outras regiões — quentes umas, excessivamente frias outras, onde o homem se deveria indenizar das diferenças ambientais com uma nutrição abundante em calorias.

A posição da Terra no espaço, seus movimentos que explicam as estações e a mudança dos dias, sua distância média do sol favorável à vida humana, tudo isso levou ao estudo elementar da geografia astronômica, sistemas planetários.

Numa volta à digestão, foi lembrada a diferença do alimento nos diversos climas e a razão por que nas regiões quentes as gorduras devem ser pouco consumidas.

Por extensão, foram estudados os óleos minerais, até então inexplorados na indústria alimentar, mas de valor extraordinário na riqueza de um país.

Daí ao estudo do subsolo e dos minérios não houve senão um passo. E com os minérios vieram as minas do Brasil e a sua história no tempo dos bandeirantes e no tempo de Tiradentes.

Os protídios, encontrados em sua grande maioria nos produtos animais — carne, leite, ovos, trouxe todo um capítulo de ciências físicas e naturais — a classificação zoológica. Foi examinada a influência animal na vida agrícola, comercial e industrial, no interior. O boi, que podia por si só constituir um centro de interesse, lembrou o desenvolvimento da lavoura e originou um outro longo capítulo de história do Brasil, durante o longo período que abrangeu a escravidão. Também não foram esquecidas as doenças dos animais transmissíveis ao homem, razão pela qual foi lembrado o perigo das carnes e leite crus.

Também a importância dos protídios na formação dos tecidos do corpo humano foi discutida, bem como seu papel no crescimento. E dadas a cada espécie de alimento as suas propriedades, não foi difícil fazer compreender a necessidade de uma alimentação antes variada que abundante — problema dos mais sérios para a população brasileira.

Passou-se então ao estudo das vitaminas, das frutas, assunto que serviu de motivação à parte dos vegetais: do vegetal — ser vivo, suas diferenças e semelhanças comparadas aos animais, suas outras utilidades além da alimentação, modos de cultura, influência na purificação do ar, importância na indústria, vegetais, próprios de cada região, etc.

Frutas e vegetais
microbica, elementares, a atividade
muito necessarias.

Até as doenças de carência foram lembradas, para convencer
de que um "deficit" alimentar poderia levar sérios distúrbios ao
organismo.

O estudo dos sais minerais lembrou o cálcio.

Seria oportuno falar então sobre o esqueleto.

A água e o ar constituíram a fase final do centro. Da água
salientou-se a sua importância na osmose. A água na seiva da
planta.

A água no sangue dos animais. A água como regulador tér-
mico e como dissolvente de resíduos a eliminar. Origem e com-
posição da água. Fontes, rios, mares.

Do ar, discutiu-se a sua mistura e distribuição no espaço; au-
sência da atmosfera em outros planetas, fenômenos das diferenças
atmosféricas, os ventos, peso, influência na queda dos corpos, etc.

E assim como não foi possível falar dos alimentos sem dedi-
car um estudo à digestão e aparelho digestivo, não seria de reco-
mendar discorrer sobre o ar sem um capítulo consagrado à respi-
ração e à circulação.

A multiplicidade dos assuntos foi explorada com atividades
e exercícios de expressão: desenhos, modelagens, cartografias, pe-
quenas redações, albuns de figuras para observação, cálculos e
problemas baseados no preço e transporte de alimentos, além dos
cadernos de documentação, dos "cadernos de vida", onde foram
coleccionados exercícios escritos, resumos de lições, sínteses de ex-
plicações, etc.

As ciências naturais, a geografia, a história do Brasil, a ma-
temática, a linguagem, o desenho, tiveram os seus pontos expli-
catórios dentro da escola, um pedaço da própria vida.
"Non nova, sed nove".

Em linhas gerais, as atividades seguiram mais ou menos o
desenvolvimento do quadro abaixo:

Atividades
do

a)
Expressão
(1ª fase)

animais e plantas,
com legendas explicativas
fornecidas pelo professor,
da classificação dos
alimentos em:

a)
Expressão
(1ª fase)

- 1) glucídios
- 3) protídios
- 2) lípidios
- 4) vitaminas

Testes em que figurem
nomes de alimentos
para serem grupados
dentro desta classificação.

- 5) sais minerais
- 6) água
- 7) ar

Classificação
suplementar

Apreciação feita em gra-
turas das diferenças ca-
racterísticas entre o ho-
mem e os outros animais.

Homem — animal racio-
nal. Sua dentição. Hete-
rodonte. Alimentação va-
riada. Onívoro.

- 1) Estudo dos glucídios
contidos nos cereais,
leguminosas e grami-
neas

Terrenos adequados ao
cultivo dos glucídios.
Zonas produtoras, clima.

Climas do país

A latitude. A Terra.
A representação da Ter-
ra. Circulos da esfera ter-
restre, coordenadas geo-
gráficas, zonas.

Regiões:

- A Amazonia;
- O Nordeste de

vegetação característica:

- A carnaúba.
- O algodão.
- A mamona.
- A mandioca.

O Sul, onde se desenvo-
veram as 1ªs. plantações
de cana de açúcar

- A colonização.
- As capitánias.
- O português.
- O índio.
- O Jesuíta.
- O Negro.

As chuvas — tenção
 Nuvens. Calor. Vapor d'água. Evaporação. Con-
 densação. Influência de florestas e montanhas na
 distribuição das chuvas.
 Teoria da influência da proximidade da África no
 clima nordestino.
 Maneira de ingestão dos glucídios.
 Alimento cozidos. O fogo.
 Noções sôbre digestão e aparelho digestivo. Valor

2)

Estudo dos lipídios encon-
 trados nos óleos animais
 e vegetais

Alimento necessário ao
 habitante do clima frio.

Diferenças climáticas in-
 fluindo sôbre o homem

Posição da Terra no es-
 paço. Regiões quentes e
 frias. Estações — Cau-
 sas da mudança de esta-
 ções. Sistemas planetá-
 rios. Origem da Terra.

Associação (no es-
 paço e no tempo):
 geografia e histó-
 ria; observação: ci-
 ências naturais e
 cálculo

Estudo, por analogia dos
 óleos minerais. Seu papel
 na economia de um país.

O subsolo. A crosta ter-
 restre. Constituição da
 Terra. Riquezas do sub-
 solo. As minas. Papel
 do ouro na civilização do
 Brasil. As penetrações.
 As Bandeiras.

3)

Estudo dos protídios,
 encontrados em sua
 grande maioria nos
 produtos animais.

Sua importância na al-
 imentação. Oportuni-
 dade para explicação
 do aparelho digestivo
 e função digestiva, se
 ainda não foram vis-
 tos antes.

Classificação dos animais. Os mamíferos. As aves.
 Animais úteis. Animais nocivos.
 O boi — um dos esteios da economia nascente do
 país.

Seu trabalho ao lado do escravo.
 A escravidão. A abolição.
 Consequências

Doenças dos animais transmissíveis ao homem.

O leite cru. A carne crua.

Importância das proteínas no crescimento.

4) As vitaminas { Frutas. } Noções de higiene
 { Verduras cruas } e micróbio.
 Avitaminoses.

Os vegetais. Classificação.

A raiz. O caule. A flor. O fruto.

Importância do vegetal na purificação do ar.

O vegetal na indústria.

5)

Os sais minerais.

Clorêto de sódio. Cálcio.

O cálcio na formação dos ossos.

Esqueleto.

6)

A água. Composição.

A água na seiva da planta.

A água no sangue do animal.

A água indispensável à vida.

Rios. Fontes.

A água corrente. A água parada.

A água doce. A água do mar.

Os oceanos.

7)

O ar.

O ar do campo. O ar das cidades. Poeiras.

Respiração.

Circulação.

Atividades con-
comitantes ao desen-
volvimento do
centro.

matemática

Problemas sôbre a venda de
produtos. Percentagem. Lucro.

Problemas sôbre extensão, men-
suração e avaliação de terre-
nos a cultivar.

Problemas baseados no abati-
mento ou alta do custo dos pro-
dutos alimentares.

Cálculos sôbre distâncias a per-
correr, comparação de veloci-
dades dos meios transporte, etc.

geografia
e história

em cooperação.
Representação da Terra.
Mapa do Brasil, com as produções características de cada região.
Desenhos representativos de outras regiões e outras gentes.
(Expressão).

ciências
naturais

Sementeiras. (Expressão concreta).
Apreciação da eclosão da semente.
Esquema do aparelho digestivo e circulatório.
Planos para o plantio de terrenos.

Expressão
(2ª fase)
Concomitante ao
desenvolvimento do
centro

linguagem

Composições sôbre assuntos vistos: um dia de chuva, as estações, a sêca, etc.
Pequenos relatórios de atividades executadas em casa.
Cópias de poesias e apreciação e análise das mesmas.
Conversão em prosa.
Exercícios sôbre o vocabulário de cada lição.
Uso do dicionário para esclarecimento de vocábulos desconhecidos. Exercícios.
Jogos para o aprendizado dos verbos difíceis.
Cartas de pedido ou agradecimento de material.
Narrações sobre excursões realizadas.
Reprodução de trechos lidos.
Diários.
Colaboração para o jornal da escola.
Organização de trabalhos com le-

Dissertações sôbre assuntos de
história do Brasil.

Biografias.

Dissertações sôbre ani-

e suas característi-
cas.

mais e plantas

} Globalização
com as ciencias

} Globalização
com a
história

Plantas.

Frutas.

Animais.

Formas geométricas.

Desenhos, por ideação, de fla-
grantes da vida indígena e afri-

cana — Globalização com a história.

desenho

FANTOCHES, COMO ATIVIDADE ESCOLAR

MARIA HERMINIA OITICICA

O êxito dos sistemas educativos em que intervem o trinômio — interêsse, esfôrço, prazer — depende da perfeita dosagem do que representa cada um dêsses têrmos, de acôrdo com a idade-mental, a capacidade e o caráter do educando.

E' uma tarefa que exige do educador, para conseguir resultados positivos, o domínio de condições especiais de cultura pedagógica e cultura geral, de experiênciã e de intuição.

Há alguns anos surgiu ou melhor renasceu em tôda a sua pujança, o teatro de marionetes na escola primária.

E' por demais conhecido o interêsse que desperta em tôda e qualquer criança de 6 a 12 anos, êsse elemento indispensável de recreação educativa.

No Rio de Janeiro, tão apreciável móvel de prazer e cultura infantil vem se difundindo, sobretudo graças ao "Centro Pestalozzi", no Leme, onde funciona um curso para professoras vindas de todos os recantos do país, — para mães, menos felizes, cujos filhos não podendo se locomover por qualquer deficiência física, encontram nos fantoches lenitivo para sua infelicidade; — para leigos que queiram se dedicar, como amadores ou mesmo como profissionais, a êsse mister.

Não é só uma atividade atraente para a escola primária, mas um meio de expansão que serve tanto aos mestres como aos alunos, para eleva-los ao perfeito domínio da leitura, a uma boa dicção, à confecção e costuras dos trajés, à modelagem e a criação de personagens e diálogos, em que desponta o espírito inventivo e a imaginação de cada um.

Às vezes os bonecos parecem-se com os seus próprios autores.

Assim não é raro ver-se uma criança sensível, dedicada e sonhadora, preferir confeccionar, sem se dar conta, um poeta típico; outra vivaz e feliz, fazer seus bonecos com a própria exuberância, pletóricos e rubicundos, com certo ar humorístico.

E dêssa forma, elas esquecem suas preocupações, anseios e dificuldades que geralmente prejudicam seu desenvolvimento.

Como intérprete de suas pequenas criaturas, a criança se expande completamente n'um mundo novo de emoções, sem freios, constrangimentos e restrições, dando-nos, de modo satisfatório, a possibilidade de melhor e mais profundamente estudá-la e conhecê-la em suas tendências e inclinações, bem como na intensidade de seus reflexos sentimentais, de sua natureza psíquica.

Citemos alguns casos ilustrativos:

a) — PAULO, de 12 anos, quando em convívio com seus colegas, só referências vagas faz à sua situação familiar.

Quando maneja, porém, seus bonecos, descobre o seu complexo e o seu drama íntimo. Seus personagens vivem n'um ambiente de pobreza, desordenados e grosseiros, onde se sentem infelizes e revoltados.

O quadro revela o anseio de melhorar e progredir. Cumpre ao professor estimular o aluno que revelou, assim, o seu estado de espírito, valendo-se da circunstância, para enaltecer o esforço de sair dessa situação em que se movimentaram seus títeres — cheios de tristeza e melancolia.

b) — JOÃO, de 8 anos, é uma criança tímida, apática, sem iniciativa. Entretanto, gosta dos fantoches e quando representa, se transforma numa personalidade avisada, inteligente, loquaz e cheia de bom senso.

E' quasi certo que com a prática seguida dessa atividade, irá se libertando das causas inibidoras da sua jovialidade.

c) — MARIA, de 10 anos, é uma menina espontânea, amável, prestativa e estudiosa. Quando escolhe seus personagens, quase sempre, faz com que êles se apresentem indisciplinados, desobedientes e coléricos. Não obstante, no decorrer da ação, verifica-se que voltam à razão pela bondade e doçura maternas, e o entredo termina com o arrependimento e o perdão. Revela-se, assim, uma personalidade na qual predomina uma grande sensibilidade afetiva, excelente material com o qual não terá o mestre dificuldade em modular um surpreendente caráter e obter um êxito educativo invejável.

Citamos êsses exemplos para salientar como podemos aprofundar o conhecimento de nossos alunos, pela simples observação das reações que lhes desperta o mundo dos fantoches, podendo, então, tratá-los individualmente, de conformidade com as tendências reveladas, sem ofensas ou recalques e obtendo dessas circunstâncias o máximo de rendimento.

Urge, portanto, que estudemos a possibilidade da implantação do teatro de fantoches em tôdas as escolas, passando a figurar no quadro de suas atividades e nos respectivos horários.

E' uma iniciativa que muito virá contribuir para o desenvolvimento de certas qualidades fundamentais à educação infantil,

suscitando problemas que o vocabulário.

Como executar-se idéia tão salutar e proveitosa ao aprimoramento do espírito infantil?

Vamos procurar responder a pergunta, esboçando o que nos parece indispensável e deixando ao gosto e imaginação dos interessados o desenvolvimento das atividades futuras.

Nas crianças menores ou de desenvolvimento mais retardado, a expressão oral não se limitará, somente, ao resumo das histórias reais que exigem, por si mesmas, um treino de memórias e um espírito na análise ou de síntese, mas se enriquece e adquire maior vivacidade com o movimento e com o trato dos bonecos.

Na mente infantil, estes representam pessoas reais e a transposição da linguagem do texto em linguagem falada se faz como que automaticamente, com o desenvolvimento da ação.

De início, os diálogos são monótonos, as deixas são pobres pois se prendem demasiadamente, ao texto ou à cópia ou transposição do mestre, mas com a excitação oriunda do calor da representação, eles se ampliam e se multiplicam, os elementos da história são interpretados e se desdobram pouco a pouco, o espetáculo se agiganta e se aprimora, contendo além da trama, tudo que a imaginação infantil possa sugerir e ser aproveitado.

As crianças, em geral, procuram fazer com que seus personagens ajam e se manifestem como elas próprias o fariam em idênticas circunstâncias.

Formam-se, por outro lado, grupos que entram em franca colaboração, procurando assuntos, escolhendo e criando personagens, resolvendo sobre cenários, improvisando histórias.

Resta ao mestre atendê-los e estimulá-los, orientando-os e guiando-os, corrigindo e completando o texto, dando lógica ao raciocínio e à invenção.

Outra função de importância é levá-los à escolha de assuntos representáveis, de fundo moral e cheios de ação, evitando dificuldades desencorajadoras e dando a história um desenvolvimento adequado, na medida do entendimento do futuro auditório e assistência, cortando o que parecer desnecessário ou superfluo escolhendo os fantoches que melhor correspondam ao caráter dos personagens.

Nessa escolha devem ser aproveitados os já confeccionados ou já existentes, com a introdução de alguns novos tipos para enriquecimento do elenco e melhor expressão da trama representada.

É evidente que todo esse trabalho acarreta numerosas atividades manuais em que cada aluno poderá dar livre curso ao seu intento criador e ao seu natural senso artístico.

Da habilidade

cesso de seus pupilos e êle, nêsse particular, se equipara ao diretor teatral que toma a seus ombros a responsabilidade do êxito do espetáculo.

E' preciso ter em vista o aproveitamento dos fantoches — como meio de aquisição de novos hábitos e habilidades, a par dos conhecimentos de ordem histórica, geográfica, científica e moral que essa atividade poderá oferecer, dados êsses que irão certamente se incorporar a bagagem espiritual dos alunos.

Entre tôdas as formas de marionetes utilizadas, a mais simples e primitiva é a dos bonecos, cujas manipulações e confecções exigem menor aprendizagem.

A cabeça pode ser feita de qualquer material facilmente amoldavel, de preferênciã não quebradiço.

Eis uma boa receita para quem queira experimentar:

Faz-se uma mistura de farinha de trigo e água fria; depois, a medida que se vai mexendo, acrescenta-se água quente e papel bem picado, levando-se ao fogo até engrossar e adquirir a devida consistência para ser manipulada, a quente ou a frio.

Para modelar a cabeça, ata-se uma bola de papel amarrotado, do tamanho de um ôvo, a extremidade de uma vareta da mesma dimensão do personagem que se deseja fabricar. Fixa-se a bola com um prego e coloca-se por cima dela o material plástico, afeiçoando-o de modo a lhe dar a forma e dimensões convenientes. Os olhos são representados, apenas, por vãos, e para os lábios, não é preciso mais do que os traços a serem feitos quando do desenho e coloração da face.

No caso de surgirem fendas, um ou dois dias depois de postas a secar as cabeças, serão aquelas tomadas com o mesmo material e depois pintadas com côres vivas.

Os bonecos devem ser modelados sempre exageradamente e dem ser fabricados, igualmente, de madeira ou papel, convindo nêsse caso, serem ôcos.

Costura-se a fantasia dos artistas no pescoço e as roupas são abertas nas costas. As extremidades das mangas são presas em pequenas alças de madeira.

Para manejar o boneco introduz-se a mão por dentro da roupa, metendo o polegar numa manga e o indicador em outra.

Como seres vivos, no país de Liliput, estão prontos para receber ordens e movimentar-se, vivendo muitas vêzes um drama ou uma comédia, agitam os braços, viram a cabeça ou o corpo em todas as direções e êsses movimentos reais, sintonizados com as palavras e músicas, fazem o encanto da petizada e até dos adultos.

E assim se exali... lançado o "João

Redondo", nome pelo qual é conhecido o teatrinho dos bonecos.

Além das figuras, para se completar o mecanismo, precisa-se de uma armação e dos respectivos suportes.

A armação consiste de uma moldura, a qual se prende o palco ou a cena que deve ficar acima da cabeça do operador, de modo que este não possa ser visto ao manejar as figuras.

A parte anterior da armação que fica abaixo do procênio pode ser coberta de fazenda que não deixe passar luz.

A cortina de frente, de tecido macio, corre num arame ou vareta presa na parte superior do procênio e é dividido em duas peças manejadas por meio de 2 fios que ficam em um dos lados.

Deve ter a largura suficiente para fechar bem na frente, caindo em pregas elegante até o chão. A cortina de fundo é de fazenda incorporada e presa com percevejos a barra posterior da armação devendo ser suficientemente comprida para ir até abaixo da cena, de modo que os bonecos possam ser movimentados sem que o operador seja visto.

Com esta sucinta explicação qualquer interessado ficará habilitado a dar início a tão aprazível e proveitosa atividade escolar.

Os marionetes, em suas diversas formas de apresentação, abrem ao professorado um imenso campo de observação dando-lhe oportunidade de um mais íntimo convívio com os alunos, despertando nestas emoções, qualidades e aptidões que se encontravam em estado latente, susceptíveis de aperfeiçoamento e exaltação.

Dêssa forma, toma contôrno e se afirma no espírito da infância a convicção do valor, da cooperação do trabalho socializado e dos benefícios que podem advir dêsse intercâmbio compreensivo.

Saibamos aproveitar tal oportunidade, não nos deixando porém fixar em padrões rígidos de importância para alguns, mas nem sempre produtivos.

Inventando e criando constantemente é que podemos fugir à rotina, tornando fértil e ativa a imaginação infantil, como meio pedagógico de enriquecer o espírito irrequeto e em formação da criança, afeiçoando-a e prendendo-a à vida magnífica da escola.

BIBLIOGRAFIA

Nina Caro — Jogos, Passatempos e Habilidades
Jacques Chesnais —

DOS TESTES PEDAGÓGICOS

GEORGETE DE CASTRO

O problema educacional tem sido, incontestavelmente, até hoje, objeto das mais acuradas pesquisas, suscitando meios especializados para uma perfeita difusão do ensino. E, assim, é que vamos, substituindo a forma tradicional das provas escritas, um método novo, mais simples e rápido e, conseqüentemente, de mais eficiência no vasto campo da experimentação pedagógica. Lamentamos, entretanto, chegar à conclusão de que a aplicação útil das provas objetivas ainda encontra, no âmbito profissional, uma atmosfera de desconfiança, dificultando, assim, os diagnósticos que a escola nova procura realizar. Necessário se torna haver mais compreensão e maior equipamento de estudos abalizados, os quais proporcionem ao educador um perfeito conhecimento da execução dos testes e do seu valor intrínseco, no campo da Pedagogia Experimental.

O assunto é vasto e não podemos entrar em estudos pormenorizados de problema tão complexo. Limitar-nos-emos, portanto, a desenvolver, de certo modo, os itens seguintes:

- 1 — precisar a noção do teste;
- 2 — valor do teste;
- 3 — como organizar um teste;
- 4 — principais tipos de testes pedagógicos;
- 5 — características de um bom teste.

I — O TESTE PEDAGÓGICO

Os testes são processos experimentais de pesquisas pedagógicas, os quais falicitam a verificação de capacidades individuais e de aquisições escolares. Permitem estabelecermos as normas de verificação do aproveitamento escolar e são “um excelente motivo de renovação da vida mental do professor”.

Empregamo-los, ainda, para promoção e classificação de alunos, para homogeneização de turmas e outras finalidades de ordem educacional.

Com a sua aptidão, o aluno, comparando-o com o seu progresso anterior. Pela oportunidade que tem o mestre de estar sempre em contato com o rendimento do educando, sentindo, de perto, a elevação ou depreciação do resultado obtido, estabelece-se, entre os dois, uma corrente de simpatia, arma poderosa para a boa aprendizagem.

Seu caráter objetivo permite um julgamento uniforme e seguro, independente da impressão subjetiva do examinador. Um dos itens também importantes para o professor, na utilidade do teste, é a facilidade de correção das provas. Sendo estas subjetivas, vê-se o mestre com o encargo penoso de corrigir dezenas de trabalhos inúteis, de grafia muitas vezes incompreensível, escritas em mau vernáculo, dificuldades essas afastadas pelas provas objetivas.

Os opositores dos testes apontam, entretanto, inconvenientes, como sejam as dificuldades da renovação escolar, impossibilitando o aluno de revelar maior soma de conhecimentos, restringindo-o dentro do âmbito estreito de "cruzes", "traços", "coluna", etc. Não discordamos. Para isto, a fim de eliminar tais desvantagens, surgiu uma fórmula conciliatória, o método eclético, que reuniu as vantagens das provas objetivas (testes), às vantagens das provas subjetivas (tradicionais). E assim, é que sempre adotamos a redação e a leitura oral, como também problemas com cálculo e solução raciocinada, para fazerem parte das provas de promoção nos Grupos Escolares.

O mestre da infância, no seu labor constante em busca de novas diretrizes que o levem à meta da Psicologia Pedagógica, não pode ficar indiferente a essas descobertas científicas, que constituem, de fato, um progresso na educação dos povos. A missão do educador é medir, com frequência, os conhecimentos adquiridos pelos alunos, de maneira fácil e garantida; tarefa esta penosa e difícil no sistema tradicional.

III — COMO ORGANIZAR UM TESTE PEDAGÓGICO

Na elaboração de um teste, a primordial preocupação é o planejamento definitivo do subjetivos a realizar. Só por meio de observações empíricas, poderemos al...

salmente, a fim de avançar, com precisão, o progresso de toda a classe e a sua própria eficiência no ensino, o educador usará os testes a que chamaremos de **informação**, por servirem de orientadores do mestre. O Departamento Estadual de Educação, através do seu Serviço de Pesquisas Educacionais, leva, até aos estabelecimentos de ensino primário, uma série de testes, cuidadosamente escolhidos, fixando as normas dos diferentes graus e favorecendo um julgamento seguro. Neste caso, os testes ficam, então, **estandardizados**.

Condições essenciais na organização de uma prova objetiva, são as seguintes apreciações:

a) — **o programa da série**, que permite uma revisão cuidadosa da matéria ensinada durante o período referente à prova que se vai aplicar. As questões triviais devem ceder lugar às mais importantes, tendo-se, porém, o cuidado de evitar-se a possibilidade de conceitos arbitrários, de formas complexas, que impliquem uma falsa compreensão por parte dos educandos. Deve-se ter a precaução de formular as questões numa linguagem clara e precisa, ao alcance do nível intelectual de cada série. As sentenças longas são desaconselhadas, como as palavras pouco usadas na linguagem fluente.

b) — **a escolha dos tipos de questão**: — Numa prova pode haver mais de um tipo de questão, sendo importante destacar-se, nas questões do mesmo tipo, uma explicação sobre o modo de serem respondidas. Se, mesmo assim, os alunos demonstrarem dificuldades em executar a ordem, deve-se ensinar, individualmente, os que não compreenderam.

Tôdas as questões devem englobar as qualidades inerentes ao centro de interesse do educando, porque, segundo Herbart, o interesse é a mola que excita a aquisição do saber e o saber é o que orienta a ação.

IV — PRINCIPAIS TIPOS DE TESTES PEDAGÓGICOS

Há uma grande variedade de tipos de testes pedagógicos, destacando-se os seguintes:

- 1 — tipos de recordação ou evocação;
- 2 — tipos de reconhecimento;
- I — São tipos de recordação as questões cujas respostas consistem:
 - a) — em recordação completa;
 - b) — em completamento ou preenchimento de lacunas.
- II — São tipos de reconhecimento as questões cujas respostas se enquadram nos seguintes casos:

a) — respeito às palavras convenientes).

b) — verdadeiro — falso;

c) — sim — não;

d) — certo — errado;

e) — igual — oposto;

f) — resposta múltipla;

g) — escôlha única;

h) — escôlha pluralizada;

i) — melhores respostas;

j) — emparelhamento ou correspondência;

l) — recordação ou reorganização;

m) — correção.

Para mais perfeita explicação desta matéria, a Secção de Pesquisas Educacionais do Departamento Estadual de Educação, através da "Revista do Ensino", publicará, trimestralmente, uma série de questões enquadradas no sistema de provas que ora adotamos.

V — CARACTERÍSTICAS DE UM BOM TESTE

A eficiência das provas de teste requer do professor esmerado cuidado na elaboração das mesmas, dotando-as de condições que asseverem a sua objetividade.

Uma prova muito fácil ou muito difícil trará, inevitavelmente, consequências desastradas, de vez que o resultado será o êxito geral ou o malôgro de todos, tornando, desta forma, impossível a classificação dos examinandos.

Infelizmente, não são essas, apenas, as causas do insucesso; um teste sempre dá resultados satisfatórios, quando se teve a preocupação máxima de executá-lo com os cuidados técnicos indispensáveis.

Muitas de nossas colegas têm, no entanto, algumas vezes, protestado contra a disparidade de notas de seus alunos, no resultado final das provas aplicadas pela Secção de Pesquisas Educacionais.

Corolário dêsse mau resultado é, geralmente, a variabilidade do aplicador, que não estabelece, quase sempre, normas especiais para uma perfeita fiscalização.

Atendendo à técnica organizadora aconselha pelo Curso de Provas e Medidas, do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, damos, em seguida, as qualidades que caracterizam um bom teste:

1 — objetividade

2 — validade

- 4 — discriminação
- 5 — dificuldade graduada
- 6 — economia de tempo e de dinheiro

OBJETIVIDADE

As disposições de espírito e as tendências pessoais, na época em que se realiza o julgamento da prova, são fatores que influem na medição dos conhecimentos e, conseqüentemente, faz-se necessário o emprêgo de um instrumento de medida que anule essas causas de êrro.

Um bom teste alcança essa finalidade quando dotado de condições que garantam a sua objetividade.

Esta é a qualidade que assegura ao teste a uniformidade de julgamento, isto é, idênticos resultados de medição quando feita por diferentes pessoas.

A objetividade é atingida quando o teste apresenta os caracteres seguintes: instruções completas, cuidadosas chaves de apuração e garantia de julgamento uniforme.

VALIDADE

Afirma-se a validade de uma prova, estabelecendo um paralelo entre os resultados obtidos pela mesma com os de outro critério de medida considerado de igual confiança.

Considera-se a validade a mais importante característica de um bom teste, pois, nos dá o resultado exato e real do que se pretende medir.

FIDELIDADE

Um bom teste, quando aplicado duas vêzes em um curto período de tempo, deve apresentar equivalência de resultados, isto é, uniformidade de relação entre as duas sucessivas aplicações da prova.

Essa estabilidade dos resultados da prova é a qualidade conhecida por fidedignidade, precisão, constância ou confiança.

DISCRIMINAÇÃO

É a qualidade que tem por objetivo selecionar indivíduos de diferentes habilidades.

Um bom teste deve oferecer resultados que permitam, por meio dos pontos alcançados no cômputo das provas, discriminar os alunos fortes, médios e fracos.

Na organização de uma prova necessita-se observar certa gradação na disposição das questões ou exercícios.

A escala graduada de dificuldades deve ser arranjada em ordem crescente, de maneira tal que a primeira série de questões ou exercícios seja acessível a todos os alunos da classe; enquanto, a última série dos mesmos desafie o mais apto dos examinandos.

ECONOMIA DE TEMPO E DE DINHEIRO

Sem prejudicar a justeza da medida, há conveniência de que o teste seja apresentado de tal modo que a sua aplicação e julgamento se processem dentro de um mínimo de tempo e de custo.

—::—

Ao concluir o trabalho ora apresentado, desejamos esclarecer que o elaborámos sem a preocupação de apresentar às colegas do magistério primário do Estado algo de novidade a respeito dos testes de escolaridade.

Não tentámos ir além dos limites traçados pelas observações e conclusões dos mestres.

Orientou-nos, apenas, o propósito honesto de divulgar os conhecimentos já registrados em obras autorizadas que elevam o nível cultural do professorado do nosso país.

Embora realizássemos um modesto trabalho de divulgação, é possível que o nosso esforço não tenha sido inútil.

Se assim fôr, estaremos, satisfatoriamente, compensados em ter atingido o objetivo visado.

“A PÁGINA DO PROFESSOR”

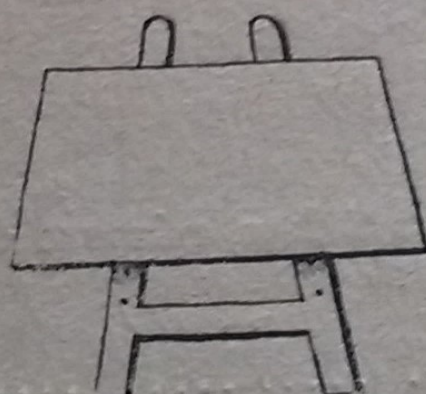
“Da Secção de Pesquisas Educacionais”

COLEGA DO INTERIOR — Como você sabe, o ensino no Brasil tomou uma nova orientação com a divulgação dos testes de aproveitamento de escolaridade.

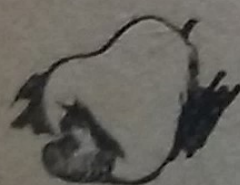
A prova clássica fôra abolida por completo, dando lugar ao tipo de Prova Objetiva. E, para que você tenha melhor conhecimento do que sejam os testes, estamos enviando-lhe, através da Revista do Ensino, a “Página do Professor” — um trabalho de testes pedagógicos com tôdas as características das provas objetivas, no sentido de facilitar as suas aulas por meio de explicações e exercícios.

LINGUAGEM — 1º Ano

1 — Escreva no quadro-negro uma sentença com a palavra MAMÃE e com a palavra BOLA.



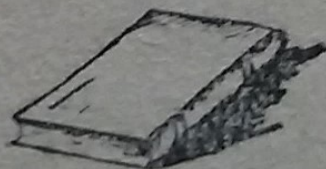
2 — Complete os nomes destas figuras:



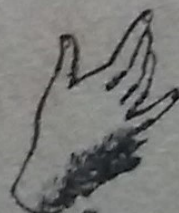
.....U



P.....



.....O



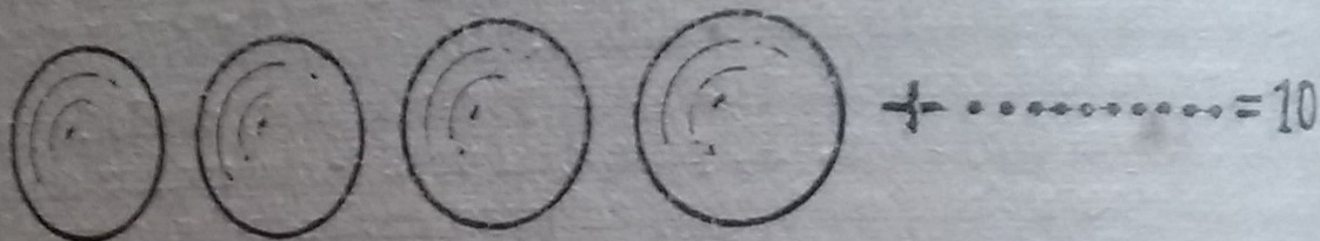
.....Ã

4 — Escreva, na linha abaixo, o nome do seu Grupo.

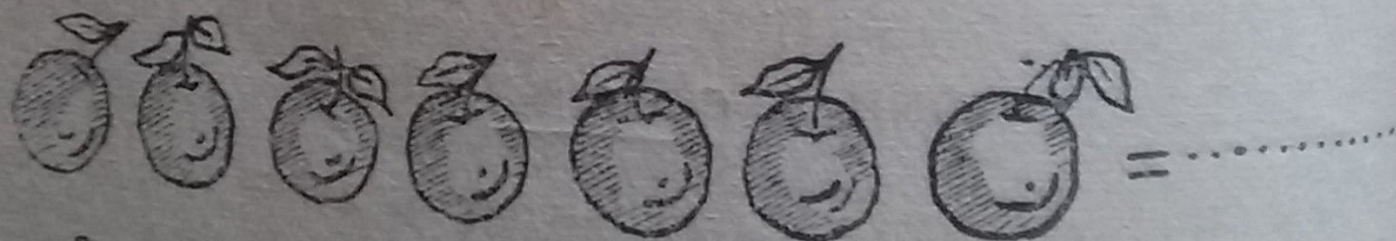
5 — DITADO: AVE — OVO — UVA — VOVÓ — EVA —
IVO

MATEMÁTICA

1 — Complete as igualdades:



2 — Separe meia dúzia de laranjas:

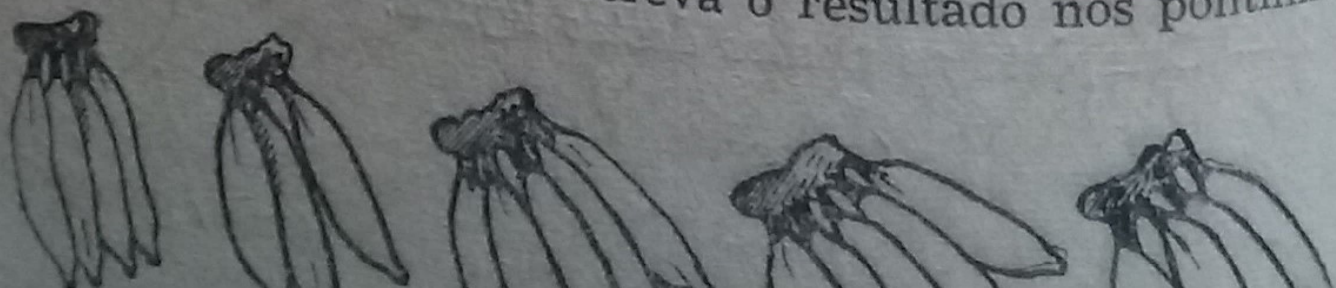


3 — Escreva, nos pontinhos, número de 89 a 98.

89

98

4 — Conte as bananas e escreva o resultado nos pontinhos.



a — José ganhou 26 balas e depois outras 14. Quantas balas José ganhou?

R.....	Cálculo
--------	---------

b — Pedro tem 12 anos e Maria tem 8. Qual é a mais velha?

R.....	Cálculo
--------	---------

6 — Faça estas continhas:

480	-	26	-	547
2508	-	135		

CONHECIMENTOS GERAIS

1 — Escreva, abaixo da raiz, o nome da grande cachoeira do Estado de Alagoas:



2 — Escreva, nos pontinhos, o nome de 4 animais domésticos.

.....

3 — Faça um traço abaixo da palavra:

A raiz é uma parte da..... pedra — planta — água.

O vegetal tem..... cabeça — ouvidos — raiz.

4 — Escreva os nomes das duas lagoas do Estado:

.....

5 — Sublinhe o nome do astro que nos envia luz e calor:

Lua — Saturno — Sol — Venus

Sugestões para organização e desenvolvimento de programas, apresentado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

1 — INTRODUÇÃO

A linguagem, meio de expressão por excelência e instrumento básico de inter-comunicação social, é usada pela criança desde seus primeiros anos de vida, constituindo elemento valioso na aquisição de novas experiências e conhecimentos. Tôca e rudimentar a princípio, vai aos poucos sendo aperfeiçoada pela escola, através da aprendizagem das técnicas especializadas da leitura e escrita, da ampliação do vocabulário infantil, da sistematização de conhecimentos de ortografia e gramática e do cultivo da capacidade de ler independentemente, possibilitando à criança o aproveitamento de toda a riqueza cultural acumulada pela experiência dos que a antecederam.

Tratando-se de matéria instrumental, desenvolver-se-á o ensino da linguagem, principalmente em função das outras atividades escolares, e somente, quando absolutamente necessário, terá períodos e exercícios especiais de aprendizagem. É imprescindível também que este ensino se processe em situação total de vida, isto é, de acordo com os interesses infantis próprios de cada idade, de cada grau de desenvolvimento, dentro das possibilidades pessoais da criança e das exigências do meio.

Simplemente por motivos de ordem didática e sem prejuízo da necessidade da globalização encarecida acima, o presente programa de linguagem oral e escrita apresenta, isoladamente, os objetivos gerais e específicos de ensino desta matéria, mínimo de habilidades, hábitos, atitudes e ideais a serem adquiridos, como também sugestões de atividades para o seu desempenho, subdivididas estas, visando facilitar o manuseio pelo professor, nas seguintes seções: Linguagem oral, Literatura infantil, Leitura, Escrita, Composição, Gramática, Ortografia.

levando-o a expressar-se com facilidade, naturalidade, clareza e correção.

— Dotar o aluno da capacidade de ler com compreensão, naturalidade e rapidez.

— Dotar o aluno da capacidade de escrever com legibilidade, correção, simplicidade, e clareza.

— Cultivar o gosto pela boa literatura infantil e pelas obras de literatura nacional e estrangeira, acessíveis à criança.

— Formar hábitos de leitura independente, para recreação e estudo.

— Despertar o amor e o interêsse pelo idioma e pelos autores nacionais, desenvolvendo o sentimento de pátria e o de brasilidade.

III — SUGESTÕES PARA A 1ª SÉRIE DO CURSO ELEMENTAR

1. Objetivos específicos

— Desenvolver nas crianças a capacidade de expressão oral.

— Incentivar o interêsse dos alunos pelas histórias e poesias adequadas ao seu nível de desenvolvimento.

— Dotar os alunos das técnicas fundamentais da leitura e da escrita.

— Formar nas crianças a atitude de procurar sempre compreender o sentido do que lêem e copiam.

— Despertar nos educandos a preocupação de escrever corretamente.

2. Mínimos a alcançar

Ao completar o 1º ano, o aluno deverá demonstrar que:

— emprega, em sua linguagem oral, vocabulário relativamente adequado e correto, com boa articulação das palavras;

— tem interêsse pelos livros de literatura infantil apropriados ao seu desenvolvimento, sendo capaz de reproduzir algumas histórias e poesias;

— lê oralmente, com boa dicção, historietas cujo sentido pode interpretar;

— sabe executar ordens simples pela interpretação de pequenas frases lidas silenciosamente;

— escreve com boa posição e legibilidade, com movimentos

- correta, frases... e suas dificuldades foram estudadas;
- divide palavras formadas por sílabas simples;
 - compõe, por escrito, pequenas sentenças sôbre assunto de sua experiência;
 - conhece nomes de pessoas, árvores, animais, objetos, etc., sendo capaz de atribuir-lhes algumas ações e qualidades;
 - sabe empregar corretamente maiúsculas, minúsculas, ponto final e de interrogação.

3. Sugestões das atividades e orientação metodologica

E' impossível iniciar a criança na aquisição das técnicas de leituras e escrita, antes de habituá-la ao trabalho escolar, por meio de atividades ricas de oportunidades educacionais, de acôrdo com suas experiências e interêsses. Daí a necessidade de um período preparatório durante o qual, ao lado do desenho, do canto, das aulas práticas de aritmética, de conhecimentos gerais, etc., o professor organizará numerosas atividades de linguagem oral e literatura infantil. Assim, ao mesmo tempo em que se facilita a ambientação da criança na escola, vai se desenvolvendo sua capacidade de expressão oral, satisfazendo seu gôsto pelas histórias, despertando seu interêsse para as poesias, e predispondo-a à aprendizagem da leitura e escrita.

A — LINGUAGEM ORAL

Um dos objetivos máximos a serem atingidos no 1º ano é o desenvolvimento da capacidade de expressão oral da criança, que se vai alcançando principalmente através de conversas, apresentação e interpretação de gravuras, etc.

Conversas — Constituem as conversas entre professor e alunos, atividades muito importantes no desenvolvimento da linguagem da criança e na sua ambientação à escola. E' necessário, porém, que sejam bem orientadas, a fim de que não se reduzam a meras respostas a perguntas pelo professor, mas pelo contrário, permitam aos alunos falar livre e espontâneamente sôbre assunto de seu interêsse. A linguagem do professor deve ser a mais simples possível, sendo aproveitadas tôdas as oportunidades para ampliar e corrigir o vocabulário infantil, porém de modo a não tolher a espontaneidade da criança. O professor repetirá de forma correta, em momento oportuno, a frase errada pela criança, sem interrompê-la ou fazer quaisquer comentários depreciativos. As conversas devem ser encaminhadas de modo a versar sôbre assuntos concretos, tais como:

c) ocorrências nas praças, jardins frequentados pelas crianças.
d) transportes mais usados pelas crianças;
e) aniversários, festinhas e acontecimentos familiares mais importantes;

f) planejamento ou comentário de atividades dos programas de trabalhos manuais, canto orfeônico, conhecimento gerais, etc.
g) recados e avisos dados pelas crianças a classes vizinhas, à diretora, como resultantes das conversas ou situações reais surgidas em aula;

h) convites feitos oralmente a outras classes, à diretora, etc.

Gravuras — As gravuras representam um material riquíssimo de recursos para as aulas de linguagem e composição oral. Elas levam as crianças a desenvolver sua imaginação criadora e a corrigir, dilatar e aprofundar suas experiências, constituindo um dos melhores elementos para a boa organização do pensamento.

É preciso, porém, saber usar as gravuras, que deverão ser apresentadas convenientemente, permitindo-se, através delas, a livre expansão da personalidade infantil.

Quanto menor fôr a criança, mais rica de colorido, de personagens, de incidentes, de ação, de conteúdo enfim, deve ser a gravura, sendo recomendável que contenha elementos relacionados com a vida infantil, apresentando, de preferência, uma situação bem definida. À medida que a criança fôr atingindo maior desenvolvimento intelectual, as gravuras poderão ser mais simples, em seu conteúdo, fazendo maior apêlo à imaginação criadora do aluno.

Escolhida a gravura, o professor deve fazer uma apresentação da mesma às crianças e pedir-lhes que inventem uma história de acôrdo com o que se acha representado. Convém observar que não se trata de descrição de gravuras, mas sim de inventão de histórias. É verdade que, inicialmente, a criança não irá muito além da justaposição de elementos, citando apenas o que vê; porém, com o desenvolvimento, orientado pelo professor, chegará a compor, oralmente, historiazinhas bem interessantes.

O professor comentará com a classe as histórias inventadas, ressaltando discretamente as melhores. Através de exercícios frequentes, o mestre levará seus alunos a expôr com boa sequência e riqueza, cultivando-lhes paralela-

qualro, desde os primeiros meses letivos, o que as crianças dissem e levá-las a copiar.

Tendo em vista o emprêgo de gravuras, sugerimos abaixo algumas atividades que podem ser realizadas pela classe, além de outras que o professor possa imaginar:

- a) cortar, colar e deixar em exposição num dos cantos da sala, gravuras trazidas de casa, sôbre as quais poderão ser redigidas frases ilustrativas;
- b) agrupar gravuras que se refiram aos mesmos aspectos da vida infantil (cenas de casa, brinquedos, etc.);
- c) interpretar as cenas de uma história muda;
- d) concluir histórias iniciadas pelo professor acêrca de uma gravura exposta;
- e) inventar uma história à vista de uma gravura.

B — LITERATURA INFANTIL

Histórias — Talvez nenhuma atividade seja tanto do agrado da criança como ouvir e contar histórias. Ao entrar para a escola, ela já conhece numerosas histórias e seu interêsse pelas mesmas é constante e vivo. O professor deve utilizá-las, pois enriquecem a experiência e desenvolvem a imaginação da criança e seu vocabulário, além de constituírem excelente meio de educação moral e social. Para que as histórias atinjam todos êstes valores é preciso, porém, saber escolhê-las, tendo em vista o desenvolvimento e os interêsses infantís. Sempre que uma história fôr aproveitável mas contiver elementos prejudiciais, à criança, é necessário que o professor faça a conveniente adaptação, eliminando-os. São considerados elementos prejudiciais: os que possam provocar emoções muito fortes (mêdo, susto), a fixação de superstições, o prejuizo da boa moral, etc.

E' também muito importante saber contar a história que, por mais interessante, pode perder o valor se mal contada. Daí ser necessário ao professor conhecer bem o que vai ser contado, como também empregar uma linguagem correta, fluente, clara, expressiva, não substituindo a palavra pelos gestos que podem distrair a atenção das crianças, levando-as a perder fio do enrêdo. Convirá ao professor, atendendo ao gôsto infantil, escolher histórias que tenham como tema: animais, fatos reais, fadas, surpresas, belo concreto (palácios, vestidos, banquetes), ação, sucesso, etc. Assim procurará também considerar, nas suas narrações, os seguintes elementos:

- a) emprêgo discreto de diminutivos;
- b) uso de nomes...

— Propiciar o desenvolvimento da linguagem oral do aluno, levando-o a expressar-se com facilidade, naturalidade, clareza e correção.

— Dotar o aluno da capacidade de ler com compreensão, naturalidade e rapidez.

— Dotar o aluno da capacidade de escrever com legibilidade, correção, simplicidade, e clareza.

— Cultivar o gosto pela boa literatura infantil e pelas obras de literatura nacional e estrangeira, acessíveis à criança.

— Formar hábitos de leitura independente, para recreação e estudo.

— Despertar o amor e o interesse pelo idioma e pelos autores nacionais, desenvolvendo o sentimento de pátria e o de brasilidade.

III — SUGESTÕES PARA A 1ª SÉRIE DO CURSO ELEMENTAR

1. Objetivos específicos

— Desenvolver nas crianças a capacidade de expressão oral.

— Incentivar o interesse dos alunos pelas histórias e poesias adequadas ao seu nível de desenvolvimento.

— Dotar os alunos das técnicas fundamentais da leitura e da escrita.

— Formar nas crianças a atitude de procurar sempre compreender o sentido do que lêem e copiam.

— Despertar nos educandos a preocupação de escrever corretamente.

2. Mínimos a alcançar

Ao completar o 1º ano, o aluno deverá demonstrar que:

— emprega, em sua linguagem oral, vocabulário relativamente adequado e correto, com boa articulação das palavras.

— tem interesse pelos livros de literatura infantil apropriados ao seu desenvolvimento, sendo capaz de reproduzir algumas histórias e poesias;

— lê oralmente, com boa dicção, historietas cujo sentido possa interpretar;

— sabe executar ordens simples pela interpretação de palavras nas frases lidas silenciosamente.

- compõe, por escrito, pequenas sentenças sobre assunto de sua experiência;
- conhece nomes de pessoas, árvores, animais, objetos, etc., sendo capaz de atribuir-lhes algumas ações e qualidades;
- sabe empregar corretamente maiúsculas, minúsculas, ponto final e de interrogação.

3. Sugestões das atividades e orientação metodológica

É impossível iniciar a criança na aquisição das técnicas de leitura e escrita, antes de habituá-la ao trabalho escolar, por meio de atividades ricas de oportunidades educacionais, de acordo com suas experiências e interesses. Daí a necessidade de um período preparatório durante o qual, ao lado do desenho, do canto, das aulas práticas de aritmética, de conhecimentos gerais, etc., o professor organizará numerosas atividades de linguagem oral e literatura infantil. Assim, ao mesmo tempo em que se facilita a ambientação da criança na escola, vai se desenvolvendo sua capacidade de expressão oral, satisfazendo seu gosto pelas histórias, despertando seu interesse para as poesias, e predispondo-a à aprendizagem da leitura e escrita.

A — LINGUAGEM ORAL

Um dos objetivos máximos a serem atingidos no 1º ano é o desenvolvimento da capacidade de expressão oral da criança, que se vai alcançando principalmente através de conversas, apresentação e interpretação de gravuras, etc.

Conversas — Constituem as conversas entre professor e alunos, atividades muito importantes no desenvolvimento da linguagem da criança e na sua ambientação à escola. É necessário, porém, que sejam bem orientadas, a fim de que não se reduzam a meras respostas a perguntas pelo professor, mas pelo contrário, permitam aos alunos falar livre e espontaneamente sobre assunto de seu interesse. A linguagem do professor deve ser a mais simples possível, sendo aproveitadas tôdas as oportunidades para ampliar e corrigir o vocabulário infantil, porém de modo a não tolher a espontaneidade da criança. O professor repetirá de forma correta, em momento oportuno, a frase errada pela criança, sem interrompê-la ou fazer quaisquer comentários depreciativos. As conversas devem ser encaminhadas de modo a versar sobre assuntos concretos, tais como:

a) e planejamento de uma excursão, de uma dramatização e o comentário das mesmas;

b) festividades locais a que a criança compareça;

c) ocorrências nas praças e jardins frequentados pelas crianças.

d) transportes mais usados pelas crianças;

e) aniversários, festinhas e acontecimentos familiares mais importantes;

f) planejamento ou comentário de atividades dos programas de trabalhos manuais, canto orfeônico, conhecimento gerais, etc.;

g) recados e avisos dados pelas crianças a classes vizinhas, à diretora, como resultantes das conversas ou situações reais surgidas em aula;

h) convites feitos oralmente a outras classes, à diretora, etc.

Gravuras — As gravuras representam um material riquíssimo de recursos para as aulas de linguagem e composição orais. Elas levam as crianças a desenvolver sua imaginação criadora e a corrigir, dilatar e aprofundar suas experiências, constituindo um dos melhores elementos para a boa organização do pensamento.

É preciso, porém, saber usar as gravuras, que deverão ser apresentadas convenientemente, permitindo-se, através delas, a livre expansão da personalidade infantil.

Quanto menor for a criança, mais rica de colorido, de personagens, de incidentes, de ação, de conteúdo enfim, deve ser a gravura, sendo recomendável que contenha elementos relacionados com a vida infantil, apresentando, de preferência, uma situação bem definida. À medida que a criança for atingindo maior desenvolvimento intelectual, as gravuras poderão ser mais simples, em seu conteúdo, fazendo maior apelo à imaginação criadora do aluno.

Escolhida a gravura, o professor deve fazer uma apresentação da mesma às crianças e pedir-lhes que inventem uma história de acordo com o que se acha representado. Convém observar que não se trata de descrição de gravuras, mas sim de invenção de histórias. É verdade que, inicialmente, a criança não irá muito além da justaposição de elementos, citando apenas o que vê; porém, com o desenvolvimento, orientado pelo professor, chegará a compor, oralmente, historiazinhas bem interessantes.

O professor comentará com a classe as histórias inventadas, ressaltando discretamente as melhores. Através de exercícios frequentes, o mestre levará seus alunos a expor com boa sequência lógica e vocabulário mais preciso e rico, cultivando-lhes paralelamente o hábito de atenção e observação.

No 1º ano as composições serão apenas

qualro, desde os primeiros meses vivos, o que as crianças disse-
rem e levá-las a copiar.

Tendo em vista o emprêgo de gravuras, sugerimos abaixo al-
gumas atividades que podem ser realizadas pela classe, além de
outras que o professor possa imaginar:

a) cortar, colar e deixar em exposição num dos cantos da
sala, gravuras trazidas de casa, sôbre as quais poderão ser redigi-
das frases ilustrativas;

b) agrupar gravuras que se refiram aos mesmos aspectos da
vida infantil (cenas de casa, brinquedos, etc.);

c) interpretar as cenas de uma história muda;

d) concluir histórias iniciadas pelo professor acêrca de uma
gravura exposta;

e) inventar uma história à vista de uma gravura.

B — LITERATURA INFANTIL

Histórias — Talvez nenhuma atividade seja tanto do agrado
da criança como ouvir e contar histórias. Ao entrar para a escola,
ela já conhece numerosas histórias e seu interêsse pelas mesmas
é constante e vivo. O professor deve utilizá-las, pois enriquecem
a experiência e desenvolvem a imaginação da criança e seu voca-
bulário, além de constituírem excelente meio de educação moral
e social. Para que as histórias atinjam todos êstes valores é pre-
ciso, porém, saber escolhê-las, tendo em vista o desenvolvimento
e os interêsses infantís. Sempre que uma história fôr aproveitá-
vel mas contiver elementos prejudiciais, à criança, é necessário
que o professor faça a conveniente adaptação, eliminando-os. São
considerados elementos prejudiciais: os que possam provocar emo-
ções muito fortes (mêdo, susto), a fixação de superstições, o pre-
juízo da boa moral, etc.

E' também muito importante saber contar a história que, por
mais interessante, pode perder o valor se mal contada. Daí ser
necessário ao professor conhecer bem o que vai ser contado, como
também empregar uma linguagem correta, fluente, clara, expres-
siva, não substituindo a palavra pelos gestos que podem distrair
a atenção das crianças, levando-as a perder fio do enrêdo. Con-
virá ao professor, atendendo ao gôsto infantil, escolher histórias
que tenham como tema: animais, fatos reais, fadas, surpresas, belo
concreto (palácios, vestidos, banquetes), ação, sucesso, etc. As-
sim procurará também considerar, nas suas narrações, os seguin-
tes elementos:

a) emprêgo discreto de diminutivos;

b) uso de nomes pitorescos tão do agrado infantil;
Balegar, etc.;

d) emprêgo de certas repetições.

Contada uma história, deve o professor levar a classe a fazer o comentário, para aquilatar da compreensão e impressão dos alunos sôbre a mesma.

No 1º ano, quase só se apresentam histórias contadas, porém, se houver livros adequados e de linguagem acessível, nada impedirá que se leia uma ou outra histórias para a classe.

É recomendável que, na 2ª parte do ano letivo, quando as crianças já estiverem mais integradas no ambiente escolar, o professor institua a "Hora da História", através da qual muitas atividades serão realizadas pelos alunos, tais como:

a) contar história;

b) fazer comentário da história, da linguagem e progresso do aluno que narra;

c) desenhar, recortar e modelar cenas das histórias contadas;

d) dramatizar as histórias;

e) inventar histórias;

f) concluir histórias começadas pelo professor, etc.

Dramatizações — Quando falamos em levar as crianças a dramatizar as histórias, queremos dizer que desejamos que elas "brinquem de história" (Ex.: Vamos brincar de Chapelinho Vermelho?). Não deve existir a menor idéia de transformar a criança em artista, com papel decorado e preocupada com um auditório. A dramatização visa tornar fluente a linguagem da criança possibilitando-lhe o treino da expressão do pensamento. Precisa, pois, ser uma atividade comum, constantemente realizada em classe.

O professor nunca deverá impôr uma dramatização à classe ao notar, porém, que os alunos gostaram de uma história e a entenderam, procurará verificar se a fixaram e então sugerirá "Vamos brincar de tal história?" Combinará com as crianças a distribuição dos papéis, e as levará a representar os personagens com sua linguagem e expressão naturais, sem artificialismo algum. Cabe ainda ao professor coordenar a atividade dos alunos e depois fazer o comentário, criticando, com êles, o trabalho de cada um, isto é, conversando sôbre os aspectos fortes e fracos de cada interpretação.

Desde que os alunos revelem interêsse, poderá ser repetida a dramatização, substituindo-se os intérpretes, a fim de que maior número de crianças tenha oportunidade de participar desta atividade.

um rei ou um príncipe; com uma espada e uma espada; com uma cinta, são um príncipe; com um pano preto, uma bruxa; com um chapéu de papel e um cabo de vassoura, um soldado, etc.

As dramatizações proporcionarão inúmeras oportunidades para a correlação com as demais atividades do programa escolar, como sejam: desenho, trabalhos manuais, canto orfeônico, educação física, etc.

Poesias — Geralmente as crianças, ao entrarem para a escola, já sabem quadrinhas e até mesmo pequenas poesias, sentindo prazer em repetir as rimas. O professor poderá aproveitar o interesse da classe, ou de algumas crianças, para iniciar o ensino de poesias. Estas devem ser tão simples na forma, como no conteúdo, curtas de sentido e linguagem muito fáceis, artísticas, contribuindo, assim, para despertar nas crianças o bom gosto e, mesmo, o desejo de falar bem.

Escolhida a poesia, o professor deverá fazer a sua leitura para a classe, com expressão e clareza, conversando em seguida com as crianças sobre a mesma, para verificar se ela foi convenientemente interpretada. Uma vez firmada a interpretação, caberá aos alunos acompanhá-lo na recitação. Repetida a poesia em conjunto, o professor observará se as crianças conhecem-na de cor. Poderá, então, pedir que uma ou outra a recite durante as aulas, num auditório, no aniversário de um colega, etc.

Não convém forçar os alunos a recitar; é preferível ensinar em conjunto e levar cada um a dizer os versos sózinho, quando desejar fazê-lo.

Assim, constituem boas atividades para a aprendizagem de poesias:

- a) ouvir poesias lidas pelo professor;
- b) interpretá-las, isto é, conversar sobre sua significação;
- c) acompanhar o professor na recitação;
- d) fazer as declamações, quando surgirem as oportunidades criadas pela própria vida social da classe ou da escola;
- e) ler poesias muito simples (Ex.: quadrinhas);
- f) copiar poesias, ilustrando-as com desenhos, recortes ou gravuras;
- g) organizar uma lista das poesias mais apreciadas pela classe;
- h) classificar as poesias pelo assunto (Ex.: engraçadas, sérias, de animais, etc.).

em duas fazes distintas. O período da aprendizagem propriamente dita.

Período preparatório — Já nos primeiros dias de aula, através das atividades de linguagem oral e literatura, o professor perceberá as diferenças dos alunos quanto as habilidades, interesses, meio social, meio familiar, experiências e conhecimentos anteriores de leitura e escrita. Habilmente procurará aproximar as crianças pelas afinidades, formando grupos que permitam um trabalho de alfabetização mais rápido e eficiente.

Como já foi frisado anteriormente, o ensino das técnicas da leitura e escrita não será iniciado nos primeiros dias de aula. As atividades de linguagem oral e literatura, bem como as dos programas de Conhecimentos Gerais, Desenho, Música, Educação, Física, fornecerão material para um sem número de observações, palestras, excursões, jogos, em que a linguagem estará sempre presente, espontânea, com possibilidades de enriquecimento e correção, através do exemplo do professor e das crianças mais bem dotadas. Com habilidade e imaginação, o professor aproveitará estas atividades para despertar nos alunos o desejo de ler, criando na classe uma atmosfera de alegria, de vivacidade, dentro de uma ordem relativa, capaz de produzir resultados eficientes. Para este período podem ser sugeridas as atividades seguintes:

a) leitura de histórias pelo professor para que o aluno sinta o prazer que ela proporciona;

b) ornamentação da sala com gravuras sugestivas que se relacionem com histórias lidas ou narradas, servindo de tema a conversas, acompanhadas de sentenças, frases ou palavras, escritas pelo professor, para que a criança se habitue a prestar atenção aos caracteres escritos e sinta que têm uma significação;

c) apresentação de jogos interessantes em que a palavra falada seja substituída pela palavra escrita, progressivamente. (Ex.: o jogo, de "galinha voa?"

— permite o emprêgo de cartões com as palavras "voa" e "não". Pela apresentação de um deles se processa o jogo, verificando o aluno a possibilidade da substituição da palavra falada pela escrita);

d) reconhecimento e colocação de cartões, com os respectivos nomes, junto aos objetos escolares;

e) reconhecimento pelo aluno de seu próprio nome e do dos colegas nas fichas preparadas pelo professor para esse fim e nos objetos e cadernos de uso dos alunos;

f) organização de um pequeno museu de classe com a designação dos exemplares.

personalizando, de modo a estimular na criança o desejo de aprender a ler e a escrever. Este período preparatório varia de duração, de processo a processo, de turma a turma, de aluno a aluno. Só o mestre saberá o momento oportuno de começar o ensino propriamente dito, da leitura e escrita.

Nos processos analítico-sintéticos (ou globais, de contos, de sentencição, palavrção) a fase de preparação é menos longo do que nos processos sintéticos (fônico, fonético, de silabação) porque o material inicial das aulas ocorre naturalmente e é possível, bem depressa, fazer uso deles no quadro negro ou em cartazes. Nos processos fônicos ou de silabação essa fase é de um valor extraordinário para que o aluno não perca o sentido da leitura, quando iniciada a aprendizagem.

Através das conversas e atividades mencionadas anteriormente, a criança sentirá que a linguagem é formada de conjuntos que são as sentenças, que estas se compõem de palavras e as palavras se desdobram em sílabas. Só quando o aluno começar a perceber, embora não muito precisamente, tal mecanismo, é que o professor deverá iniciar o ensino sistematizado das técnicas de ler e escrever. Nos processos fônicos ou de silabação também poderá haver escrita de sentenças ou palavras, no quadro-negro, em cartazes e até cópia pela criança em papel sem pauta, antes do início da aprendizagem propriamente dita.

Período de aprendizagem — Nos primeiros meses, em lugar de cartilha ou livro de leitura, será conveniente usar material preparado pelo professor, com o auxílio dos alunos, de acôrdo com os interesses destes e possibilidades do meio.

Esse material poderá ser constituído de:

- a) cartazes com gravuras, desenhos, recortes, acompanhados de legenda;
- b) fichas para reconhecimento de sentenças, palavras ou sílabas;
- c) fichas para decomposição e recomposição de sentenças e palavras;
- d) dicionário de figuras, desenhos, recortes com palavras iniciadas pela mesma sílaba ou letra;
- e) coleção de rimas e sons onomatopaicos;
- f) calendário com o nome dos meses e dias da semana;
- g) fichas com os nomes dos alunos;
- h) álbuns de animais com os respectivos nomes;
- i) álbuns de brinquedos com as designações adequadas;

Em tôdas as aulas, o vocabulário utilizado deve ser o de uso corrente na linguagem das crianças. Para evitar monotonia e fadiga, na fixação da aprendizagem, os exercícios e jogos precisam ser interessantes, ativos e curtos, como por exemplo:

- a) risque a palavra gato;
- b) apanhe o cartão que tenha a palavra correspondente a este desenho (gravura representando um gato);
- c) escreva uma palavra que comece por ga, etc.

Nos processos globais de aprendizagem, o início da fase de decomposição varia de acôrdo com as possibilidades dos alunos, cabendo ao professor determinar o momento adequado para iniciá-lo. O material a ser utilizado deve decorrer das sentenças ou palavras previamente estudadas. Todo trabalho de decomposição oral ou escrita deve sempre ser seguido da recomposição.

Na composição de novas sentenças ou palavras é indispensável evitar termos fora do vocabulário familiar, como: bôjo, fojo, poba, opa, pôpa, paul, giga, etc., para que a leitura tenha sempre significação para os alunos. Nessa fase é necessário um grande cuidado para que os alunos não adquiram o mau hábito de leitura silabada, devendo-se levá-los sempre a dizer as palavras ou sentenças como um todo, com a acentuação tônica respectiva e a entonação conveniente. O ponto final e o de interrogação devem ser usados desde as primeiras aulas, em tôdas as oportunidades.

O livro de leitura da classe (cartilha ou pré-livro) deve corresponder, o mais possível, ao vocabulário e interêsse infantil, sendo introduzido logo que o professor sinta que constituirá mais um elemento de valor, não só como exercício de leitura em si, como pelas atividades dela decorrentes. As aulas em que se use o livro de leitura devem ter a participação ativa dos alunos, como por exemplo:

- a) o aluno lê a sentença ou palavra e vai escrevê-la no quadro negro;
- b) o professor escreve a sentença lida com a falta de um elemento e o aluno vai completá-la;
- c) o aluno passa um traço em volta de determinada palavra;
- d) o aluno pede que um colega risque uma sentença, palavra ou sílaba;
- e) o aluno interpreta por ação, desenho, modelagem, o sentido do que leu, etc.

Desde o início da aprendizagem podem ser usados exercícios de leitura silenciosa, para cumprimento de ordens muito simples, para a expressão do assunto através do desenho, para dramatizações, etc.

do fixar as palavras, pela associação do som aos símbolos, e também auxiliar a correção da pronúncia, enunciação, acentuação etc. As únicas, não se descurando nunca do sentido do que o aluno lê. As oportunidades e possibilidades para leitura oral em auditorio, no 1º ano, são diminutas; entretanto, é possível que o aluno leia:

a) para procurar uma sentença determinada pelo professor ou colega; por exemplo: Leia a sentença que diz que a menina ganhou uma boneca. Leia a resposta da menina, etc.

b) para responder a uma pergunta por meio de uma sentença; exemplo: Que fez o menino quando perdeu a bola?

c) para auxiliar a dramatização da história; exemplo: procure o que se segue e leia para ajudar seu colega na representação.

Nos primeiros tempos de aprendizagem, as dificuldades que aparecem, resultantes da inabilidade dos alunos no reconhecimento de palavras ou sentenças, não deverão prejudicar a compreensão do sentido da leitura. Com esse objetivo, o hábito de repetir as sentenças como um todo, com a entonação adequada, deve ser iniciado e exercitado durante todas as aulas de leitura, não só no livro de classe como também em todo o material usado no decorrer das atividades das outras disciplinas.

Além dos exercícios de leitura já sugeridos, podem ser lembrados ao professor:

a) pedir que a criança leia o trecho mais bonito da história;

b) começar uma sentença do livro e pedir que as crianças a procurem e terminem;

c) organizar pequenos questionários referentes a trechos lidos, para que o aluno procure, através da leitura silenciosa, as respostas convenientes;

d) organizar fichas com perguntas sugestivas que as crianças lerão silenciosamente e responderão, oralmente ou por escrito, usando um mínimo de palavras, sinais, desenhos, etc.;

e) escrever no quadro uma história, sentença ou palavra e pedir sua interpretação, por meio de desenho.

Biblioteca de classe — Será uma interessante e útil atividade a ser desenvolvida pelos alunos. Qualquer classe, por mais pobre que seja o meio, poderá ter sua biblioteca própria, organizada com o seguinte:

a) material elaborado pelo professor para ser empregado no período preparatório do ensino da leitura;

b) livros e álbuns organizados pelo professor, com o auxílio dos alunos;

c) livros preparados por alunos de 1ª série dos anos anteriores com...

quadros ao desenvolvimento da classe;

e) álbuns e livros de literatura infantil, selecionados de acordo com os interesses dos alunos, etc.

Não só para a organização desse material, como já se viu, bem explorado, encontrará o professor, numa situação mais silenciosa e oportuna para exercícios de linguagem escrita, leitura silenciosa e atitudes indispensáveis ao manuseio dos livros e quadros.

Com um livro ou um álbum pode ser iniciada uma biblioteca.

D - ESCRITA

Todos os trabalhos escritos resultando das atividades realizadas na classe, principalmente dos de linguagem oral e leitura, visarão dar ao aluno a técnica da escrita, sem preocupação caligráfica e preferência em papel sem pauta, nos primeiros tempos. Cópias próprias serão feitas numa situação de interesse, como a consequência do trabalho, em função das necessidades individuais ou de grupo.

Assim, os alunos poderão fazer cópias de:

a) palavras e sentenças previamente estudadas;

b) trechos interessantes de histórias;

c) trechos para colegas que tenham faltado a aulas anteriores;

d) poesias;

e) cartinhas, avisos, convites;

f) lista de material escolar a trazer de casa;

g) notícias para o jornalzinho de classe;

h) legendas, títulos de quadros, etc., para recuperação de material da classe;

i) lista das histórias que a classe já contou ou que ainda queira conhecer;

j) lista das poesias que a classe mais aprecia;

l) palavras que tenham errado no ditado.

Desde o início da aprendizagem, o aluno deverá ser incentivado a desenvolver o cuidado com a letra, para que seja desenvolvido também com o hábito de asseio e boa disposição dos ambientes. Será oferecido estímulo para a criança a verificação dos resultados alcançados, mediante a comparação dos próprios trabalhos com os trabalhos dos outros alunos, sempre destacando os pontos positivos.

No 1º ano, as atividades de composição serão bastante elementares, limitando-se o aluno a compor frases sôltas sôbre qualquer assunto de sua experiência ou sugeridas por gravuras ou por histórias contadas, em classe, pelo professor.

Como já foi recomendado anteriormente, a composição de histórias, nesta série, deverá ser apenas oral e, de preferência, à vista de estampas.

Para que as atividades de composição atinjam seus fins, organizado a maneira de expressar-se do aluno e precisando seu vocabulário, é mister que sejam feitas com muita frequência e em situações reais para a criança. Não importa que, a princípio, surjam erros de ortografia ou na construção de frases: o que se deseja é que os alunos se habituem a escrever as suas idéias, a expressar seu pensamento, com a precisão que fôr possível ao seu desenvolvimento mental.

Sugerimos abaixo alguns exercícios que as crianças poderão executar:

- a) completar sentenças de fácil sentido;
- b) compor sentenças com palavras conhecidas, tiradas fichas de leitura;
- c) completar oralmente historietas, começadas pelo professor;
- d) Compor pequenas frases sôbre a vida escolar para organizar um diário de classe;
- e) responder a perguntas simples sôbre um trecho fácil, lido silenciosamente.

F — GRAMÁTICA

Não é aconselhável dar aulas específicas de gramática às crianças da escola primária, o que estaria acima de suas possibilidades de compreensão e fora de seus interêsses. A gramática, no entanto, será ensinada, indiretamente, através de tôdas as aulas. O professor agirá sempre nesse sentido, quer usando uma linguagem correta que a criança, por imitação, repetirá, quer corrigindo-lhe, discretamente, os erros cometidos, sem tolher-lhe a capacidade natural de expressão.

As aulas de composição exercitarão o uso do ponto final e de interrogação e o emprêgo das maiúsculas.

No decorrer das aulas de leitura, linguagem oral e escrita e das demais matérias do programa, aprenderão as crianças a distinguir nomes e a associar-lhe qualida-

É suficiente que o aluno de 1.º ano saiba reconhecer os nomes e as qualidades, sendo absolutamente dispensável o conhecimento das denominações específicas (substantivos, adjetivos, etc.) que nenhuma significação teriam para as crianças dessa idade.

Entre as atividades a serem desenvolvidas pelos alunos para a aprendizagem de noções gramaticais, podem ser lembradas:

a) escrever o nome da professora, dos colegas, o próprio nome, o de pessoas conhecidas da cidade, visando o uso da letra maiúscula;

b) escrever frases, visando o uso da letra maiúscula no início das frases e o ponto final;

c) escrever perguntas, visando o uso da letra maiúscula inicial e do ponto de interrogação;

d) dizer ou escrever os nomes dos animais de que já ouviram falar, dos profissionais (padeiro, leiteiro, etc.), dos objetos da classe, das árvores que conhecem, visando dar a noção prática de nome;

e) procurar no livro nomes de animais, de pessoas, de árvores, de objetos;

f) dizer as qualidades que pode ter um menino, um animal, um brinquedo, uma boneca, uma casa, visando dar noção prática de qualidade;

g) procurar no livro a qualidade de tal pessoa, de tal coisa, etc.

G — ORTOGRAFIA

As crianças vão aprender a ortografia pela percepção visual associada à auditiva: ver a palavra escrita, ouvir sua pronúncia.

O desejo de escrever corretamente deve ser estimulado nos alunos, desde que comecem a dominar a escrita, quando serão iniciados os exercícios para fixação da ortografia. Entre estes podemos citar como exemplo:

a) os exercícios de "escrever e apagar": o professor escreve no quadro uma das palavras cuja ortografia a classe está fixando e lê ou faz ler o vocábulo escrito articulando-o bem; em seguida, apaga-o rapidamente, para que as crianças o escrevam de cor, apelando para a imagem que lhes ficou na mente;

b) os exercícios de "cartão-relâmpago": o professor apresenta uma palavra num cartão ou ficha e, em seguida, esconde o cartão, para que as crianças a escrevam de cor.

Esse treino deve ser realizado, diariamente, em exercícios rápidos (três ou quatro palavras de cada vez) para serem sempre agradáveis e divertidos, e para se aproveitar a atenção máxima da

O professor ditados, utilizando as palavras que os alunos desejarem aprender ou aquelas que apresentarem maior dificuldade na escrita.

Exercícios à semelhança dos que acabamos de preconizar deverão ser usados, através de todo o curso primário, sempre que houver uma palavra com grafia mais complexa (hoje, gigante, etc.) Visando evitar o êrro, é conveniente que o professor escreva os vocábulos no quadro-negro, um a um, antes do ditado, leia-os para a classe escandindo as sílabas e, em seguida, leve as crianças a repetí-los.

Deverá haver um cuidado especial na seleção das palavras do ditado que não deve conter sòmente têrmos difíceis, sendo necessária uma gradação de dificuldades, alternando-se palavras formadas de sons simples com as que apresentam grupos consonantais (cr, lh, ch, etc.) e ainda palavras com x, g, etc.

Os exercícios de divisão em sílabas deverão também acompanhar a decomposição das palavras na leitura.

No caso de êrro, não se deve, de forma alguma, fazer com que a criança copie repetidas vezes uma palavra. Esta prática serve apenas para levar a criança a se fatigar, tomando uma atitude desfavorável para com a ortografia.

O melhor é escrever corretamente no quadro as palavras que foram erradas, para que as crianças observem, pronunciem bem, escrevam no caderno, fazendo-se, depois, exercícios rápidos e diários de "escrever e apagar", ou de "cartões-relâmpagos".

Às crianças, que persistirem em determinados erros, convém distribuir fichas contendo as palavras corretas ou, então, colocar cartazes na classe, frisando-se sempre a necessidade de recorrer a êsse material, tôda vez que tiverem de escrever aquêles vocábulos.

Em resumo, as atividades que podem ser postas em prática, para aprendizagem, treino e correção da ortografia, são as seguintes:

- a) exercícios de "escrever e apagar";
- b) "cartões-relâmpagos";
- c) organizar listas de vocábulos para o treino diário, em tempo marcado;
- d) organizar listas com as palavras que as crianças desejarem aprender (que palavras difíceis estudaremos essa semana?);
- e) ditados para verificação dos progressos da ortografia da classe, podendo ser feitos sob forma de concursos;
- f) escrever certo, no quadro, as palavras erradas pelos alunos, as quais serão copiadas, pronunciadas e observadas apenas pelos que erraram ou por todos se houver interêsse;

caderninhos individuais, em ordem alfabética, com as palavras que foram erradas.

Sempre que necessitar, o aluno consultará seu caderno evitando assim o erro.

IV — SUGESTÕES PARA A 2ª SÉRIE DO CURSO ELEMENTAR

1. Objetivos específicos

— Desenvolver a capacidade de expressão oral das crianças.

— Incentivar, nos alunos, o gosto pela leitura de livros de literatura infantil, adequados a seu desenvolvimento.

— Formar as técnicas de leitura e escrita.

— Cultivar, nas crianças, a atitude de procurar sempre interpretar o que lêem.

— Desenvolver o desejo de escrever corretamente.

2. Mínimos a alcançar

Ac completar o 2º ano, o aluno deverá demonstrar que

— sabe contar, com seqüência lógica, boas artes e fatos do seu vocabulário relativamente correto e enriquecido, fatos pessoais ocorridos consigo mesmo, e histórias ouvidas ou lidas.

— tem interesse pelos livros de literatura infantil, lendo e interpretando maior número de histórias e poesias do 1º ano;

— lê, oralmente, com boa dicção, pequenas histórias de conteúdo acessível à sua compreensão, dominando grupos de palavras

— sabe interpretar texto de compreensão fácil, los simplesmente;

— escrever, com boa posição, revelando descrições de objetos vivos, certa regularidade no tamanho, inclinação, espaçamento das letras e com grafia correta, sentenças formadas de palavras cujas dificuldades foram estudadas durante o ano.

— sabe dividir palavras que têm letras semelhantes e diferentes

— compõe, com boa seqüência e relativa correção, mensagens muito simples, bilhetes e pequenos convites;

— distingue nomes, qualidades e contextos e consegue relacioná-los

→ sabe
ponto de exclamação,

3. SUGESTÕES DAS ATIVIDADES E ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

A — LINGUAGEM ORAL

Um dos objetivos do professor na classe do 2º ano deverá ser ainda o desenvolvimento da capacidade de expressão da criança. O aluno do 2º ano, embora já ambientado à escola e disposto, com relativa segurança, das técnicas de leitura e escrita, apresenta, pobreza de linguagem oral, resultante não só da falta de experiência, como da imaturidade intelectual.

Da mesma forma que no 1º ano, as atividades de linguagem oral devem ser numerosas, tendo o professor o cuidado de corrigir os erros, sem tolher a espontaneidade do aluno.

Conversas — Estas atividades devem ser dirigidas pelo professor, como ficou lembrado no programa de 1º ano, de modo que as crianças sejam levadas a falar sobre assuntos do seu interesse, podendo já agora tomar certas iniciativas.

Assim, numa conversa em que se projete uma excursão, convirá que o professor deixe os alunos escolherem o local, proporem itinerários, distribuïrem os trabalhos entre si, orientando-os, quando necessário.

Fácilmente se consegue a participação ativa e espontânea da criança nas conversas de classe, aproveitando-se as oportunidades oferecidas pelas atividades escolares, como por exemplo, o planejamento ou comentário:

- a) do trabalho do dia;
- b) de uma dramatização;
- c) de jogos, brinquedos;
- d) de festas infantis.

Além destas, constituirão ainda oportunidades para conversas:

- a) a festa de aniversário de um colega;
- b) os acontecimentos locais e outros.

É conveniente também aproveitar tôdas as ocasiões para levar a criança a:

- a) dar recados;
- b) fazer convites e avisos;
- c) conversar sobre assuntos de outras matérias.

nas conversas, formar

Histórias. — Continuarão as histórias a ocupar uma boa parte do programa de Leitura e Linguagem Oral e Escrita, devendo ser apresentadas com a técnica recomendada no programa da série anterior.

No 2º ano, as histórias ainda devem ser, de preferência, contadas. No entanto, já pode o professor ler alguns livros de linguagem fácil e sentido acessível, dos quais fará o comentário, a fim de obter dos alunos a apreciação espontânea das histórias, levando-os a penetrar a beleza das mesmas e a sentir os valores morais e literários nelas contidos.

Nas "Horas de História" ou nos "Clubes de Leitura", que podem ser criados, há sempre oportunidade para os alunos contarem ou lerem histórias, perante a própria classe ou pequeno auditório. Esta atividade dará margem a críticas construtivas sobre a atitude do contador ou leitor, estimulando-se seus pequenos progressos em naturalidade, clareza e no controle dos gestos e expressões de arrimo (então, aí, assim, etc.).

No que concerne à seleção de histórias, aplicam-se ainda nesta série as sugestões feitas para o 1º ano.

Será de todo conveniente o aproveitamento, nas aulas de desenho e trabalhos manuais, dos assuntos desenvolvidos nas histórias lidas ou contadas.

Já agora pode ser iniciado o uso de fichas de leitura, apresentadas segundo modelo de fácil preenchimento, como por exemplo:

FICHA DE LEITURA

Nome do livro:.....

Nome do autor:.....

É uma história de fadas — animais — crianças. (Faça um traço embaixo da palavra relativa ao assunto da história que você leu).

Você gostou?

Por que?

Escreva o pedacinho de que você gostou.

.....
.....

em classe, deve levar as crianças a dramatizá-la. As histórias que mais servem a esse objetivo são as que apresentam variedade de personagens e margem para conversa. A técnica recomendável é a mesma sugerida para a série anterior.

O comentário do trabalho nunca deve ser descurado, convidando ao mestre orientar os alunos para que julguem não só a própria atuação como a dos companheiros.

Poesias — Através da interpretação de poesias, que contêm elementos do agrado infantil, o professor procurará desenvolver o gosto estético da criança.

A técnica para apresentação, estudo e interpretação de poesias é a mesma já recomendada para o 1º ano.

Nesta série, porém, as crianças devem conhecer e interpretar um maior número de poesias que na precedente, sendo, entretanto, dispensável que todos obrigatoriamente as recitem, em classe ou auditório maior. Poderão fazê-lo quando desejarem, dentro das oportunidades surgidas nas aulas, festas, aniversários, comemorações, etc.

São também atividades interessantes para os alunos a seleção, o colecionamento, a cópia e a ilustração de poesias.

C — LEITURA

Um dos problemas básicos do 2º ano é firmar no aluno a técnica de ler com correção, desenvolvendo-lhe atitudes, hábitos e habilidades essenciais a uma boa leitura.

Nesta série, as diferenças individuais, no domínio da técnica de leitura, são ainda inúmeras, mas uma observação cuidadosa e inteligente do professor permitirá o agrupamento dos alunos, de acôrdo com as deficiências e habilidades demonstradas, bem como a organização de um trabalho metódico de correção e adaptação.

Nesta série, as diferenças individuais, no domínio da técnica de leitura, são ainda inúmeras, mas uma observação cuidadosa e inteligente do professor permitirá o agrupamento dos alunos, de acôrdo com as deficiências e habilidades demonstradas, bem como a organização de um trabalho metódico de correção e adaptação.

Vários são os pontos fracos que, com maior frequência, se apresentam, em alunos do 2º ano, e para os quais sugerimos medidas, visando removê-los:

1 Inabilidade em ler palavras novas, por falta de conhecimento e de exercício no uso de certas consoantes em situações especiais (c, g, q, b, ...)

executados pelos alunos, que individualmente quer em trabalho de grupos, como por exemplo:

- a) fazer exercícios de visualização, decomposição e recomposição de palavras desconhecidas, apresentadas destacadamente;
- b) organizar palavras novas com os elementos em estudo;
- c) elaborar um dicionário de dificuldades, em folhas soltas de cartolina ou papel comum, colocando em evidência a consoante ou grupo consonantal em estudo e uma palavra modelo, arrolando-se, em seguida, as palavras em que aqueles elementos apareçam.

Tal material poderá ficar exposto, permanecendo à disposição dos alunos, para uso oportuno.

2) Dificuldade em compreender o que lê, pelo aparecimento de palavras ou expressões estranhas à linguagem familiar do aluno. Esta dificuldade é condicionada, não só pelo desenvolvimento intelectual da criança, como também pelas suas experiências de vida no meio familiar e social, em geral.

Para sanar estas deficiências e enriquecer o vocabulário infantil podem ser feitos, além dos exercícios que acabamos de citar no item anterior, os seguintes:

- a) concretizar por meio de desenhos, gravuras e ação a palavra em estudo;
- b) organizar cartazes, cadernos, álbuns, fichas, etc., para uso coletivo ou individual, visando a fixação de novas palavras ou expressões.

3) Dificuldade de compreensão, pela maneira inadequada de ler palavras e expressões novas ou já conhecidas. Resulta quase sempre, da aprendizagem ineficiente da técnica de leitura no 1º ano.

É indispensável habituá-lo a ler as palavras ou expressões como um todo, levando-o a reconhecê-las, o mais rapidamente possível, e interpretá-las convenientemente. Nesse sentido, serão de utilidade as seguintes atividades:

- a) treino de reconhecimento rápido das palavras, usando fichas e cartões relâmpagos;
- b) exercícios apresentados em situação de jogo;
- c) exercícios de representação de palavras ou sentenças por meio de desenhos.

4) Dificuldade em ler com naturalidade e interpretar o sentido do que lê. Neste caso, há influência de múltiplos fatores: entretido; carência de vocabulário; material físico para desenvolvimento do hábito de

etc. Exercícios diversos podem ser sugeridos para a correção desta deficiência:

a) cumprir ordens apresentadas em sentenças escritas no quadro, cartazes ou fichas, como por exemplo: escreva o nome de cada objeto ao lado da figura que o representa; faça o desenho correspondente a cada sentença; pinte as flores de vermelho; recorte e cole, ao lado de cada sentença, a figura correspondente, etc.;

b) responder sim ou não a perguntas relativas a leitura feitas no livro de classe ou em outro qualquer, como por exemplo: O menino da história é Juquinha? Juquinha foi nadar no lago?

c) marcar as sentenças falsas ou verdadeiras com um sinal determinado; ex.: Colocar, ao lado de sentença certa, uma cruz e, da errada, um O:

— O carvão é branco.

— Está chovendo.

d) escolher a resposta adequada; ex.: Quem vende o pão é o (açougueiro, quitandeiro, padeiro, alfaiate);

e) completar sentenças com a falta de um elemento;

ex.: A menina.....e feriu um dos joelhos.

Os exercícios específicos para vencer essas ou outras dificuldades reveladas pela classe podem ser feitos em grupos, reunindo-se os alunos que apresentem falhas comuns. Cada equipe, com um chefe, realizará atividades convenientes a seu caso, preparadas pelo professor.

A leitura oral, principalmente no 2º ano, é elemento valioso no exercício e aperfeiçoamento da técnica de ler, tanto no trabalho de correção da pronúncia, como no estudo da pontuação e entonação adequadas. Visa desenvolver a habilidade e usar a voz de modo a transmitir ao auditório o sentido do que é lido.

Não deve ser a leitura oral uma atividade imposta às crianças, cabendo ao professor preparar a classe, criando uma atmosfera de interesse para o que vai ser lido.

Por outro lado, é preciso formar no aluno a atitude de preocupar-se em interessar o auditório, sempre que fizer uma leitura.

Na escola primária, usa-se comumente o livro de classe, em que todos acompanham, silenciosamente, a leitura em voz alta de um colega, sem uma finalidade definida e com resultados muitas vezes negativos. O livro de leitura de classe, entretanto, apresentará...

... não da técnica da leitura, a biblioteca pode contar com livros mais avançados do que os de série regular. Assim, além dos livros e alguns preparados professor e aluno, deverá ser constituída por livros de literatura infantil, adequados aos interesses das crianças, como também por livros de texto, de complementação, etc., referentes às demais atividades escolares.

Será interessante, agora, que os alunos organizem um fichário, aproveitando-se das fichas de leitura, acrescentando-as ao título de literatura infantil.

D - ESCRITA

Os exercícios escritos decorrerão de todas as outras atividades escolares, devendo-se cultivar no aluno o hábito de apresentar, ao escrever, posição do corpo, desembaraço de movimentos, regularidade das letras, assento e boa disposição no trabalho. Todo exercício escrito deve ter uma finalidade clara para os alunos, de modo a não lhes dar a impressão de que resultam apenas da exigência do professor.

- a) registro de palavras que tenham sido aprendidas em classe
- b) organização de cadernos de dificuldades de ortografia
- c) cópia de poesias, canções escolares, trechos de informações resultantes de leitura, etc.

Habituar-se a o aluno a comparar seus trabalhos com os anteriores para verificar o progresso alcançado. Entretanto, quando o professor julgar necessário, poderá fazer, com muita liberdade, o confronto com os exercícios dos alunos mais capazes.

E - COMPOSIÇÃO

Nesta série os alunos, além de realizar as atividades de composição já indicadas no programa do 1º ano, poderão redigir bilhetes, avisos ou convites e inventar histórias à vista de gravuras, sempre dentro de situações de interesse para a criança.

Na redação de bilhetes, convém que o professor incentive as crianças a empregar o material utilizado para fins usuais na vida quotidiana (papel de carta, envelope, que pode ser fornecido pelos próprios alunos, como isetes, etc.).

Os avisos e convites podem ser elaborados individualmente, escolhendo-se depois os bons trechos de cada trabalho para ser anexados ao álbum de convites ou enviados.

A correção dos trabalhos de composição, que deverá ser feita...

...impres-
...reincidentes para uma correção individual, bem
divel observar os reincidentes para uma correção individual, bem
como assinalar as crianças que erram em ortografia, ou que têm
um vocabulário demasiadamente pobre. Estas devem merecer
uma atenção especial da parte do professor, quer na sugestão pa-
ra leitura de livros, quer na organização do caderninho indivi-
dual de ortografia, etc.

Sugerimos, como atividades de composição a serem frequen-
temente desenvolvidas no 2º ano, as seguintes:

a) ordenar sentenças escritas no quadro, para formar uma
historieta.

b) responder a perguntas orais ou escritas sôbre um livro ou
história lidos, sôbre um fato presenciado ou assuntos fáceis de
outras disciplinas;

c) escrever um diário de seus domingos, feriados e pequenas
férias;

d) redigir conselhos muito simples sôbre higiene;

e) colaborar no diário da classe ou jornal da escola;

f) fazer registro simples de observações sôbre natureza, ani-
mais, etc., feitas nas aulas de outra matéria;

g) organizar lista de compras para uma festinha.

Além das atividades recomendadas, poderá o professor lan-
çar mão de outras que permitam atender às necessidades da clas-
se, em geral, e de cada aluno, em particular.

Gravuras — Estas deverão ser largamente usadas, uma vez
que constituem o melhor material para levar a criança a compor
oralmente e por escrito.

Utilizando-se das estampas existentes na escola ou coleciona-
das pelos alunos, o professor poderá conduzí-los à interpretação
das mesmas, comentando depois as historietas surgidas. Através
dêste comentário, discretamente, serão substituídas as expressões
erradas e ampliado o vocabulário infantil.

Convém notar, porém, que, nesta série, o professor não de-
verá xigir dos alunos composições muito longas. Estas serão cons-
tituídas, no máximo, de duas ou três frases muito simples.

Outras atividades que podem ser realizadas pelos alunos, em-
pregando as estampas, são:

a) contar ou escrever uma historieta sôbre uma estampa à
qual a professora deu um título;

b) organizar sentenças intitulado gravuras ilustrativas das
aulas de geografia, história, etc.

F — GRAMÁTICA

No 2º ano, como no 1º ano, não haverá aulas específicas de gramática, devendo esta ser ensinada, indiretamente, através de todas as outras atividades do programa, sobretudo de linguagem oral e composição. Conversando e compondo, a criança se expressa dando oportunidade a que a professora a oriente, levando-a a falar e a escrever corretamente.

A aprendizagem da concordância nominal e verbal será, portanto, feita praticamente, aproveitando-se os próprios exercícios orais ou escritos da criança, para a explicação, em linguagem simples, da razão da concordância.

A pontuação será ensinada em momento oportuno, quando a criança estiver compondo, podendo-se aproveitar também, neste sentido, as atividades de leitura.

Como no 1º ano, é absolutamente dispensável que o aluno conheça a terminologia própria dos fatos e regra gramaticais. O objetivo do professor, nesta série, é com que as crianças, por imitação, se expressem com relativa correção gramatical.

G — ORTOGRAFIA

A criança de 2º ano encontra muitas dificuldades na ortografia e, conseqüentemente, os exercícios de visualização e articulação das palavras, como meio de prevenir o erro, precisam ser intensificados, sempre que houver um motivo real para sua aplicação.

Os ditados, que poderão ser dados e corrigidos conforme a orientação recomendada para o 1º ano, girarão em torno das palavras do vocabulário da criança e de seu livro de leitura.

Como nesta série a capacidade de aprendizagem está mais desenvolvida, poderão ser apresentadas palavras de estrutura mais difícil, como por exemplo:

- a) palavras com letras geminadas;
- b) palavras com *se* e *ce*;
- c) palavras com sons nasais;
- d) palavras com *m* e *n* antes das consoantes;
- e) palavras com ditongos e tritongos.

O professor poderá levar as crianças a estudar o trecho que será ditado posteriormente. A divisão das palavras em sílabas poderá acompanhar essa preparação para o ditado. Este deve ser feito, sempre com um motivo presente, interessando a criança, que o executará com boa disposição e compreensão.

Outros exercícios poderão ser realizados pelos alunos, tais como:

- a) ditar aos colegas frases inventadas, sôbre uma gravura;
- b) escrever de cor tôdas as palavras difíceis de que se lembrar.

V — SUGESTÕES PARA A 3ª SÉRIE DO CURSO ELEMENTAR

1. Objetivos específicos

- Enriquecer o vocabulário das crianças, desenvolvendo-lhes a capacidade de expressão oral e escrita.
- Incentivar o interêsse pela boa literatura infantil e pela leitura de material variado, treinando os alunos no uso da leitura para informação.
- Aperfeiçoar os educandos nas técnicas de leitura escrita, desenvolvendo-lhes o hábito da interpretação correta do que lêem e do emprêgo das boas normas de apresentação do trabalho escrito.
- Levar as crianças à indução de certas noções gramaticais e regras simples de ortografia, capacitando-as a corrigir seus próprios erros.

2. Mínimos a alcançar

Ao fim do 3º ano, o aluno deverá demonstrar que: sabe expor, com naturalidade e clareza, seu pensamento.

- Contando histórias, explicando fatos etc.;
- Tem interêsse pela literatura infantil, conhecendo poesias, histórias e livros adequados ao seu nível de desenvolvimento;
- tem o hábito de recorrer a fontes de informação (dicionários, índices, enciclopédias, etc.) que se encontrem ao seu alcance;
- lê oralmente, com expressão e boa pronúncia, qualquer material acessível à sua compreensão, relacionado com as várias atividades do programa;
- lê, silenciosamente, trechos adequados ao seu desenvolvimento, demonstrando compreensão;
- escreve com boa posição, revelando desembaraço de movimentos, relativa leveza de traços, proporção no tamanho e na forma das letras e boa apresentação do trabalho;
- domina a ortografia das palavras do seu vocabulário corrente, sabendo dividir quaisquer palavras;
- emprega, em suas composições, sentenças corretas, bem encadeadas, e um só tratamento na redação de cartas;
- tem conhecimento de concordância nominal e verbal, em posições usadas; posições.

3. SUGESTÕES DAS ATIVIDADES E ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

A LINGUAGEM ORAL

O desenvolvimento da capacidade de expressão oral da criança constitui, ainda no 3º ano, um dos objetivos mais importantes a ser atingido.

O nível intelectual do aluno e o seu maior número de experiências, a par dos hábitos formados de leitura recreativa e variada, levarão a criança a formas, relativamente superiores, de linguagem oral.

As atividades a sugerir, neste setor, são mais ou menos as mesmas apresentadas no 2º ano, naturalmente com um conteúdo mais amplo e um pouco mais complexo.

Conversas — Estas devem ser orientadas como foi recomendado para as duas primeiras séries, procurando o professor oportunidades tão reais quanto possível, para levar as crianças a conversar com a mesma naturalidade das palestras da vida diária.

A medida que a criança vai se desenvolvendo, haverá possibilidade de deixá-la dirigir a conversa, habituando-a justificar seus pontos de vista, a respeitar a opinião alheia, etc. Como na 2ª série, será interessante conversar sobre todas as atividades e problemas escolares. O planejamento de uma excursão, ou a escolha do melhor meio para conseguir um mapa ou livro que falte à classe, são assuntos que podem constituir temas para as conversas, quando o professor terá oportunidade de observar e corrigir, não só o vocabulário das crianças, como também sua atitude diante dos colegas.

Destas conversas podem se originar as leituras e palestras em auditório. Por exemplo, aproveitando o assunto de uma conversa, tal como o comentário de uma excursão realizada, o professor poderá sugerir que os alunos organizem as idéias expostas, para fazer uma palestra em auditório ou mesmo na classe, em dia determinado. O trabalho de organização da palestra, inclusive o próprio esquema a ser usado, deve ser elaborado por todos, sendo feita a sua apresentação por uma ou duas crianças, escolhidas pelos colegas e orientados pelo professor. A linguagem deve ser a mais natural possível e as crianças deverão contar o que ocorreu, lendo, apenas, uma ou outra passagem interessante escrita.

Não é admissível, porém, permitir que estas palestras se transformem em exhibições de trabalhos elaborados ou arranjados por adultos. Como já ficou frisado, o trabalho

pela apresentação lógica dos fatos, sem, no entanto, modificar a expressão natural das crianças.

B — LITERATURA INFANTIL

Por mais desprovida de material que seja a escola, pode o professor incutir nos alunos o interesse pela literatura infantil, levando-os a utilizar-se dela, para ocupação das horas de lazer. Sempre haverá um ou dois livros, pertencentes a uma criança ou ao próprio professor, os quais poderão ser lidos e comentados em classe.

Nesta série, as crianças apresentam já interesse pelas lendas, fábulas, contos, de conteúdo mais complexo, que poderão ser narrados ou lidos.

Convém selecionar histórias e livros acessíveis, porém de linguagem mais rica do que a dos usados na série anterior. Mesmo que os alunos não possam ler muitos livros, o professor deve interessá-los pela literatura, de maneira que procurem satisfazer este interesse, quando as condições o permitirem.

É conveniente organizar com as crianças as fichas de todos os livros lidos. Estas devem ser feitas, como ficou lembrado no 2º ano, porém em nível mais elevado. Pode-se pedir, por exemplo, que as crianças escrevam na ficha um pequeno comentário sobre o livro (a quem o aconselham, se é mais adequado a meninas ou a meninos etc.).

Dramatizações — Nesta série, apresentando já as crianças um vocabulário mais amplo e apreciando histórias mais complexas, as dramatizações poderão ser bem desenvolvidas e largamente usadas.

Será interessante dramatizar, lendas, acontecimentos históricos simples, tendo-se, neste último caso, cuidado para que seja mantida a veracidade dos fatos.

Nas dramatizações, a criança deverá usar sempre a sua linguagem natural, construindo ela mesma as frases, sem nunca memorizar diálogos.

Como ficou recomendado nas séries anteriores, o professor orientará os alunos na crítica do trabalho levado a efeito.

É importante, porém, não confundir dramatização com dramas ou pecinhas escritas, mesmo que o sejam pelos próprios alunos.

Na dramatização, o aluno apresenta, com suas próprias palavras, um assunto que foi compreendido, sentido e vivido por ele, e a propriedade de sua

Poesias — As poesias constituem fator que concorrerá para o desenvolvimento do senso artístico infantil.

Nesta série, a técnica empregada no ensino das poesias será a mesma recomendada para as séries precedentes, devendo-se, todavia, empregar poesias de mais difícil interpretação.

Além do que foi sugerido anteriormente, podem ser realizadas, pelos alunos as seguintes atividades:

- a) seleção das poesias do seu agrado;
- b) organização do caderno de versos;
- c) coleção de trechos bonitos de poesias, etc.

O professor procurará levar a criança a empregar, quando oportuno, nas composições, as expressões poéticas selecionadas, habituando-a, desta forma, a expressar-se com vocabulário mais rico e elegante.

C — LEITURA

No 3º ano, o professor encontra ainda entre os alunos diferenças individuais bem sensíveis quanto às habilidades, hábitos e atitudes fundamentais da leitura. As deficiências reveladas devem ser anotadas pelo professor, para que possa ser realizado um trabalho inteligente e cuidadoso de correção, sempre que possível dentro das atividades normais da classe. Poderão ser aproveitadas as sugestões apresentadas para o 2º ano, utilizando-se material mais abundante e desenvolvido, no que se refere a vocabulário e complexidade de sentido.

Deverá merecer especial atenção a deficiência revelada por alguns alunos na compreensão do conteúdo dos parágrafos.

*São várias as suas causas: pobreza de vocabulário; atitude inadequada na leitura de palavras e sentenças; falta de treino de leitura; poucas experiências de vida, proporcionadas pelo meio familiar e social em geral; capacidade mental pouco desenvolvida, o que impede o aluno de compreender a organização mais complexa dos pensamentos em parágrafos.

As atividades sugeridas no 2º ano, para a correção das deficiências de compreensão da sentença, podem ser usadas, nesta série, para sanar tais falhas em relação aos parágrafos. Assim, após a leitura de uma história, serão feitos pelas crianças exercícios que as conduzam à interpretação dos parágrafos lidos. Por exemplo: Pinte o cão que pertence ao menino, de acordo com o que a história conta.

Outras atividades ainda poderão ser executadas pelos alunos, tais como:

- a) dar um título...

b) selecionar a melhor resposta entre três ou quatro que satisfaçam a uma pergunta sobre um parágrafo lido;

c) seguir, na realização de certas atividades, a indicação obtida através da leitura de um trecho relativo a: uso de jogos, solução de certos problemas, preparo de doces, trabalhos domésticos, etc.

d) corrigir ou completar trechos lidos que contenham absurdos, repetições, omissões flagrantes, etc.

Para a leitura do livro de classe, a situação de auditório deve ser preparada, conforme foi sugerido no 2º sendo recomendada, de vez em quando, a leitura à primeira vista, para verificar o progresso dos alunos.

Convirá levar o aluno a apresentar boa dicção, entonação adequada, rapidez na leitura oral, podendo êle próprio verificar o progresso alcançado, através da leitura periódica, durante cinco minutos, seguida da contagem das palavras lidas. O professor, entretanto, levará o aluno a reconhecer o relativo valor da velocidade, de vez que é preciso cuidar que não fique prejudicada a compreensão do sentido pelos que ouvem a leitura.

A fim de fixar a compreensão do trecho, toda leitura em voz alta deve ser seguida de interpretação. Esta poderá ser feita, oralmente, por meio de reproduções, discussões, ou por escrito, através das respostas a questionários, complemento de sentenças, organização do assunto em itens ou quadros sinóticos, ou ainda empregando desenhos, recortes, modelagens, dramatizações, etc.

Os livros de literatura infantil proporcionam excelentes oportunidades e leitura oral, principalmente os escritos sob a forma dialogada, em que diversos alunos podem tomar parte. Tal tipo de leitura é proveitoso porque exige concentração de atenção e permite a cada aluno exercícios de escrita, na cópia da parte do personagem que representa. Poder-se-á mesmo organizar trechos do livro de classe ou de qualquer outro, sob a forma de diálogos para leitura oral, em que cada personagem seja representado por um aluno.

Também no estudo das outras matérias, surgirão ocasiões para leitura oral, quando os alunos levarem ao conhecimento dos colegas material de informações e resultados de pesquisa individual, para conseqüente discussão.

Na 3ª série, o emprêgo da leitura silenciosa torna-se mais necessário, considerando as exigências das atividades normais da classe e o maior interêsse que o aluno demonstra por livros de ficção. O professor levará o aluno a compreender a economia de tempo que representa êsse tipo de leitura propondo-lhe uma pé-
silenciosa e depois oral,

com a duração de cinco minutos cada uma, e fazendo, em seguida, a comparação do número de palavras lidas em ambos os casos.

Como as demais atividades escolares, os exercícios de leitura silenciosa devem ter uma finalidade clara para os alunos, realizando-se na medida de seus interesses e necessidades.

À semelhança do que foi dito com relação à leitura oral, à leitura silenciosa deve seguir-se a interpretação do trecho lido que poderá ser feita através de atividades diversas, como:

- a) dramatização;
- b) escolha de resposta certa;
- c) completamento de sentenças;
- d) cumprimento de ordem;
- e) reprodução e comentários escritos e orais.

Biblioteca de classe — Esta poderá ser organizada nos moldes das do 1º e 2º anos e enriquecida com livros sobre os mais variados assuntos de interesse das crianças. Deverá proporcionar ao aluno material recreativo e de consulta para obtenção de informações relacionadas aos assuntos de outras matérias e para pesquisas individuais ou de grupo.

Clube de Leitura — Na série anterior, já recomendamos a sua organização que abrirá margem a atividades várias, despertando as qualidades sociais indispensáveis ao desenvolvimento dos alunos.

São inúmeras as realizações que dão vida a este tipo de instituição, como por exemplo:

- a) eleição da diretoria (a mesa que presidirá os trabalhos, tipos de votação, apuração dos votos etc.);
- b) escolha dos programadores das reuniões com certa antecedência, visando desenvolver o senso de responsabilidade;
- c) organização das reuniões, na forma usual (abertura, leitura da ata, programa do dia, etc.);
- d) comentário das reuniões, cabendo aos próprios alunos acentuar os pontos positivos e os que devem ser melhorados.

D — ESCRITA

A fim de conseguir dos alunos escrita uniforme, agradável e legível, o professor, sempre que julgar conveniente, chamará a atenção dos mesmos para a proporção que precisa existir entre as letras, espaços e entrelinhas, para a posição correta do corpo e para a necessidade de movimentos regulares da mão. Quando as falhas forem comuns a grande parte da classe, as instruções poderão ser dadas no quadro-negro.

Na apresentação dos trabalhos devem ser exigidos asseio, margens, cabeçalho e disposição estética do exercício escrito.

Como já tem sido frisado nas séries precedentes, é conveniente que os próprios alunos façam a verificação do progresso alcançado, tomando como base de comparação os seus trabalhos anteriores. Só em casos especiais, o professor, muito hábilmente, fará o confronto com os trabalhos dos mais aptos.

A tinta pode começar a ser usada nesta série, fazendo-se os exercícios especiais de treino através de cópias, preparo de trabalhos, etc.

E — COMPOSIÇÃO

Além das sugestões já apresentadas nesse sentido, das quais o professor poderá lançar mão, muitas outras oportunidades surgirão na classe, permitindo à criança compor dentro de uma situação tão natural quanto possível. Assim, é importante preceder a composição de uma fase preparatória em que se procure interessar os alunos no trabalho a realizar.

Como ficou dito no programa de 2º ano, o professor deve dispensar muita atenção à correção dos exercícios de composição. As falhas encontradas, sejam de ortografia ou de gramática, devem ser sublinhadas levemente, não havendo necessidade de substituí-las pela forma correta, em vermelho. Convém, entretanto, que o professor tenha um caderno onde anote os erros cometidos, assinalando as crianças que erraram.

Após a entrega dos trabalhos à classe, o professor fará o comentário dos erros mais frequentes, usando exemplos, sempre que possível, tirados das próprias composições, levando os alunos à indução da forma e à correção do erro no caderno.

Uma norma a que o professor deverá atender é a de não escrever, no quadro-negro, as formas incorretas, para evitar a fixação do erro.

Quando a maioria da turma já tiver dominado a dificuldade e apenas algumas crianças persistirem no erro, será conveniente que o professor se ocupe deste grupo, separadamente, para não atrasar o trabalho da classe.

Os motivos para composição poderão ser semelhantes aos citados para o 2º ano, acrescidos de novos tipos. Assim os alunos poderão ser levados a:

- a) organizar sentenças com palavras difíceis recentemente aprendidas;
 - b) substituir frases por outras de igual sentido;
 - c) fazer uma história em colaboração;
 - d) responder, por escrito, a perguntas sobre uma história lida silenciosamente, ou ouvida em classe;
- ... familiares;

g) narrar excursões, festas, passeios, etc.;

h) redigir cartas familiares, convites e programas de festas;

i) fazer relatórios simples de trabalhos realizados;

j) redigir diários individuais e de classe;

l) registrar observações feitas, etc.

Gravuras — Continuação a ser apresentadas no 3º ano, com a mesma técnica sugerida para as séries anteriores. Apresentando a criança maior amadurecimento intelectual, podem ser empregadas gravuras de sentido mais complexo, que façam maior apelo à sua imaginação (menos personagens, atitudes de mais difícil interpretação, etc.).

A fim de orientar a classe, o professor deverá conversar sobre a estampa, tendo, porém, o cuidado de não interpretá-la para os alunos, que deverão fazê-lo por si mesmos.

As composições à vista de gravura, agora, de preferência, escritas e o professor já poderá organizar pequenos concursos para despertar o interesse da turma. O professor fará o julgamento dos trabalhos, destacando o lado bom de cada composição. O melhor trabalho poderá, por exemplo, ser enviado ao jornalzinho escolar.

As gravuras relacionadas com fatos históricos, vida dos povos, etc., que são de muito valor nas aulas das demais matérias do programa, tem também seu lugar no desenvolvimento da expressão oral e escrita, podendo servir de motivo para descrições.

Uma classe de 3º ano deve possuir uma boa coleção de gravuras, não somente do tipo que se preste à invenção de histórias, como também daquelas que sirvam de material ilustrativo para as diversas matérias do programa.

O professor procurará interessar as crianças no colecionamento e boa disposição das estampas que irão figurar nas paredes da sala ou em álbuns.

F — GRAMÁTICA

Como nas séries precedentes, nesta também o professor não deverá dar aulas especiais de gramáticas. As noções gramaticais serão ensinadas, de maneira prática e indutiva, através de todas as atividades escolares.

O professor não deverá enunciar, nem induzir regras, mas fazer com que, observando a maneira correta de falar ou escrever, os alunos saibam empregá-la na sua linguagem comum e nos trabalhos escolares. Dêsse modo, a concordância verbal e a nominal e o emprêgo dos pronomes e formas verbais mais comuns serão aprendidos por imitação. É difícil esperar que crianças de

de — ... aula, ao invés de "tem aula".
É preferível substituir sempre a forma errada, nas composições
orais ou escritas, levando-se a criança ao emprêgo correto dos
verbos e pronomes mais usados, sem cansá-la com regras e ex-
plicações que ela não entenderia.

O emprêgo da pontuação, assim como dos sinônimos e antô-
nimos, poderá ser exercitado, aproveitando-se oportunidades sur-
gidas nas aulas de linguagem oral, composição, etc.

Um hábito que deverá ser iniciado, nesta série, é o de recor-
rer a fontes de informação como dicionários, índices e enciclopé-
dias, para resolução de dificuldades de classificação gramatical
das palavras, de ortografia, pesquisa da significação dos termos,
etc. A fim de que os alunos aprendam a utilizar-se, convenientemente,
dessas fontes de informação, o professor os levará a rea-
lizar exercícios preparatórios sôbre as abreviações usadas e sua
significação, disposição das palavras em ordem alfabética, etc.

G — ORTOGRAFIA

Tendo aprendido a escrever, no 1º e no 2º anos, grande nú-
mero das palavras de seu vocabulário e do livro de leitura, o alu-
no do 3º dispõe de elementos para induzir regras simples de or-
tografia (usar m antes de b e p, nunca empregar ç no início das
palavras, etc.).

Exercícios de ortografia podem ser feitos através dos dita-
dos, que não devem ser impostos, mas realizados aproveitando-se
as oportunidades surgidas em classe e aplicados de acôrdo com a
orientação já recomendada.

É interessante fazer, de vez em quando, um ditado sem pre-
paro prévio, para aquilatar do desenvolvimento das crianças.

O aluno poderá continuar mantendo o seu caderno de pala-
vras difíceis, em que serão anotados os erros e os vocábulos mais
complexos, que forem encontrados em suas leituras.

O professor deve persistir com a classe nos exercícios de vi-
sualização, articulação e divisão de palavras em sílabas, dada a
sua importância no estudo da ortografia.

Sugerimos outros exercícios que poderão ser dados ao lado
daqueles aconselhados nas 1ª e 2ª séries:

a) exercícios de ortografia, com família de palavras;

b) exercícios com homônimos;

homônimos dos livros de lite-

VI — SUGESTÕES PARA A 4ª SÉRIE DO CURSO ELEMENTAR

1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

— Incentivar o gosto pela boa literatura, despertando o interesse dos alunos pelos autores nacionais e levando-os à fixação do hábito de leitura independente, para recreação e informação.

— Aperfeiçoar a capacidade de ler bem e desenvolver a habilidade de escrever com maior velocidade, habilitando as crianças a eliminar gradativamente, os erros da linguagem falada e escrita, recorrendo aos conhecimentos gramaticais e regras ortográficas ao seu alcance.

— Enriquecer o vocabulário dos alunos, habituando-se a clareza, simplicidade e elegância.

2. MÍNIMOS A ALCANÇAR

Ao completar a 4ª série, o aluno deverá demonstrar que:

— expressa suas idéias com clareza, concatenação e fluência, sabendo manter uma conversa com naturalidade;

— conhece as melhores obras de literatura de infantil acessíveis ao meio ambiente;

— é capaz de ler independentemente, sabendo utilizar-se de fontes de informação (índices, dicionários, enciclopédias, livros especializados, etc.), para solução de seus problemas e dificuldades;

— lê oralmente com expressão, correção e fluência, em classe ou auditório, trechos em prosa e em verso;

— lê, silenciosamente, com bastante rapidez e boa interpretação, livros adequados ao seu grau de desenvolvimento;

— apresenta, na escrita a lápis e a tinta, boas normas de legibilidade (regularidade nas letras, na inclinação, no espaçamento de sentença, palavras e letras) e boa disposição nos trabalhos (margem, títulos, parágrafos);

— escreve, corretamente, palavras de seu vocabulário comum, sendo também capaz de escrever palavras desconhecidas, lançando mão dos recursos gramaticais e regras ortográficas ao seu alcance;

— emprega, em suas composições, sentenças gramaticalmente certas, escrevendo cartas familiares, convites, telegramas, etc., nas formas de estilo;

— tem conhecimento da função do advérbio, das preposições e conjunções, além de empregar, convenientemente as noções gramaticais adquiridas nas séries.

— usa, adequadamente, a pontuação necessária às suas composições.

3. SUGESTÕES DAS ATIVIDADES E ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

A — LINGUAGEM ORAL

Considerando que grande número de alunos abandona a escola ao finalizar o 4º ano, um dos objetivos máximos que o professor deve ter em vista é o de levá-los a falar e escrever com certo apuro e elegância. Não se pretende com isso que as crianças usem termos difíceis e rebuscados, mas simplesmente que aprendam a expressar-se com naturalidade e clareza, empregando um vocabulário mais rico, dentro das possibilidades individuais e do meio ambiente.

As atividades recomendadas nas séries anteriores poderão ser usadas com a mesma técnica sugerida, naturalmente com um conteúdo mais complexo, de acôrdo com o desenvolvimento dos alunos desta série.

Conversas — Estas devem ser desenvolvidas e dirigidas pelas crianças, na medida de suas possibilidades, sob a orientação discreta, mas sempre presente, do professor, que lhes observará a linguagem e a atitude.

Os assuntos da classe e os fatos ocorridos na escola e na localidade constituem bons temas para as conversas.

As palestras podem ser mais numerosas e versando sobre assuntos mais complexos que no 3º ano, sugerindo-se a orientação recomendada para aquela série.

O professor deve fazer com que tôdas as crianças participem destas atividades, não permitindo que somente uma se imponha.

O comentário das palestras não pode ser esquecido e deve ser feito visando sempre o seu aperfeiçoamento progressivo.

B — LITERATURA

Nesta série, as crianças já têm formado o hábito de leitura recreativa; assim, o professor deve proporcionar-lhes oportunidade de ler bons livros de literatura infantil.

As fichas de leitura, que já vêm sendo preconizadas desde a 2ª série, constituem elemento de valor, cujo uso deve ser cada vez mais intensificado.

Ainda haverá ocasião para serem lidas ou contadas histórias, tais como histórias ma-

Sempre que houver possibilidade, o professor se referirá aos vultos da literatura brasileira, falando de sua obra e lendo trechos de sua autoria, ao alcance dos alunos. Mesmo que este gênero não lhes seja de todo acessível no momento, ficam os bons caminhos apontados, pois não é possível deixá-los sair do curso primário sem lhes dar uma certa orientação sobre a boa literatura para adolescentes e adultos.

Dramatizações — Continuarão a ser usadas, como ficou lembrado nas séries anteriores, apresentando, porém, motivos mais ricos. É aconselhável escolher como temas certas lendas bonitas, mitos, e sobretudo fatos históricos, não devendo êstes ser fantasiados, para não prejudicar a veracidade.

Para que os alunos não considerem ridícula a dramatização, convém, já nesta série, que se tenha maior cuidado com a parte artística do trabalho. Esta atividade será de muito valor, pois envolve o estudo de questões relativas às várias matérias; a pesquisa em fontes de informação; a leitura sobre os assuntos a serem apresentados; a procura de desenhos e retratos; a improvisação de cenários na sala de aula; etc.

Em qualquer tipo de dramatização, como já ficou recomendado, a linguagem deve ser a da criança, já integrada no assunto, nunca se permitindo a memorização dos diálogos.

Nesta série, os dramas, que exigem diálogos decorados, podem também ser empregados, embora com menos frequência que as dramatizações. Note-se, porém, que os objetivos dos primeiros, relativamente à linguagem, são bem diferentes dos destas últimas, pois visam dar às crianças modelos de formas elevadas e artísticas de expressão. Deve-se, portanto, recorrer aos bons autores, a fim de que seja realmente proveitosa aos alunos a memorização das peças.

Poesias — Estas devem ser apresentadas com maior frequência que nas outras séries do curso, usando-se a técnica sugerida anteriormente.

Com o desenvolvimento alcançado pelas crianças e o emprego de material mais amplo, o interesse pelas poesias, que vem sendo incentivado desde o 1º ano, atinge um grau muito maior nesta série.

No 4º ano, o preparo e a interpretação das poesias devem estar a cargo das próprias crianças, eximindo-se o professor de uma interferência muito direta.

Será conveniente, sempre que possível, levar os alunos ao conhecimento da vida do poeta, seus trabalhos...

C — LEITURA

No 4º ano, os alunos, de modo geral, já possuem firmada a técnica da leitura. As deficiências que ainda podem ser encontradas se relacionam a atitudes e hábitos adquiridos, que prejudicam principalmente a rapidez e a compreensão, não só na leitura oral, como na silenciosa.

Sendo um dos objetivos mais importantes da 4ª série a formação do hábito de leitura independente, deve o professor proporcionar cuidados especiais às atividades de leitura, visando corrigir falhas e incentivar o progresso dos alunos.

Entre esses cuidados, destacam-se:

- pôr ao alcance da classe material de leitura rico e variado que venham a interessá-la vivamente;
- levar cada aluno a descobrir suas próprias deficiências, aconselhá-lo na sua correção, auxiliando-o com exercícios especiais;
- formar o hábito de medir a velocidade, sempre condicionando à compreensão, na leitura oral e silenciosa;
- habituar a criança a não usar a vocalização na leitura silenciosa, chamando a atenção para o retardamento causado pelo movimento dos lábios e da língua, aconselhando-a a manter os órgãos da palavra inativos durante a leitura silenciosa;
- auxiliar o aluno nas dificuldades concernentes à pontuação, à estrutura da sentença e do parágrafo e à decomposição de trechos difíceis, levando-o ao conhecimento do sentido das preposições, advérbios e conjunções.
- desenvolver progressivamente o vocabulário infantil, ressaltando: a gradação do sentido das palavras, por exercícios variados de sinonímia; a significação nova que adquirem os vocábulos, com os prefixos e sufixos; a riqueza e os recursos de nosso idioma.

As atividades de leitura oral não devem ser consideradas como um simples exercício, com um fim em si mesmo; convém que decorram de algum interêsse ou necessidade da classe, sendo realizadas e msituação de auditório, sempre que possível.

No 4º ano, o aluno médio já deve ter o hábito de consultar frequentemente livros de texto para preparo de seus trabalhos relacionados com as outras matérias, usando índices, dicionários, tomando notas, recolhendo dados, preparando relatórios, dos quais tomam em voz alta.

Lendo bons livros e fazendo comentários em classe, desenvolver-se-á no aluno o gôsto estético. Desta forma, êle adquirirá a capacidade de reconhecer os elementos que tornam uma história ou uma poesia agradáveis tais como: apresentação de personagens; vivacidade de descrição do ambiente; enrêdo; ritmo da linguagem, rima e cadência dos versos; riqueza de vocabulário, etc.

Nesta série, os exercícios de leitura silenciosa devem prevalecer e o aluno precisa habituar-se a usá-la de preferência, nos seus trabalhos de pesquisa, no estudo das lições e preparo de dados para relatórios, convencido da economia de tempo e energia que resulta de seu emprêgo. Podem ser realizados em diferentes situações:

a) No livro de classe, em aulas coletivas — para estudo e preparo de notas relacionadas a assuntos de outras matérias; como exercícios para correção de deficiências de compreensão; para recreação, utilizando as histórias, lendas e poesias que contenha.

b) Em livros de texto — seja em leituras individuais, seja em leituras de grupo, na escola ou fora dela, para a busca de informações e estudo de questões de interêsse da classe, como por exemplo: coligir dados sôbre determinado assunto, destacar trechos, procurar poesias, etc.

c) Em livros recreativos — por interêsse do próprio aluno ou solicitação do professor, quer na escola, nas horas de biblioteca ou em momentos de folga, quer em leituras fora do ambiente escolar.

As atividades a serem empregadas para verificar a interpretação do sentido da leitura silenciosa poderão ser as recomendadas para a série anterior.

Biblioteca de classe e Clube de Leitura — Para organização da primeira, podem ser usadas as indicações dadas às outras séries, com maior riqueza de material e variedade de assunto, devendo ser introduzidos antologias e livros de literatura brasileira, que permitam ao aluno entrar em contato com obras e autores nacionais.

As atividades da Biblioteca e do Clube de Leitura devem ser freqüentes e muito desenvolvidas, organizando-se sessões literárias, jornais de classe e da escola, e promovendo-se o intercâmbio entre as diversas turmas e unidades escolares.

D — ESCRITA

As sugestões feitas para o 3º ano prestam-se também para esta série, visando uma escrita mais uniforme e legível, traços

mais leves e regulares, preocupação estética relativamente à letra e à disposição do trabalho.

O uso da tinta deve continuar, agora, porém, com mais frequência.

E — COMPOSIÇÃO

Considerando-se que a criança da 4^a série já dominou as técnicas da leitura e escrita, tendo formado hábitos de leitura recreativa e variada, e adquirido o conhecimento de certas noções gramaticais, pode-se agora exigir dela um maior desenvolvimento nas composições.

Todo o esforço do mestre deve ser orientado no sentido de levar o aluno a usar linguagem precisa, correta, apresentando relativa riqueza de idéias.

O professor deve zelar para que a criança faça suas composições em situação tão real quanto possível, predispondo-a sempre ao trabalho, a fim de que ela sinta o que vai compor.

A correção dos trabalhos será feita como foi aconselhado no 3^o ano. Visando desenvolver a facilidade de expressão dos alunos é interessante que o professor leia, em classe, trechos de bons livros, como também apresente à turma as melhores composições das crianças, ressaltando as passagens que contenham expressões adequadas, linguagem rica, etc.

Além das atividades de composição apresentadas nas séries anteriores, sugerimos as seguintes:

- a) ordenar sentenças em série lógica, formando histórias ou descrições;
- b) pontuar uma história;
- c) fazer biografia de vultos brasileiros;
- d) transformar em prosa uma poesia;
- e) narrar fatos presenciados ou ouvidos;
- f) escrever sobre um fato histórico;
- g) fazer resumo de histórias e de trechos relacionados a qualquer matéria;
- h) fazer breves relatórios de excursões, visitas etc.;
- i) colaborar no jornal da escola, em trabalhos mais difíceis, como artigos de fundo, entrevistas, etc.;
- j) elaborar pequenos discursos para serem lidos em festividades;
- l) organizar programas para festinhas e estatutos para clubes, etc.;

com outras cidades e Estados, convites, avisos, telegramas e anúncios, motivados pelas atividades da classe.

Gravuras — Constituem no 4º ano, como nas outras séries, excelente material para composição. A técnica de aplicação é a mesma sugerida anteriormente, sendo interessante escolher gravuras que exijam mais da imaginação da criança, como, por exemplo, aquelas em que o personagem revela fortes sentimentos de alegria, tristeza, etc.

As gravuras históricas e as de cenas da natureza, costumes dos povos, etc., são de muito valor, prestando-se à ilustração das outras matérias do programa.

F — GRAMÁTICA

Através das aulas de leitura e das composições, o mestre fará com que a criança observe a função das categorias gramaticais e uma vez que já é conhecido o papel dos substantivos, adjetivos, pronomes e verbos, ela poderá ser levada ao conhecimento e emprego conveniente dos serviços, preposições e conjunções. Convém frisar sempre que é mais importante para os alunos a compreensão e uso correto das noções apreendidas, do que a repetição automática da terminologia gramatical.

É interessante fazer exercícios especiais de concordância verbal mais difícil; de substantivos coletivos; de verbos impessoais, etc.

O professor deve insistir nos exercícios de sinônimos e antônimos, acrescidos de outros sobre homônimos e parônimos.

A criança aprenderá a conjugar os verbos regulares, os auxiliares e os irregulares mais usados na linguagem, através dos exercícios de linguagem oral, composição, etc. Estas atividades só devem ser dadas, porém, quando fôr sentida a necessidade de seu uso, nunca se exigindo uma memorização mecânica.

G — ORTOGRAFIA

Na 4ª série é preciso que o aluno disponha de recursos que lhe permitam escrever quaisquer palavras. Este objetivo será alcançado pela intensificação do estudo da grafia dos vocábulos, levando a criança a induzir regras de ortografia e habituando-a ao uso de dicionário.

O professor deve insistir nos exercícios de divisão de sílabas e acentuação das palavras, como também nas demais atividades sugeridas nas séries anteriores.

VII — SUGESTÕES PARA A SÉRIE ÚNICA DO CURSO COMPLEMENTAR

1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

— Desenvolver, nos alunos, o hábito de leitura independente, incentivando-lhes o gosto pela língua pátria e pela literatura nacional e fortalecendo-lhes, corretamente, o sentimento de brasilidade.

— Despertar o interêsse pela boa literatura estrangeira traduzida.

— Aperfeiçoar a capacidade de ler e escrever, firmando nas crianças a compreensão do valor da leitura e da escrita, como instrumentos de recreação, intercâmbio social e auto-cultura.

— Sistematizar os conhecimentos gramaticais e ortográficos dos alunos, levando-os a utilizá-los como meio de eliminar os erros da linguagem falada e escrita.

— Enriquecer e aprimorar o vocabulário dos educandos, habituando-os a falar com acêrto e expressão e a redigir com bastante clareza, simplicidade e elegância.

2. MÍNIMOS A ALCANÇAR

Ao fim do Curso Complementar, a criança deverá demonstrar que:

— fala com clareza, empregando com propriedade as palavras de seu vocabulário;

— tem conhecimento de grande parte das obras de literatura infantil, existentes em seu meio, e revela interêsse pela literatura nacional e estrangeira, ao alcance de sua compreensão;

— compreende a utilidade e necessidade da leitura, como instrumento de aquisição de informações, como fonte de recreação e aperfeiçoamento intelectual e moral, tendo já formado o hábito de recorrer a livros de texto, dicionários, enciclopédias, etc.;

— lê oralmente, com expressão, trechos acessíveis, em prosa e em verso, sabendo transmitir o sentido do texto lido;

— apresenta, na escrita, a lápis ou tinta, as qualidades essenciais de legibilidade, boa disposição no trabalho e velocidade;

— escreve corretamente o seu vocabulário corrente, possuindo recursos para conhecer a grafia de palavras desconhecidas;

— escreve cartas e faz composições, com unidade, clareza, correção gramatical e relativa riqueza de idéias, revelando certa habilidade na redação de atas, relatórios e similares;

— tem sistematizado o conhecimento das noções gramaticais aprendidas, sabendo empregar a terminologia própria;

necessária.

3. SUGESTÕES DAS ATIVIDADES E ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

A — LINGUAGEM ORAL

Cabe ao professor de curso complementar tarefa das mais importantes, qual seja a de incentivar no jovem, que vai deixar a escola primária, um profundo interêsse pela sua língua e o desejo de bem empregá-la, proporcionando-lhe os meios que lhe permitam, agora e no futuro, desenvolver e aperfeiçoar seus conhecimentos.

A leitura das obras de literatura nacional e o conhecimento da vida dos grandes estudiosos da nossa língua constituirão os meios mais indicados para o alcance deste objetivo.

Todas as atividades de linguagem oral, anteriormente recomendadas, têm sua aplicação no curso complementar.

Conversas — Nesta série, deve-se permitir aos educandos maior independência na orientação dêsse tipo de atividade, dando-se-lhes a incumbência de elaborar, em conjunto, os planos de palestras em auditório. Estas devem ser organizadas em maior número possível, envolvendo assuntos mais complexos que os utilizados nas séries precedentes.

Através delas, poderá o professor aquilatar do desenvolvimento da linguagem oral a que chegaram seus alunos.

Convém que as palestras sejam faladas e não lidas, devendo, entretanto, ser usados esquemas, preparados de antemão, o que muito auxiliará o aluno na apresentação do tema.

A direção do jornalzinho da escola, da biblioteca e dos clubes, cabe geralmente aos alunos dos últimos anos escolares, de modo que os trabalhos daí decorrentes devem ter um lugar de relevo no plano geral do curso. A criança precisa ser estimulada no sentido de empenhar-se para o desenvolvimento destas instituições e dar conta de seu trabalho ao professor, aos colegas e interessados.

B — LITERATURA

Ainda que a criança tenha poucas possibilidades de ler grandes obras da literatura nacional, já lembramos ao professor de 4º ano a necessidade de despertar o interêsse pelas mesmas. No curso complementar, êste interêsse deve ser intensificado e o pro-

que possível, porém, as levará a classe onde todos poderão dispor delas. Como um dos objetivos máximos do curso primário é dar ao aluno bons hábitos de leitura, o professor deve proporcionar-lhe padrões de literatura para orientação posterior. A leitura de livros recreativos e obras de literatura concorrerá para o aperfeiçoamento moral e intelectual do educando, preenchendo convenientemente as suas horas de lazer, e desviando-o, assim, de outras atividades, talvez menos sadias.

A criança que termina o curso primário ou prosseguirá seus estudos, ingressando nos cursos de nível médio, ou iniciará imediatamente o trabalho com fins econômicos. Por esse motivo, no curso complementar, precisa adquirir conhecimento das ocupações, profissões, etc. Dêsse modo, será aconselhável que o professor selecione, para a leitura, temas de composições e palestras, trechos interessantes, crônicas, artigos, poesias, livros que avivem a noção da dignidade e do valor do trabalho, em geral, fortalecendo o sentimento de brasilidade dos alunos.

Uma vez que o aluno já conheça ou tenha a indicação de boas obras da literatura nacional, convirá apontar-lhe e dar-lhe conhecimento de algumas das mais belas criações de autores estrangeiros traduzidos, que estiverem ao alcance de seu desenvolvimento. Levar-se-á, assim, o educando a desenvolver e apurar o gosto estético capacitando-o a reconhecer e preferir a boa literatura.

Dramatizações — O emprêgo dêste tipo de atividade pode ser bastante intensivo nesta série, usando-se a técnica preconizada precedentemente. Os temas poderão continuar sendo os mesmos já sugeridos para o 4º ano: lendas, mitos, histórias interessantes, fatos históricos. O professor poderá insistir nos dramas literários acessíveis já recomendados naquela série.

Naturalmente, estas atividades ficarão condicionadas às situações ambientes e, assim sendo, mesmo na escola mais humilde, poder-se-á chegar a fazer um trabalho proveitoso para a educação da criança.

Poesias — Considerando-se que o aluno do curso complementar vai se aproximando da adolescência, idade em que geralmente se acentua o gosto pelos versos, já agora esta atividade poderá ser mais desenvolvida.

Existem muitas poesias de valor entre as quais o aluno poderá selecionar as mais belas, organizando seu album e o da escola.

A vida e obra dos grandes poetas e escritores brasileiros deverão ser conhecidas pelas crianças, na medida de suas possibilidades.

É conveniente estimular os alunos que revelem aptidão especial, fazendo seus trabalhos, fazendo crítica e aperfeiçoamento.

C — LEITURA

O desenvolvimento e o enriquecimento do programa realizado até o 4º ano elementar deve ser o objetivo primacial do curso complementar.

A aprendizagem das técnicas de leitura e escrita e os hábitos e atitudes indispensáveis ao bom leitor já devem estar firmados; o professor, entretanto, se interessará por descobrir quaisquer deficiências e as corrigirá, podendo aproveitar-se das sugestões apresentadas para os outros anos.

Os temas de leitura oral, nesta série, deverão ser, preferentemente, extraídos de livros da literatura nacional, procurando-se também despertar o interesse pela literatura estrangeira ao alcance dos alunos, como já foi aconselhado.

A rapidez e a compreensão na leitura silenciosa precisam ainda ser desenvolvidas por meio de exercícios especiais, à semelhança dos recomendados nas outras séries, utilizando-se, porém, material mais complexo. Os alunos devem ser habituados a medir e a registrar o seu progresso.

O uso de índices, dicionários, enciclopédias e outras fontes de informação deverá ser intensificado, tornando-se atividade familiar ao aluno o cuidado de tomar notas e coligir dados.

Biblioteca de classe e Clube de Leitura — A biblioteca de classe será um dos grandes atrativos do curso complementar. Sua organização e manutenção estarão sob o controle direto dos alunos, havendo já a separação dos livros informativos e recreativos, que serão classificados por matéria e assunto, organizando-se fichas bastante completas. Nesta série, a biblioteca já deverá contar com maior número de livros de literatura propriamente dita, principalmente de autores nacionais, podendo ser incluídos exemplares de bons livros de literatura estrangeira, traduzidos e acessíveis à capacidade dos alunos. Estes, mediante trabalhos de pesquisa sobre a vida e obra dos autores, poderão organizar antologias de classe e palestras a serem desenvolvidas nas sessões do Clube de Leitura. Daí surgirão outras atividades, como por exemplo: palestras, comentando livros lidos; grupos de estudos, tendo como tema leituras feitas etc.

D — ESCRITA

Aplicam-se a esta série todas as sugestões apresentadas para o ano precedente.

E — COMPOSIÇÃO

Este tipo de atividade deve ser desenvolvido, obedecendo à

técnica já recomendada, levando-se os alunos a usar expressões elegantes e precisas, como também linguagem gramaticalmente certa. Nesse sentido, muito concorrerão os hábitos, que vêm sendo fixados, da leitura de bons livros, da correção de erros cometidos e, principalmente, o interêses que o professor conseguir despertar nos alunos pelos trabalhos a serem realizados e pelo progresso conseguido.

Torna-se, ainda, necessário habituar a criança à redação de composições do tipo formal como atas, requerimentos, etc., o que será de grande utilidade na vida prática.

Além dos exercícios já sugeridos, podem ser lembrados os seguintes:

- a) estudo de casos curiosos de pontuação;
- b) respostas a questionários de vários tipos;
- c) dissertações sôbre assuntos das várias matérias do programa;
- d) elaboração do jornal da escola (redação de artigos, resumos de notícias de jornais de adultos, etc.);
- e) complemento de histórias;
- f) resumos de trechos longos;
- g) redação de composições, após pesquisas individuais ou de equipes (costumes antigos, festas típicas, etc.);
- h) inquéritos sôbre atividades e preferências de pessoas das relações dos alunos;
- i) redação de cartas às autoridades, pessoas gradas, etc.

Gravuras — Nesta série, ainda se deve persistir no emprego de gravuras, seguindo-se a mesma orientação preconizada anteriormente.

Poder-se-á, porém, exigir dos alunos trabalhos mais desenvolvidos: assim, podem ser escritos contos à vista de uma gravura sugestiva; um quadro histórico pode motivar descrições interessantes ou narrações sôbre os costumes da época, etc.

Os concursos de histórias e contos estimularão a classe a um trabalho ativo e proveitoso.

F — GRAMÁTICA

No curso complementar, já pode ser exigido do aluno o uso da terminologia gramatical.

As noções de gramática continuarão a ser dadas, através das conversas, das aulas de leitura, de composição, etc., tendo sempre como ponto de partida a própria linguagem das crianças.

Para revisão do que ficou aprendido, poderão ser feitos exercícios sôbre os seguintes pontos:

- a) categorias gramaticais;

- b) regência e concordância;
- c) emprêgo do acento indicativo da crase;
- d) conjugação de verbos pronominais, defectivos e irregulares;
- e) ligeiras noções de análise sintática;

G — ORTOGRAFIA

Os exercícios de ortografia no curso complementar serão semelhantes aos sugeridos no 4^o ano. O uso de dicionário e o conhecimento das regras ortográficas permitirão aos alunos escrever quaisquer palavras, com facilidade, sem intervenção direta do professor. Portanto, deverão ser intensificados os exercícios para o emprêgo dêstes instrumentos, fazendo-se o aluno sentir a finalidade e necessidade dos mesmos.

Além dos exercícios recomendados precedentemente, aconselhamos ainda:

- a) pesquisa, em diferentes fontes de informação, das palavras de ortografia difícil;
- b) exercícios individuais, de acôrdo com as dificuldades de cada aluno;
- c) exercícios com palavras que tenham afinidades ortográficas;
- d) ditados de trechos literários;
- e) ditados de têrmos técnicos, usados nas demais matérias, etc.

S O C I A L

REVISTA DO ENSINO, órgão essencialmente dedicado ao magistério do Estado é com prazer que regista, com seus cumprimentos, os aniversários das seguintes professoras ocorridos em:

— JULHO —

- 1 — Zélia Ferro Novais
- 1 — Amália Fragoso Nunes
- 2 — Filomena Marques de Oliveira Santos
- 3 — Ivonete de Oliveira Costa
- 3 — Mari da Cruz Farias
- 4 — Consuelo Rocha Souto
- 4 — Jaci Portela Matos
- 5 — Nilda Calumbi Luz
- 5 — Neurides Protásio de Oliveira
- 6 — Idenilda da Silva Lima
- 8 — Felisdona Araújo da Silva
- 9 — Araci Pereira da Silva
- 9 — Ana Sales Mota
- 10 — Bertilde de Barros Dantas
- 10 — Maria Alice Barbosa Falcão
- 10 — Judite Matos Bastos
- 11 — Argentina Procina de Souza
- 11 — Luiz Acioli da Silva
- 11 — Angelita Vieira de Souza
- 12 — Olivia de Castro Lemos
- 12 — Maria do Carmo Casado Silva
- 12 — Neusa Gomes Ribeiro
- 13 — Inês Santiago de Maira
- 13 — Maria Ester Fonseca de Vasconcelos
- 14 — Irene Maia de Oliveira
- 14 — Ligia Cooper
- 15 — Natália de Mendonça Ataíde
- 15 — Gilca Maria de Carvalho Barros
- 16 — Maria do Carmo Souza
- 16 — Alzira Maria da Silva Dias
- 17 — Anita do Nascimento
- 17 — Vanda Ramos de Oliveira

- 17 — Maria José de Oliveira Chagas
- 17 — Josefa Tenório de Oliveira
- 18 — Marina Gomes Araujo
- 21 — Zuleica Berto da Silva
- 21 — Margarida Lopes Lima
- 21 — Maria do Carmo Barros de Araújo
- 22 — Natália Costa Amorim
- 22 — Maria das Dores de Lima
- 22 — Alice Ferreira Freire
- 23 — Júlia Alves Bonfim
- 23 — Nílza Freitas dos Santos
- 24 — Vandite Bezerra Figueiredo
- 24 — Eloisa Soares Barros
- 25 — Dulce Barbosa Silva
- 26 — Guiomar de Gouveia Bezerra
- 27 — Maria Malta Correia das Neves
- 27 — Armênia Cerqueira de Albuquerque
- 28 — Aurea Vieira de Novais
- 28 — Alaide Pereira do Rocha Leite
- 29 — Izaura Barbosa da Silva
- 30 — Helena de Araújo Tavares
- 31 — Maria do Carmo Gusmão
- 31 — Luiza Ilza Canuto de Amorim

— AGOSTO —

- 1 — Iracema de Lemos Souza Pereira
- 5 — Ilza Gomes
- 5 — Odete das Neves Bonfim
- 6 — Lourdinete Rodrigues da Silva
- 6 — Luiza Lima Santos
- 6 — Maria José Lopes do Nascimento
- 6 — Isaura Pinheiro
- 6 — Lídia Pedrosa Navarro
- 7 — Jaci Vieira de Carvalho
- 7 — Luzinete Duarte Cavalcante
- 8 — Edite Brandão Barreto Barros
- 8 — Clerilda Casado Lamenha Couto
- 8 — Ilza Correia das Neves Leite
- 9 — Eurides Protásio Oliveira
- 9 — Jorcelina Vieira Barroso
- 11 — Ester Azevedo
- 11 — Ivenilda Cordeiro
- 11 — Cecília Rocha Barros
- 12 — Eliete Correia Santos

- 12 — Maria José Santos de Assis
13 — Maria Helena Luz
13 — Imilse Cox Viana
14 — Cleonice Lisboa Tavares
14 — Lucila Santos
15 — Lucila Correia Haeusler
15 — Carmélia de Gusmão Bezerra
15 — Enide de Lima Ribeiro
15 — Helena Gomes
16 — Elisete Cavalcante Moura
16 — Maria Rodrigues Lima
17 — Cacilda Cariri Costa
18 — Vanda Moraes Tobias
18 — Helena de Alencar Ferreira
18 — Laura Dantas Santos da Silva
18 — Irene Sales da Silva
20 — Isabel dos Santos Pacheco
20 — Luiza Messias da Rocha Lima
21 — Elza Lopes Sales
22 — Maria Carmelita de Albuquerque
22 — Maria Emilia Ataíde de Oliveira Belo
23 — Teresinha Alves Cavalcante
23 — Ananete Lima de Macedo
23 — Nadir Pereira Alves
23 — Nair Pereira Alves
24 — Raimunda Galindo Martins
24 — Vanda Rodrigues
24 — Eluzanira de Almeida Carvalho
24 — Argentina da Boa Morte
24 — Nadege Silva Araujo
25 — Maria Anunciata Lima de Oliveira
26 — Hermelinda Fazio Arecipo de Barros Teixeira
27 — Laura Nabuco de Melo Valente
27 — Lindinalva Medeiros Santa Cruz
30 — Irene Ferreira de Oliveira
30 — Luzinete da Silva
31 — Maria José de Castro Andrade
31 — Anatilde de Lins Cedro
31 — Alda Silva Tenório de Lima

- 1 — Niza Lopes de Miranda Cabral
- 1 — Maria Emilia Souto Rodrigues
- 3 — Maria Gildete Tavares de Lima
- 4 — Oscarlina Cesar
- 5 — Dalva Vanderlei de Medeiros
- 6 — Eliza de Lima Bonfim
- 6 — Maria Leal Feitosa
- 6 — Josi Maria da Silva
- 7 — Argentina Freitas dos Anjos
- 7 — Adélia Silva
- 7 — Augusta Gomes de Oliveira
- 9 — Dersina Campos de Carvalho
- 10 — Billê de Barros Lima Prado
- 10 — Norma de Araujo Parra
- 10 — Ilná Santana Santos
- 10 — Maria Alice Costa
- 11 — Antônia Lins Lopes Ferreira
- 13 — Eunice Paes de Lima
- 13 — Josete Calheiros Pinto
- 13 — Maria Carmelita Pereira
- 13 — Iracema Salgueiro Silva
- 14 — Maria José de Souza Sarmento
- 16 — Olimpia Neusa Silva Santos
- 16 — Deodata Paes e Guia
- 16 — Alaide Silva Alves
- 17 — Vandete Lucio Lins
- 17 — Constantina Falcão Moreira e Silva
- 18 — Guiomar Costa e Silva
- 18 — Maria Benedita Silva
- 19 — Elza Borges
- 20 — Clotildes Barros Lima
- 20 — Ivete da Silva Paranhos
- 20 — Janine Silva Oliveira
- 21 — Maria Audite Vanderlei
- 21 — Zelica da Silva Menezes
- 23 — Maria Cavalcante Almeida
- 23 — Maria Tereza de Lima Bastos
- 24 — Maria das Mercedes Sobral
- 25 — Clélia Mendonça Lima
- 25 — Maria Teresa de Carvalho Jatobá
- 26 — Maria José Feitosa
- 26 — Média Cavalcante Albuquerque
- 27 — Mirian Monteiro da Silva
- 28 — Conceição de Maria Guimarães

- 28 — Maria de Lourdes Silva Lima
29 — Isabel da Rocha Cerqueira
29 — Maria José da Rocha Barros

— OUTUBRO —

- 1 — Maria Batinga de Nazaré
2 — Luci Gama de Araújo
4 — Francisca Botelho Barbosa
4 — Luzinete dos Anjos Bezerra
4 — Aristela Monteiro da Silva
4 — Ana da Fonseca Pino
6 — Maria José Vasconcelos
6 — Flora Guimarães
6 — Maria de Lourdes Silva
6 — Maria de Lourdes Rodrigues Fonseca
7 — Elza Barbosa da Silva
7 — Flora Jambeiro Gomes
7 — Lídia de Vasconcelos Clemente
7 — Jaci da Costa Aires
8 — Natalícia Lopes de Almeida
9 — Maria de Lourdes Nunes da Silva
9 — Judite Silva Maranhão
10 — Hélia Lisboa de Almeida
10 — Inalda Uchoa de Macêdo
11 — Maria José Pimentel Vasconcelos
11 — Josefina Lima e Silva
12 — Maria José da Silva
14 — Maria Vitória de Aranha Falcão
15 — Dolores Batista de Nazaré
15 — Enadir Guimarães Loureiro
15 — Antônia Barbosa Bezerra de Mélo
15 — Lindinalva de Oliveira Pinto
16 — Etelda Amorim Vasconcelos
16 — Enaura Ramires Martins
17 — Oraidá Campos de Paula
18 — Maria Cristina Vieira Cavalcante
18 — Diva Barbosa Alcantara
19 — Zuleide Oliveira Costa
20 — Maria Orismida Torres Padilha
20 — Nilza Batinga Fernandes
20 — José Cordeiro

- 22 — Iracema Vieira Rocha
22 — Maria Noêmia de Castro
23 — Janira Oliveira Pinto
24 — Clóris Amâncio da Silva
24 — Maria Alena Lisboa Melo
24 — Ranúzia Ferreira Casado de Souza
26 — Helena Casado Miranda
26 — Antônia Gouveia Nunes Vieira
27 — Olga Lisboa Calheiros
27 — Maria Benedita Barbosa
28 — Narcisa Lins do Nascimento
29 — Guiomar Almeida Peixoto
29 — Delzuita Braga Barros
30 — Dilza Vieira
30 — Dilza Gomes
30 — Noêmia Calheiros Barbosa
30 — Olívia Ferro Moura
30 — Carmelita Coelho Lima
30 — Zélia Alcina Leite
30 — Delfina Reis
31 — Maria Cordélia Pereira
31 — Diva de Castro Lima

— NOVEMBRO —

- 1 — Aurea Acioli Teixeira
1 — Cândida Ferreira Costa
1 — Maria Arabela Monteiro
1 — Maria das Vitórias Oliveira
1 — Vandete Marques Vieira
2 — Adelina Acioli da Silva Almeida
4 — Maria José Carrascosa
5 — Maria da Pureza Otacílio Avila
6 — Creusa Castro de Melo
7 — Antônia Persiano Toledo
9 — Adalgisa Sampaio Silva
9 — Maria de Lourdes Barreto Queiroz
10 — Amara da Cunha Costa
10 — América Fernandes Tórres
12 — Maria Conceição de Paula
12 — Carmosina Nunes de Oliveira
12 — Irandi Gomes Florentino
13 — Antônia Iracilda Santos
13 — Alice Sales
14 — Dalva Porto

- 14 — Maria do Carmo Casado Anta
 15 — Nair Gomes de Oliveira
 15 — Dulcina Farias do Amaral
 16 — Inês de Souza Castro
 16 — Leticia de Pereira Barbosa
 16 — Terezinha Honorato Torres
 17 — Helena Galvão Cavendish
 17 — Elisa Ribeiro de Albuquerque
 18 — Inês Moraes Martins
 18 — Maria de Lourdes Lins Ataíde
 18 — Nadir Belo de Lima
 19 — Zoraida Pontes do Nascimento
 19 — Etelvina Cardoso Vanderlei
 20 — Haidée Silveira Nolasco
 21 — Gercina Benício de Melo
 21 — Maria Cleone Martins Costa
 21 — Eloisa de Melo Silva
 22 — Eunice Cavalcante Vanderlei
 22 — Maria José Pereira de Castro
 23 — Maria Helcias Freire
 23 — Berenice Viana Leite
 23 — Elza Lopes Soares
 23 — Janira de Mendonça Braga Lima
 23 — Maria Isabel Filha
 24 — Enaura Pinheiro da Silva
 24 — Lucila Batista de Nazaré
 25 — Maria José de Oliveira
 25 — Alba Cavalcante Cerqueira
 26 — Belinaura Ramos de Aquino
 26 — Cecília Brito de Queiroz
 26 — Margarida Silva
 28 — Coralina Sampaio Plech
 28 — Maria do Carmo Ribeiro Costa

— DEZEMBRO —

- 1 — Nilza Menezes Espindola
 2 — Dalila Vanderlei de Gusmão
 3 — Josefa Marques de Melo
 4 — Maria Wilma Vasco Aragão
 5 — Rita Correia Monteiro
 5 — Ana da Silveira Costa
 6 — Maria Lúcia Sampaio
 6 — Djanira Navarro Falcão
 6 — Maria Cardoso de Oliveira Marques

- 7 — Maria Decollete Castro de Almeida
- 8 — Elizabeth Consuelo de Mesquita Leite
- 8 — Maria da Conceição Nabuco de Melo
- 8 — Francis Fialho
- 9 — Maria Vitória de Souza Santos
- 10 — Maria Mercedes Ribeiro
- 10 — Jandira Silva
- 11 — Sinésia Maria de Oliveira Gomes
- 11 — Ella Pereira da Cunha
- 14 — Maria Carmelita Cardoso Gama
- 16 — Maria Luiza Bastos Silva
- 17 — Rizele Leitão Cavalcante
- 18 — Edna Xavier Soares
- 20 — Argemira Medeiros de Castro
- 20 — Lúcia de Lima Castro
- 21 — Clélia de Albuquerque Maranhão
- 21 — Georgete Castro de Almeida
- 21 — Natércia Serpa de Menezes
- 21 — Maria Celeste de Mendonça Uchoa
- 25 — Maria José Lima de Vasconcelos
- 25 — Adersina Limeira
- 25 — Nígia Soares Leite
- 26 — Maria da Penha Amaral Silva
- 26 — Maria de Lourdes Rêgo
- 27 — Hígia Ramalho de Castro Vasconcelos
- 28 — Adalgisa Medeiros Barros
- 28 — Júlia Lima e Silva
- 28 — Doralice Vieira da Silva
- 28 — Altina Eudécia Calado de Farias

- 8 — Elisabete Consuelo de Mesquita Leite
8 — Maria da Conceição Nabuco de Melo
8 — Franci Fialho
9 — Maria Vitória de Souza Santos
10 — Maria Mercêdes Ribeiro
10 — Jandira Silva
12 — Sinésia Maria de Oliveira Gomes
12 — Edla Pereira da Cunha
14 — Maria Carmelita Cardoso Gama
16 — Maria Luiza Bastos Silva
17 — Rizete Leitão Cavalcante
19 — Edna Xavier Soares
20 — Argemira Medeiros de Castro
20 — Lígia de Lima Castro
21 — Clélia de Albuquerque Maranhão
21 — Georgete Castro de Almeida
21 — Natércia Serpa de Menezes
21 — Maria Celeste de Mendonça Uchoa
25 — Maria José Lima de Vasconcelos
25 — Adersina Limeira
25 — Maria Soeiro Leite
26 — Maria da Penha Amaral Silva
26 — Maria de Lourdes Régo
27 — Hígia Ramalho de Castro Vasconcelos
28 — Adalgisa Medeiros Barros
28 — Júlia Lima e Silva
29 — Doralice Vieira da Silva
29 — Altina Eudocia Calado de Farias.

CASA RAMALHO EDITORA
Rio de Janeiro - Macéió